Dezembro,
Segunda quinzena
1975
Nº 1

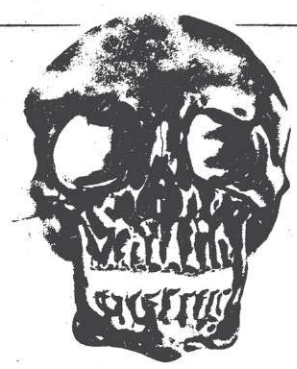
$ 6

LEIA

Pais-Am

ex.
EDITORA LTDA.
selo de garantia

ISSO É QUE É!



A volta do pilantra Simonal

"Quer saber se sou informante do DOPS? Vai lá procurar minha ficha".

Página 16

O pau que Godoy levou!

O momentoso caso do ex-vereador de Apucarana que denunciou prefeito e apanhou no quartel.

MATANÇA

Quase dois mortos cada três dias: 198 crimes do Esquadrão, só este ano, no Rio.

Página 9

Não perca!

Preto é gente!
Cante com Ex-!
História Nova!
Fala o povo!
Comicus!
E apresentando:
Frango Caipira!

VIRAMOS O VELOCIMETRO: FALTAM NOVAMENTE 100 ANOS

PARA O NOSSO PRÓXIMO CENTENÁRIO! MAIS UM Nº1 SAÚDA OS LEITORES, OS JORNALISTAS, OS AMIGOS E PRESTA HOMENAGEM À IMPRENSA NANICA: MILLÔR FERNANDES AQUELE ABRAÇO!

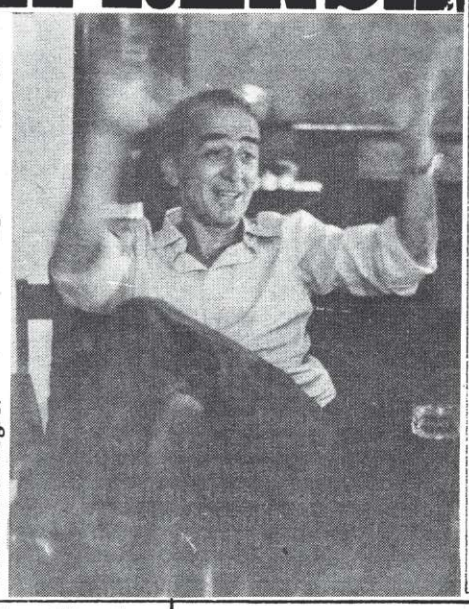
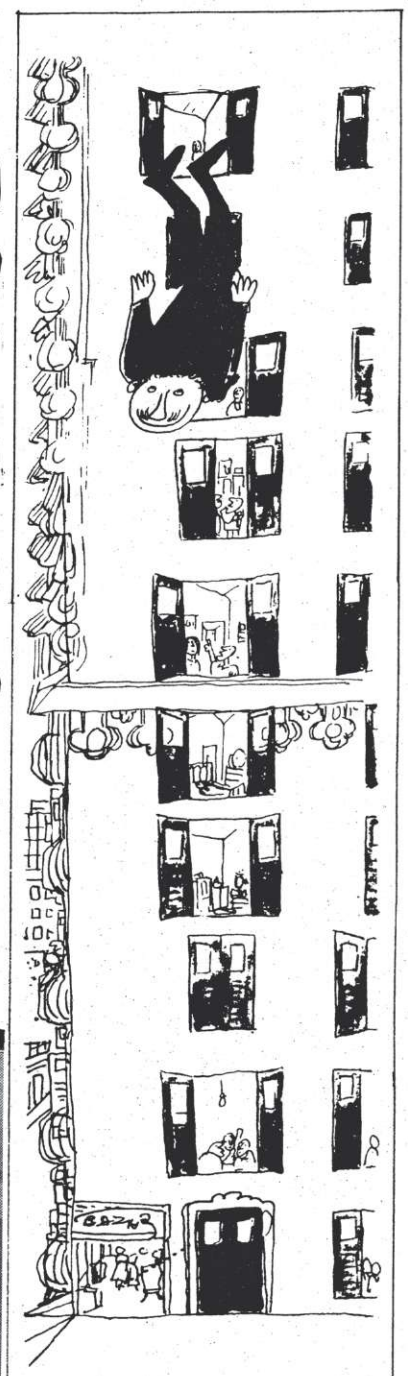


Foto: Elvira Alegre.



E depois vem a história do otimista que se atirou do último andar do edifício Avenida e, quando ia passando pelo décimo, murmurou, satisfeito: "Bem, até aqui, tudo bem".

N. R. — Triste país êste em que os otimistas se atiram do alto dos edifícios.

O Pif-Paf nº 3, 1964.

Sacanagem, Millôr, escolhemos você como patrono de MAIS UM número 1. Nem sequer avisamos. Mas, enfim, você mesmo disse que todo homem tem o sagrado direito de torcer pelo Vasco na arquibancada do Flamengo (10º Mandamento da Revista Pif-Paf, 1964).

Por que você? Por seus 35 anos de imprensa profissional, por se considerar um franco atirador e um liberal radical; pelas compozissõis infãtis, pelos panos rápidos, por este slogan: "Imprensa é oposição. O resto é armazém de secos e molhados"; pelos pensamentos sem dor e por essa falsa cultura; por Liberdade, Liberdade, por Um Elefante no Caos, pelo homem do princípio ao fim; pelos clássicos e as fábulas; por Voga, revista "estilo Time/Veja" que você fundou em 1951, que durou cinco números e ainda pode ser lida sem vergonha; pelo Pif-Paf, o primeiro jornal quinzenal independente lançado após 1964, que durou 8 números; pelo Pasquim, que você fundou; e principalmente porque nós queremos.

Vai desculpar, Millôr, mas no ano em que a imprensa independente é batizada de nanica, cresce e se multiplica, só podia ser você. Encontramos apenas um Millôr; e, como você disse no Supermercado nº 1, em 1968, na revista Veja, único lugar onde você trabalha hoje, já não se fazem Millôres como antigamente. E, na semana em que lançamos MAIS UM, você nos alerta para as emoções que se avizinham: vem aí 1976. Vamos lá, Millôr, não vamos perder mais este.

MAIS UM-EDITORES: **Hamilton Almeida Filho/-Narciso Kalili/Mylton Severiano da Silva/Paulo Patarra/Amancio Chiodi/Dácio Nitrini/Palmério Doria de Vasconcelos/Armindo Machado/Luiz Guerrero/Alex Solnik/Vanira Codato/Claudio Faviere/João Antonio/Jayme Leão/Hilton Libos/Jota/Marcia Guedes/Monica Teixeira/Ivo Patarra/-Gustavo Falcon/Agliberto C. Lima/Luís Pontual/José Trajano/Elvira Alegre/Gabriel Romeiro/Waldir de Oliveira/Luís Câmara Vitral/Elifas Andreato/Octavio Ribeiro/Joel Rufino dos Santos/Sergio Fujiwara/Vilma Grizysnk/João Otavio/Nival Manzano/e Millor Fernandes (homenagem).**

MAIS UM **é uma publicação da** EX-EDITORA Ltda., **Rua Santo Antonio, 1043 - CEP 01314, SP. Tiragem: 30 mil exemplares. Distribuição Nacional: Abril Cultural e Industrial S.A., SP. Composto e impresso nas oficinas da PAT – Publicações e Assistência Técnica Ltda., rua Dr. Virgilio de Carvalho Pinto, 412, SP.** **Nenhum direito reservado.** **Dezembro, segunda quinzena. Ano 1, número 1.**

Estimado senõr Patarra:

Me es muy grato informale que la Junta de Directores, en su reciente reunión en São Paulo, aprobó su afiliación a la Sociedad Interamericana de Prensa. Bienvenido a la SIP! Nos felicitamos por contar com su valioso apoyo y colaboración en la tarea interminable, pero tan necesaria, que nos hemos impuesto. En breves días la oficina matriz le enviará um certificado de afiliación y otro material sobre la SIP. Espero que tendremos el placer de verlo en alguna de nuestras asambleas. La reunión de medio ejercicio se verificará del 5 al 8 de abril en Kingston, Jamaica, y la anual del 11 al 15 de octubre en Williamsburg, Virginia. Hasta tener la oportunidad de estrechar su mano, reciba un cordial saludo de su colega y amigo,

a) Raymond E. Dix, Presidente da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), Miami

LEITORES

LEIA Pais&Filhos

PUBLICAMOS AQUI, EM PRIMEIRA MÃO, TRECHO DA CARTA ABAIXO: "OS PROFESSORES ESTÃO COM SALÁRIO ATRASADO HÁ 4 MESES".

Está se repetindo este ano uma irregularidade que parece estar se tornando uma característica administrativa da Puc: os professores estão com seus salários atrasados há exatamente 4 meses. Desde o mês de agosto esse pessoal não vê a cor do dinheiro que a Pontifícia Universidade Católica lhe deve. Há três anos estudo na Puc e desde o 1º ano (Básico) ouço essa mesms estória: "estamos sem receber há 2 ou mais meses".

Não sei onde a Administração foi arranjar a idéia de que professor vive de brisa; mas por outro lado, pode apoiar-se no fato comprovado de que esses professores não dão aulas apenas na Puc. Mas isso não é relevante para provocar uma total falta de organização, e pior ainda, uma atitude arbitrária, pois são os professores de Letras apenas que não recebem e não lhes é dado saber o motivo. (...).

A Fundação São Paulo fez um empréstimo com a Caixa Econômica Federal para financiamento das anuidades dos alunos; e apesar de todos os contratempos e dificuldades, alunos e CEF têm conseguido se suportar mutuamente.

Talvez baseada nesse fato, decidiu fazer coisa mais ou menos semelhante no caso dos salários atrasados. Tenho boa memória, e passo a transcrever mais ou menos os termos do documento:

Um professor inocentemente ousou acreditar no lampejo de benevolência da Administração, e foi até a Caixa para pedir um "adiantamento" dos salários atrasados. Qual não foi a sua surpresa ao ser convidado pelo gerente a esquecer o assunto empréstimo definitivamente.

Alguém proporia então: "Talvez se se fizesse um ligeiro protesto...!"; não acabou de falar, pois a sala dos professores ficou vazia, e os que ficaram mudaram logo de assunto para ñao se comprometerem. (...)

Mas no fim, também aos mestres o decreto lei 477 estende seus longos braços justiceiros e vergonhosamente parciais, impossibilitando qualquer reação.

a) Cereni Lipo, SP.

Gazineli, Belo Horizonte.

FOI SÓ PENA QUE VOOU! PAU EM NÓS, PAU NO PASQUIM, PAU EM TODA A IMPRENSA NANICA. MAS NÓS RECONHECEMOS: ÀS VEZES É SALUTAR.

Primeiro vocês mataram o Francis (logo o Francis, vejam a obra dele, as prisões, as polêmicas, as idéias, haverá entre vocês alguém mais vivo?). Daí o Pasquim gozou vocês nas cartas do Edélsio "Ivan Lessa" Tavares. Vocês não gostaram, paulistas que são, fiquei sabendo pelo Ex-15, que tinha também uma insinuação que o Ziraldo "trabalha" para as multinacionais. (Quem que há de? Vocês escovam os dentes com o quê? A off-set que imprime vocês é nacional?).

No Ex-16 então o jogo ficou claro. A carta do leitor anti-Pasquim, o deboche ao Jaguar na reunião da SIP e por fim a "morte" do Ivan Lessa. Pobres, nanicos, censurados, com medo, e ainda por cima brigando entre si!! Não, não, não culpem apenas o governo, o dinheiro (dos outros), a polícia, a censura, os Estados unidos, pelos males que lhes acontecem.

a) Xicho Eiras, Belô

Em função da carta apresentada pelo leitor Sérgio Buarque Gusmão:

– Por que o Pasquim, que se diz da imprensa livre e jornalistas idem, e ainda sai sem censura-prévia, se omitiu sobre os acontecimentos em torno da morte de Vladimir Herzog?

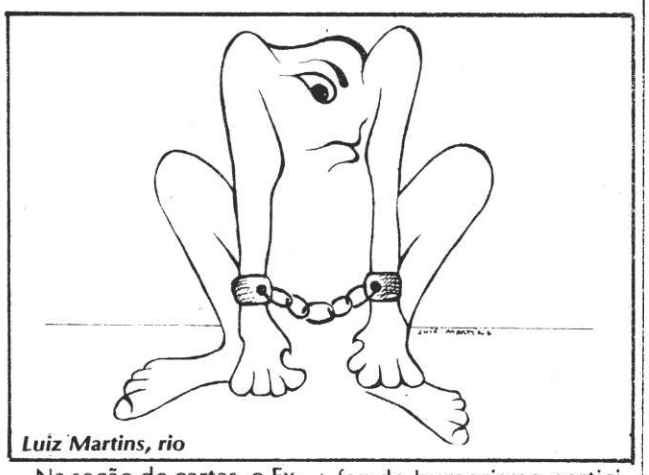
– Por que o editor do Pasquim (o tão bem falecido Ivan Blota Júnior Lessa) não tem o mínimo respeito pela pessoa humana e ousa fazer um nota fúnebre sobre o caso, que achincalha com a verdade? E ainda mais – omite a verdade?

– Por que esse editor (que deveria estar criando os programas de humor a serem apresentados na futura TV-Silvio Santos) tem o desplante de fazer humor-negro – através de suas ridículas fotonovelas – com a morte desse grande cineasta que é o Pasolini?

E agora, já não se precisa mais finalizar cartas como o fez o leitor Sérgio Buarque de Gusmão: "... desoladamente"; não é mais preciso, pela própria atitude dele em escrever.

Com todo o respeito pelos trabalhos de vocês,

a) Alaor de Morais Gentille, Rio.



Luiz Martins, rio

Na seção de cartas, o Ex-16 trazia a contribuição de um leitor (cujo nome consta do próprio expediente do jornal) – SÉRGIO BUARQUE, que eu acredito, precisaria uma maior reflexão. A idéia é boa e válida, porque instiga o debate (que é o que estou fazendo através desta carta), mas o resultado da carta dele foi bem aquém do que se esperava, porque pautou unicamente por atacar pessoas (alguns **inatacáveis)** numa análise bem emocional.

Eu concordo inteiramente, quando se critique a maneira pela qual o jornal O PASQUIM noticiou a morte do jornalista Vladimir Herzog, e mais ainda, quando fez pior sobre a morte de PASOLINI.

Basta compararmos o Pasquim e o jornal Movimento e será nítida a diferença de abordagem do problema sobre a morte do P.P. Pasolini. Um traz uma análise séria e impessoal e o outro, **avacalhado, debochado, pessoal e bem reacionário.** Isso aí deve ser combatido.

Mas não em chavões igualmente pessoais a Glauber Rocha (gosto de todos os seus filmes), e a Ziraldo (que apesar de vender personagem pro Governo – isso não é suficiente para negar todo o seu seríssimo trabalho combativo de charge, diariamente no JB; e nem mesmo o Pererê é a mesma coisa que o Tio Patinhas. O Pererê, apesar de estar no mesmo esquema de comercialização de massa, é um quadrinho nacional, diferindo bastante da MÔNICA do Maurício de Souza).

E muito menos o Jaguar é um mero contador de anedotas. Vocês desconhecem, por exemplo, o "Bar São Jorge"?"Os Chopnics"? Se isso é mera anedota, então tudo o que se faz de humorismo participante no Brasil é anedota. O Fradim e o Zeferino do Henfil, os desenhos do Ziraldo e os cartuns do Caulos, então são meras anedotas.

Não me levem a mal, eu estou com vocês – em quase tudo –. Mas péra lá, vamos devagar com a louça. Vamos apontar erros, mas não se aproveitar dos erros de um (como é o caso do Ivan Lessa), negar todo o trabalho participante dos outros.

a) Vera Elrindo, Rio.

CONGRESSINHO

O que parece ser o mais importante hoje é o seguinte: Ex e Pasquim fazem parte de um mesmo (e espremidíssimo) limite de resistência da imprensa democrática nese país. Por isso, tanto Ex como Pasquim têm hoje para o Brasil um vbalor inegável. E o leitor leva isso muito a sério. Compra o Ex, compra o Pasquim, o Opinião, o Movimento. Pode achar o Opinião mais empostado que o Movimento, o Movimento mais paternalista que o Pasquim, o Pasquim mais careta que o Ex, ou o Ex muito desbundado. Tem suas preferências, evidente. Mas quando compra um, outro ou todos, está de uma forma ou de outra se alinhando. Basta comprar e está tomando uma posição. (...)

Que no paraíso, devidamente vestidos com asinhas, os senhores Ivan Lessa, Jaguar, Hamilton Almeida e Dácio Nitrini passem momentos de êxtase debatendo sobre o sexo dos anjos, excelente!

Por que não gastar o mesmo fôlego gasto até aqui nessas discussões pessoais em um congresso nanico **da imprensa** nanica**? (...)**

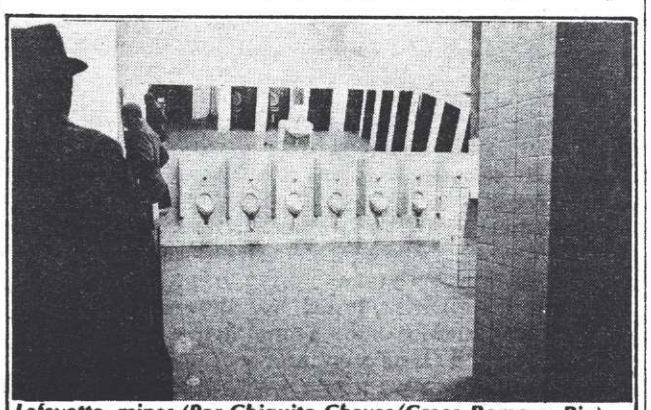
VIVA O EX! VIVA O PASQUIM! A) Douglas Guimarães, Rio

DEFINIÇÕES DE JORNALISMO: 1) IR, VER E TRANSMITIR; 2) O ENCONTRO DA LIBERDADE COM A LIBERDADE.

Ex entrou em mim no momento certo, no momento em que eu estava em conflito com o que me ensinavam e com o que eu refletia. No momento em que não aceito a idéia de que jornalismo é lead e sub-lead, mas é só o que vejo. No momento em que eu achava também que a fórmula Opinião não era a melhor, pois me parecia um jornal feito não por jornalistas, mas por especialistas em assuntos econômicos, políticos, etc. e por isso mesmo exaustivamente analítico. No momento em que o Pasquim estava sendo esmagado pela censura-prévia. No momento em que eu pensava nostalgicamente que jornalismo é repórter, é Realidade em 67/68 (que me impeliu definitivamente a fazer jornalismo), é ir, ver, viver, conviver, observar, sentir e transmitir. Ex surge e me mostra que tudo isso está vivo e acontecendo. Desde o "loucura" (Ex-7) não parei mais de ler vocês.

No momento em que (faltando 1 ano pra me formar) eu me conscientizo que o mercado apresenta mínimas condições de penetração e em que as perspectivas são mais negras que a negritude do olhar das pessoas com que cruzo na rua, senti vontade de escrever para vocês. Pra pedir que vocês continuem assim, apesar dos pesares. – a) **Guida Vianna, Rio**

Oi. O jornal de vocês é o encontro da liberdade com a liberdade. **a) Paulo Américo Bunsili, Belo Horizonte**



Lafayette, minas (Por Chiquito Chaves/Grace Romero, Rio)

TALVANI GUEDES DA FONSECA, QUEM DIRIA, ACABOU EM PERNAMBUCO. (TÍTULO RUIM, MAS ELE NÃO MERECE MELHOR.)

Anonimamente, o envelope chegado à redação continha recorte do jornal do Comércio, de Recife: um artigo do jornalista Talvani Guedes da Fonseca, chefe da sucursal da Editora Abril em Recife. Um trecho do artigo, primeiro de uma série de 3, publicado a 31 de outubro:

O jornalista Wladimir Herzog cometeu suicídio dentro de uma dependência do II Exército. Havia se apresentado às autoridades depois de ter sido procurado. Foi interrogado e confessou ligações com o Partido Comunista Brasileiro. Apontou nomes, indicou fatos. Depois, pediu para ficar só e cometeu o suicídio.

A partir da morte de Vladimir Herzog fica uma lição bem gravada: todo cidadão de bem deve confiar na autoridade. De cabeça erguida. Assumir seu erro se errou – mas, antes de tudo, pensar em seu país. Não interessa ao país a intranquilidade, o terror, o medo. Se Vladimir Herzog escolheu uma dependência militar para cometer o suicídio sua morte não mudará nada.

Foi um gesto seu, apenas seu. Ou a serviço de uma ideologia, de um partido.

Nunca a serviço do Brasil.

Devemos respeitar quem morre pela pátria. E lamentar a covardia de quem procura próprios mãos a própria morte. Porque o suicídio só tem lugar na história quando se reveste de um gesto de sacrifício. E todos sabem que o jornalista Vladimir Herzog não fez nenhum sacrifício. Nem foi, tão pouco, sacrificado.

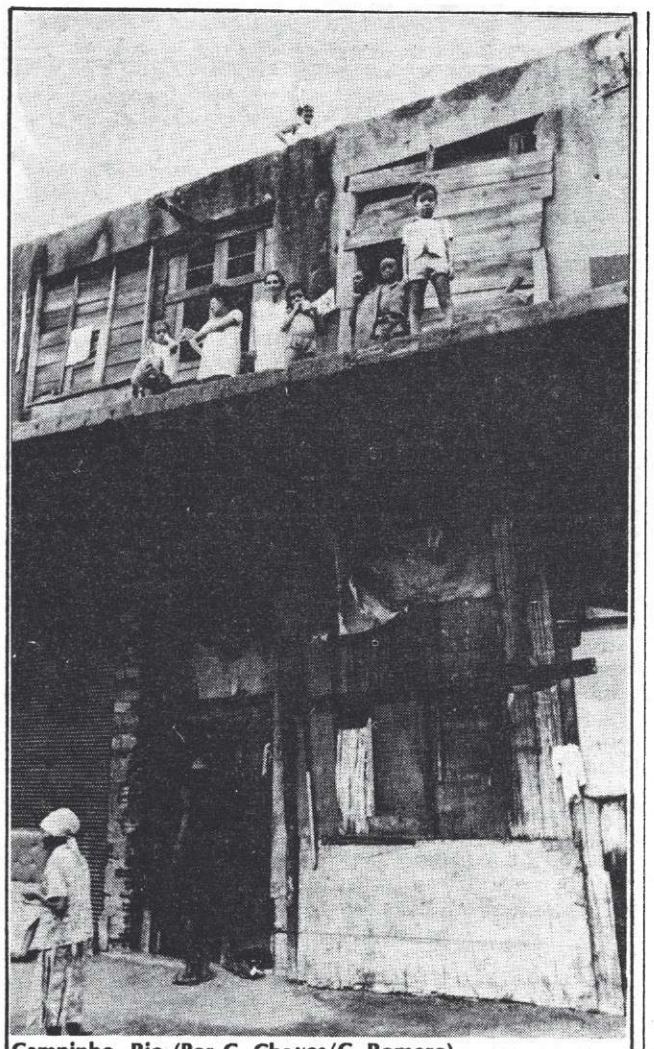
O que o George escreveu no Ex-16 é o que muita gente sente, mas pra escrever é preciso coragem. Por isso, tô escrevendo isso prá ele sacar que muita gente sacou: estamos com medo sim. Com tanto, que até afirmar isso por escrito dá medo. Mas você saiu do seu medo (ou o enfrentou) e escreveu pro jornal. Espero que você não tenha (a essa altura) "esquecido seus documentos em casa". Espero que você "esteja bem de saúde". E que eu também continue bem. George, um abraço. Ao Ex **Por motivos que vocês bem sabem, não mando meu nome completo. O medo é tanto...** a) Maria Antônia, SP.

LEITORES

LEIA Mais Um

EM CANDENTES PALAVRAS, MAS EM TOM RESPONSÁVEL, CINEASTA INDEPENDENTE VEM A PUBLICO DIZER QUE DEPENDE

Prezados leitores: tendo colaborado amigavelmente com o número 15 do jornal Ex, me acho no direito de desfazer certas dúvidas que me colocam numa situação um tanto quanto complicada, na medida em que ainda sou um cineasta INDEPENDENTE em vias de falência, motivada pela tal de abertura e pelo desenvolvimento tupi/guaraná do nosso processo industrial cinematográfico de padrão internacional. Contudo, quero deixar bem claro que, visto o entrave da relação de produção independente, motivada pela atuação criminosa de exibidores, distribuidores, produtores, diretores, técnicos e atores aliados às anomalias deformativas, repressivas dos países exteriores, neste momento em que tudo **é transformado em nada, ainda acredito na ação política do cineasta Roberto Farias, frente às suas responsabilidades na Embrafilme. Convivendo há 30 anos com a miséria nacional e com a brutalidade ocidental, vejo no sr. Roberto Farias a primeira e última saída, para que o processo cultural cinemaktográfico possibilite a existência de um cinema científico, rebelde, não burocrático, livre ao sonho e à realidade. A nossa escola é o Homem, a Mulher e o Prazer. O resto é o resto e eu prefiro trabalhar sem magias, elogios, vivendo ainda nesta velha relação de produção, segundo os moldes ideológicos de** de Hollywood. a) Luiz Rosemberg Filho, Rio.



Campinho, Rio (Por C. Chaves/G. Romero)

Preciso de ajuda, gostaria que publicassem esta nota: "Estou farta de conviver com gente ignorante, com pessoas que têm os olhos tapados. Se alguém quiser me escrever, o endereço é: Rua Nossa Senhora Achiropita, 28 São Paulo. Cep: 03159. a) Irene

ROSE, 21 ANOS, BONITA, ESTUDANTE DE COMUNICAÇÃO, NÃO SE SENTE FELIZ. TEM ALGUMA COISA ERRADA MESMO.

Aí vai um desabafo de uma infeliz que resolveu fazer um curso de comunicação social no Brasil. Há três anos venho procurando empregos nos jornais. Só não sou desempregada porque nunca fui empregada.

O sistema é muito bem montado. As peças funcionam. É...quer dizer, às vezes falta luz, falta óleo, os operários pedem aumento... mas a máquina continua funcionando e, por incrível que pareça, funciona muito bem para o dono delas.

O sistema me mandou estudar. Eu estudei. O sistema me mandou fazer especialização. Eu me especializei. Pronto, pensei. Sou produto bem feito, bem educado. Mas eis que o sistema não me enquadrou. Esqueceu o número 793.159.321/06 do sexo feminino, cor branca, 21 anos de idade, altura 1m e meio, solteira, sem nenhuma doença contagiosa, filha de pais classe média. Falei com o sistema:

– E o que é que faço agora? Nada? Como tem coragem de dizer isso? E o investimento que eu fiz? E as horas que gastei estudando, lendo, discutindo, sofrendo? Poderia pelo menos me dizer a que se deve essa crise de falta de emprego?

– Se você quer saber, é por causa da crise de petróleo, crise do carvão, crise do papel, crise da luz, crise do telefone, crise de superpopulação, crise nas fábricas... É POR CAUSA DA CRISE NO SISTEMA!

Saio. A cabeça não pára de latejar. Preciso comer, beber, morar em algum lugar. Não paro de ter pensamentos de morte. O sapato está furando e os meus pés ficam cada vez mais doloridos. Perto de uma lata de lixo vejo um velho de seus 40 anos. Está acabado. Em cada ruga de sua face vejo refletido o meu sofrimento. Olho bem para os olhos vermelhos do velho. Há uma identificação total – eu sou o velho e o velho foi o que restou dos seres humanos. **a) Rose Esquenazi, RJ.**

MANHÃ VAI NASCER DAQUI A 8 MESES. VOCÊ QUER?

Andando comigo tem um serzinho ainda em formação – motivo da minha reflexão. **Manhã** é o seu nome, escolhido no dia em que descobri que existia – há 5 luas. Gerada por um filósofo vagabundo e uma nordestina que enfrenta a cidade grande, **Manhã** é um embrião de sonho. **Manhã** é também uma proposta para aqueles que se dispuserem a amá-la. Está lançado o desafio – me dispondo a entregá-la pronta, daqui a 8 meses, com todas as disposições legais para sua adoção. **a) Por enquanto, prefiro ficar anônima.**

JOÃO ANTÔNIO

Malhação do Judas Carioca

NOSSO PRESENTE DE FIM DE ANO PARA VOCÊ É UM DOS GRANDES LIVROS DO ANO

"Malhação do Judas Carioca"
é a obra de maior impacto
de JOÃO ANTONIO,
autor de "Leão de Chácara"
e "Malagueta, Perus e Bacanaço"

LANÇAMENTO DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Pedidos pelo reembolso postal
à Editora Civilização Brasileira.
Rua da Lapa 120, 12º andar.

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

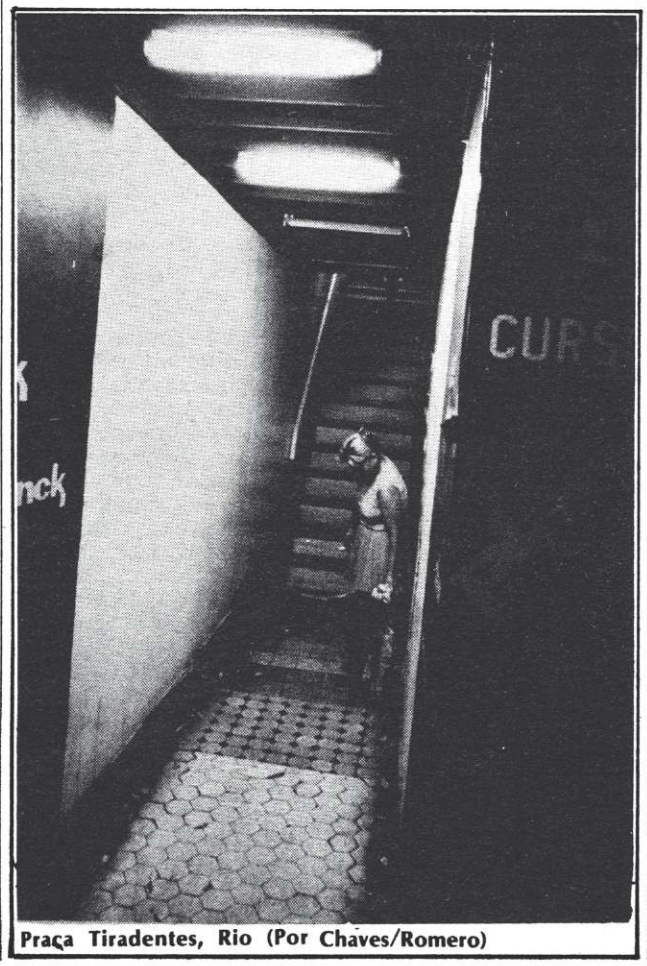
LEITORES

LEIA Mais Um

ASSESSORES DA REITORIA, EM LONDRINA, NÃO GOSTAM DE JORNAL ESTUDANTIL BEM FEITO. MAGNÍFICO, REITOR!

PARABENS TOTAL DESINFORMAÇÃO EX-16 VG, REALMENTE SALADA TOTAL PT APESAR MEMORAVEL LUTA COMPANHEIROS VG FONTES UTILIZADAS PARA DIDUGAÇÃO UNIVERSIDADE LONDRINA COMPROVAM FORÇA VIVA JUNTO ÓRGÃOS IMPRENSA PT GOSTARIA PODER RECEBER CAROS AMIGOS PARA VISITAR ET CONHECER UNIVERSIDADE LONDRINA DE PERTO VG COM DEFEITOS ET VIRTUDES VG EVITANDO ASSIM DESCREDITO EXCELENTE JORNAL JUNTO COMUNIDADE UNIVERSITARIA LONDRINENSE PT MARQUE DATA VG GARANTIMOS AMBIENTE AMIGÁVEL VG SEM GUARDA DE SEGURANÇA PT ABRAÇOS a) Cleto de Assis, assessor de imprensa e coordenador de assuntos culturais, da Fundação Universidade de Londrina, PR. **(NR: Logo após a saída do Ex-16, onde saiu reportagem sobre a Universidade de Londrina, saiu também naquela cidade o jornal Poeira, feito por estudantes universitários londrinenses. E, convocado pelo Magnífico Reitor Oscar Alves, da Universidade de Londrina, o presidente do Diretório Estudantil, Nilson Monteiro, ouviu de assessores que o Poeira estava "muito bem feito" para ser apenas um jornal estudantil. Os assessosres do Reitor sugeriram também que o Poeira está sendo feito com a colaboração do Ex. Segundo os estudantes, os aludidos assessores eram da Polícia Federal em Londrina.)**

Ex-1: Hitler tomando banho de sol. Um Ex magrinho na mão e a cuca fervendo. Fundamos um jornal aqui na Zona Norte. O jornal morreu antes mesmo de nascer. Morreu no ventre dos morros. Morreu no estômago que ronca feito cuíca. Como é duro ser folclore, meu Deus! O Ex tá engordando. Viva! Longa vida a vocês. Falem por nós. Falem por quem é o último que fala e o primeiro que dança. – a) Marco Antônio Farias, SP.



Praça Tiradentes, Rio (Por Chaves/Romero)

Persona

C. Chaves/G. Romero

PERIGO NO CARIBE: SE A GUATEMALA INVADIR BELIZE, O MUNDO LIVRE PODE FICAR SEM O DELICIOSO CHICLETE.

A mais importante colônia inglesa ainda existente nas Américas é Belize, vizinho ao México. Um processo curioso, porém, desenvolve-se ali: Belize quer a independência da Inglaterra, só que os independentistas preferem seguir sob o domínio (proteção, para eles) inglês. A razão: no momento em que os ingleses saírem, a Guatemala cai em cima dos belizenhos e nada de independência.

Em 1783, quando a Guatemala era importante província espanhola, a metrópole concedeu direitos aos ingleses para extrair madeira na região do rio Valis, hoje Belize. É bom lembrar que o México tinha também pretensões sobre parte da concessão. E a Guatemala, depois de sua independência em 1821, nunca deixou de exigir soberania total sobre seu território, pedindo cada vez com maior insistência a saída dos ingleses.

Durante estes quase 2 séculos de administração colonial inglesa, vieram parar em Belize importantes grupos de escravos negros, que saíam das Antilhas Britânicas (Jamaica, principalmente) para intensificar a produção madeireira. Lógico que, com eles, veio também a idéia comum de independência, o inglês como língua de todos e o costume de sentir-se parte do império britânico, e não da Guatemala.

Belize hoje tem 140 mil habitantes, descendentes de jamaicanos, maias e quichês (indígenas da região), pequenas colônias de mexicanos emigrados e grande número de mestiços mulatos. Todos distribuídos sobre um território pouco maior km2. Madeira ainda é a principal fonte de ingressos para o enclave, mas não deixa de ser importante a extração do chiclete (junto com o território guatemalteco de Petén, Belize representa a maior reserva de chiclete do continente). Aí está!

Para tratar de sua independência, Belize já bateu às portas da OEA e da ONU. Nada conseguiram. E, num esforço a mais, aproveitando a realização dos Jogos Panamericanos (outubro), o governador de Belize, George Price, visitou o México. Foi pedir ajuda ao presidente Echeverría. O mandatário belizenho justifica-se dizendo que, em 1821, quando a Guatemalamala proclamou-se independente, Belize já existia.

Mas nos mesmos Jogos Panamericanos, havia outra visita no México: o vice-presidente da Guatemala, Sandoval Alarcon (que em setembro último esteve no Chile como convidado de honra de Pinochet, na comemoração do 2º aniversário do golpe). E o que disse Alarcon? que não reconhece a autoridade de Price, outorgada pela Grã-Bretanha. E ameaçou: "Nada de independência, ainda que custe a vida de guatemaltecos." (A Guatemala, 4 vezes maior que Belize, tem 5.700.000 habitantes, numa proporção de 40 guatemaltecos para cada belizenho.)

Echeverria, o presidente mexicano, após dizer que os mexicanos não têm nenhuma pretensão sobre Belize, lavou as mãos: "Reconheço os direitos históricos da Guatemala sobre a região." E agora a sorte de Belize está entre a Inglaterra e a Guatemala. Se a Inglaterra optar pela retirada, concedendo independência ao enclave, os velizenhos vão ter que resistir à Guatemala pelas armas. Coisa que também não convém à Guatemala em crise – falta de emprego, miséria, subnutrição, fome, corrupção. Dificilmente Belize virá a ser um país independente; e, se resolver não brigar, passando pacificamente para a Guatemala, então os norte-americanos é que diretamente passarão a controlar o excedente econômico do "país" da madeira e do chiclete. **Alfredo D. Gonzalez, Cidade do México, México DF**

PIVETE DE 10 ANOS ASSALTA EM FORTALEZA E AINDA ENFRENTA 13 SOLDADOS E UMA RADIO-PATRULHA!

Eu sempre tive alguma coisa a dizer quando a Tchecoslováquia foi infamemente invadida, quando o Vietnam foi infamemente bombardeado de napalm e gases químicos (...) Eu não sou comunista, socialista, capitalista ou outra merda equivalente. O que quero é justiça, mas com uma détente na cara, o que fazer?

Envio esta carta (seguinte) a vocês, porque não sei o endereço da pessoa à qual escrevi:

Lêda: cada vez mais acredito em menos. Embora os ocultistas e profetas em geral creiam no Novo Mundo (quê você acha?), eu estou achando a coisa muito ruim mesmo, ou estou errando? Não sei se você leu ou viu falar na morte do Vladimir Herzog em São Paulo. Nao sei se você lê o Ex. Mas Ledinha, o medo é grande em toda parte, não é um sonho paranóico não, é uma realidade fundada. Aqui em Fortaleza de Nossa Senhora D'Assunção eu vi 13 soldados PM, juntos, com ódio, e uma Rádio Patrulha, em luta na Praça José de Alencar, em frente da igreja, raivosos e armados de revólveres, para agarrar um pivete de 8 ou 10 anos presumíveis, por roubo. **a) Edmundo de Souza Ferreira, Fortaleza.**

Muito obrigado pelo EXTRA nº 1 e por todos os Ex já publicados. Publiquem meu endereço pro pessoal me escrever. *a) D. Marques Galvão – Caixa Postal 49 – Cep 25.000 – Caxias – RJ.*

CIENTISTA BAIANO PEDE AJUDA: QUER FUNDAR NOVA CIVILIZAÇÃO NUMA ILHA DESERTA DO PACÍFICO.

Como cientista social, estou em fase de fundação de uma associação que pretende criar uma comunidade experimental. A associação que está em fase de fundação é de caráter internacional. A Associação Internacional Pró Comunidades Livres visa a criar uma comunidade experimental numa ilha desabitada do Pacífico Sul e para isto gostaria que as pessoas interessadas entrassem em contato conosco. É uma experiência de caráter científico que reune cientistas sociais, técnicos, médicos, engenheiros, advogados, gente do povo que, cansados das grandes metrópoles e da nossa civilização tecnocrata, gostariam de participar de um projeto pacífico, de formação de uma alternativa a esta maneira de vida conhecida. É um projeto de grande importância humanista. Nós pretendemos experiemtnar novas formas de convivência humana orientadas pelos mais altos ideais de respeito humano e da liberdade social. As pessoas interessadas devem escrever para Ricardo Líper, Caixa Postal 404, Salvador, Bahia, Cep 40.000.

Rir não doí: QI 14; Veríssimo, Fraga, Edgar Vasques, 14 humoristas dos bons num livro custando 30. E "Há Margem", depoimento-poesia de uma geração; 12 autores, seguindo a linha de Teia, 10 cruzeiros. (pedidos à Coletânea, rua dos Andradas, 1.117, PA). – a) Paulo Cezar da Costa, Porto Alegre.

Nenhum colégio tem o direito de tratar seu filho como máquina.

nexus

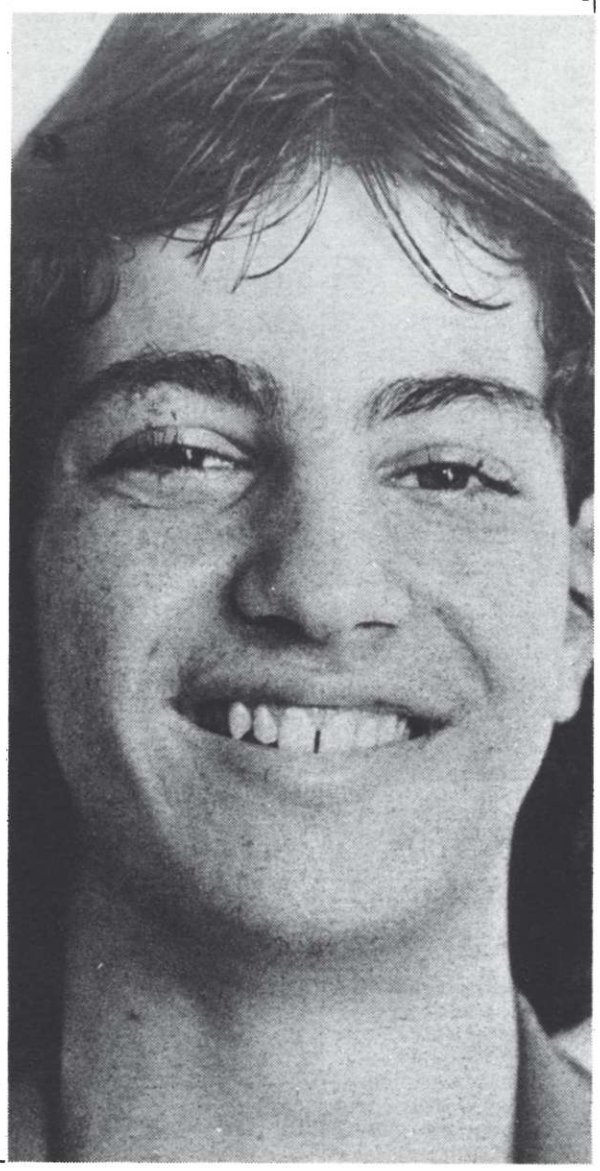
No Colégio Equipe seu filho é tratado como gente. Não como máquina de responder testes. Nem como um espectador passivo, que não tem direitos, que não participa.

Por isso, os estudantes do Equipe não recebem respostas prontas, mastigadas, sacramentadas. Lá eles são incentivados a pensar. A formar suas próprias opiniões. A criticar. A sentir e a criar. Com liberdade. E, principalmente, com responsabilidade.

O Equipe sabe que o papel do colégio é muito importante. São três anos de formação e informação que o aluno recebe. Que vão ser decisivos no dia-a-dia. Na hora de escolher uma profissão e de brigar por ela no vestibular.

Se você tem alguma dúvida sobre que escola escolher para o seu filho, discuta estas idéias com ele.

Senão, você corre o risco de se culpar a vida inteira.



Colégio Equipe

Rua Martiniano de Carvalho, 156, telefones 289-2709 e 289-2008. Venha de Metrô e desça na Estação São Joaquim.

O SEGREDO DA ROSA

...quando uma rosa pode ser uma arma contra você

UM FILME DE

VANJA ORICO

LEITORES

LEIA Mais Um

JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
5.ª CIRCUNSCRIÇÃO: LAGOA E GÁVEA
COPACABANA - RIO DE JANEIRO

NASCIMENTO N.º 244.853

DR. ROBERTO LUIZ FAUSTO JOBIM, Oficial da 5.ª Circunscrição do Registro Civil das Pessoas Naturais: Lagoa e Gávea

CERTIFICO que a fls. 123-V do livro N 633 do registro de nascimentos foi hoje registrado o assentamento de José Pedro Gollo.

nascido no dia vinte quatro(24) de outubro de 1975.

às 7 horas e 20 minutos,

na Policlínica de Botafogo, nesta Cidade.

do sexo masculino de côr branca filho

de Luiz Augusto de Azevedo Gollo.

e de Dalva Leite Carego.

sendo avós paternos José Augusto de Mello Gollo e Gladys Maria de Azevedo Gollo.

e maternos Dalton Carégo e Nemezia Leite Carégo.

Foi declarante o pai em 5/11/1975.

e serviram de testemunhas Gladys Maria de Azevedo Gollo e Atila Silvares Henrique.

Observações:

O referido é verdade e dou fé.

Isento do sêlo «ex-vi» do Dec. n.º 4.857, de 9-11-1939, art. 31

Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1975

O OFICIAL

LEONOR SAVASTANO
1º Substituto Autorizado

NASCE FUTURO LEITOR, JOSÉ PEDRO GOLLO

As três melhores matérias do ano na imprensa brasileira: a entrevista com D. Evaristo Arns e as reportagens sobre Cuba e Brasiguay. a) José Joffily Filho, Rio.

Estou interessado no jornal de música Rock. a) Icaro Lagrotta, Cambé PR. **(NR – Rock: Rua da Lapa, gr. 504 – ZC 06 – CEP 20.000 – Rio de Janeiro)**

NOSTALGIA NANICA: A MOÇA DE BRASILIA QUER GRILO E BONDINHO.

Vi o apelo da Ramparts. A gente tem chance de assinar a revista daqui??? Através do Bicho estou no meio de uma montanha de HQ e imprensa nanica que me chegam do Oiapoque ao Chuí. E vou redistribuindo as duplicatas. Só não consegui até agora o Bondinho e o Grilo. Alguém tem Bondinho e quer vender? a) Ana Lagoa, SQS 307, B, 103, P. Piloto, Brasília, DF, 70.000.

(N.R. – É só preencher o cupom do Ex-14 e enviar junto com o dinheiro para o endereço da Ramparts.)

RAPAZES PEDEM UNIDADE, POEIRA, OFICINA E OUTROS TRÊS.

Como fazer para obter os jornais: Unidade, Jornal da Cidade, Poeira, Viver/Londrina, O Domingão e Oficina Samba? a) Alfredo M.C. de Souza e Carlos Eduardo Correa de Toledo, SP. **(N.R. – Endereços: Unidade: Rua Rego Freitas, 530, sobreloja, SP;** Domingão: **Rua Álvares Cabral, 961, Ribeirão Preto, SP;** Oficina: **Rua Antonio Andrade, 13, Areeiro, Lisboa;** Poeira: **Rua Antonina, 1777,** Londrina, PR; Jornal da Cidade: **Rua do Socego, 803, Recife, PE;** Viver/Londrina: **r Pará, 1249, Londrina, PR.)**

QUE MAL FAZ UM DEBATEZINHO DE VEZ EM QUANDO?

Diariamente sentimos os efeitos da falta de professores, da falta de livros na biblioteca, da falta de aprendizado prático, que resultam num baixo nível de ensino. Além disso, vemos que tal ensino é orientado para formar o médico capaz de fazer diagnósticos difíceis, o que é necessário; mas a realidade brasileira é a existência de milhões de tuberculosos, chagásicos, esquistossomóticos, de uma mortalidade infantil que é uma das maiores do mundo, o que mostra claramente a necessidade maior de médicos que discutam a e contribuam para a resolução de tais problemas.

Esta distorção do ensino caracteriza a Universidade brasileira: é o arquiteto formado para fazer mansões quando faltam casas populares; o químico e o físico preparados para trabalhar nas grandes empresas, quando é necessário pesquisar para acabar com a dependência da tecnologia estrangeira espoliadora, como demonstra as multinacionais dos remédios que dominam o mercado e remetem para o exterior os lucros exorbitantes que aqui obtêm.

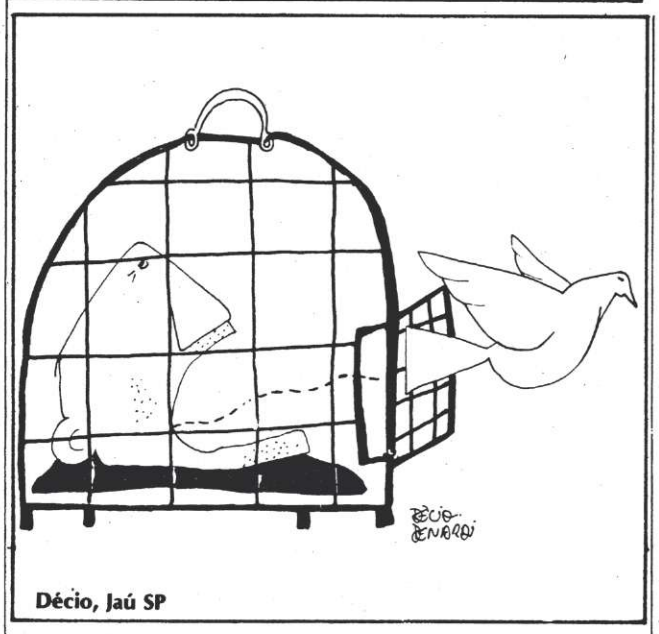
Cabe questionar então o que aprendemos numa Universidade. Como os estudantes em geral, vivemos a contradição de sermos parte de uma população que luta para elevar o nível de vida de todos e, no entanto, adquirimos conhecimentos que vão atender a uma pequena parcela da população que pode pagar pelos serviços de um profissional. No exercício da profissão, o médico, por exemplo, ainda que capaz e bem intencionado, não pode curar aqueles que não se alimentam. É claro que a falta de alimento não é da responsabilidade do profissional médico, mas é consequência direta da sociedade caracterizada pela assistência médica na mão de empresas que visam ao lucro, pela concentração de renda, pela espoliação das riquezas nacionais, da qual o médico, como ser social, faz parte e rem responsabilidades, como os estudantes. (...)

Então é muito importante que em cada sala de aula se discuta o nível do ensino que recebemos, o ensino pago, a quem vamos servir como profissionais. E o que podemos fazer para melhorar tudo isso. E da sala de aula podemos fazer estender, como colegas nossos já têm feito, para seminários, conferências e para encontros nacionais como o ECEM (Encontro Científico de Estudantes de Medicina) e como a Semana de Saúde Comunitária.

É necessário o livre funcionamento de todas as entidades representativas. É necessário a cabar com o 477 e o AI-5. É necessário eliminar a censura à imprensa, à música, ao teatro. É necessário o debate. **a) Jornal Perspectiva nº 1 Universidade de Brasília.**

LEITORES

LEIA Nais Um



Décio, Jaú SP

O QUERIDO LEITOR DIZ QUE NÓS TEMOS SANGUE; QUE SOMOS UM ESPELHO; E QUE O BARCO VAI AFUNDAR.

O jornal de vocês tá parecendo O Dia **(se espremer sai sangue). Naturalmente, o sangue que pinga é outro, sofrido e pisado na moral da carne. Mas cuidado com o espelho nu e cru que atrai todo o ódio e se impregna dele retornando mais uma vez a vocês e a nós leitores. Nós, supostamente contra o que se vê e se chora no espelho que é o Ex. Que ele, além de refletir, poderia transmitir estas energias pesadíssimas (...) Conscientização, mas também trasmutação do nosso ódio reprimido e manifesto em amor. Sem frescuras.**

Comentando a entrevista com o Dualibi, ele foi inteligente em dizer que recusava dar mais qualquer resposta porque "acho que a entrevista está carregada de pronceitos". Se deixasse ele falar mais, dar corda a ele, ele se revelaria muito mais, seria um documento mais limpo e objetivo da posição de um propagandista na sociedade brasileira (...)

Olha que a razão é a arma mais sensata.

Cuidado para não entrar no mesmo barco que eles, que este com certeza vai afundar. a) Paulo Luiz Barata, Salvador.

ATOR VIVENDO DE VENDER ROUPAS FEITAS, FAZ ALGUMAS CRíTICAS AO DIRETOR JOSÉ CELSO: "AMIGOS SE AFASTARAM E ELE NEM SE TOCOU!"

Calças jeans, camisa jeans, sapatos jeans, cuequinha jeans store última moda, 3 meses de Brasil, 2 meses trancado no hospital (sonoterapia, choque, o escambau a 4) e 1 mês de rua, empregos mis, 4, ginástica, jornal, Górki, conferências, baratos, jornal Ex. Sento no banco de imitação de mármore preto, irrequieto, paquero as empregadinhas, mas ninguém quer nada comigo, estou só há 2 meses, e procurando "sarna para me coçar". Como estarão os outros? – me pergunto sempre.

Fui ver um emprego, através do anúncio do jornal, na agência de imóveis a mafiosa Paulo Bustamante Empreendimentos Imobiliários. Uma sacanagem deslavada. A desvalorização humana. **Vendeu?, ganhou uma TV a cores!** Um tal de um corretor botar na do outro, de graça, que só vendo para acreditar. Aí, vai, ponha um terno e uma gravata, uma boa aparência, conhecimentos gerais e tudo pronto pra começar. Seu chefe: nada mais nada menos que o Carlindonga. **A partir de hoje você obedecerá e se guiará pelo seu chefe.** P. que p. a figura! Pra não me assanhar – dizem que quem procura acha – e enfiar na cuca uns planos homicidas contra o meu chefe, resolvi no 2º dia abandonar o campo de concentração (escritório) e tentar outro.

Volto pro banquinho. Estou novamente "on the road". Cacete, em algum lugar tem uma vaga para um rapaz, alto, 1m92, 25 anos, solteiro, olhos cabelos castanhos brasileiro, vacinado, com até vestibular de medicina, sem defeito físico, que precisa viver (e poder sair um pouco do seio familiar e procurar a sua turma), várias passagens pelo teatro (3 anos), cinema (2 filmes), televisão (2 propagandas), desfiles (10), um leve conhecimento de inglês – necessita empregar-se. Maiores detalhes telefonar de meio-dia às 14:30 para 256.8900. Aonde, mano? Assim nas bocas, de graça?

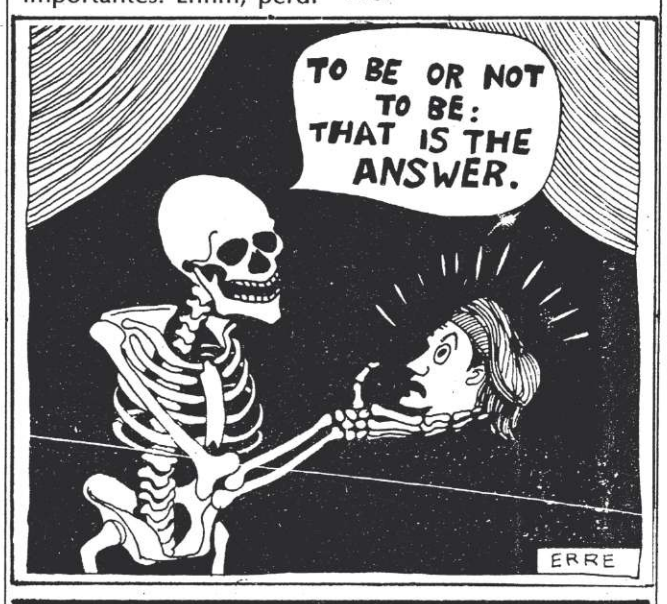
Aí, pintou uma transa, vender confecções femininas p/verão. Estávamos no início de outubro, topei. 20% de comissão. Merda (sem fixo). Ao ver as roupas, me liguei mais, pois tinha coisas desde indianas até as caretas e cafonas. Todos os gostos. Todos os tipos. Pronto, virei vendedor. Estamos indo de vento em popa; os baratos estão agradando bastante às pessoas, já falase em montar um atelier com capital quase nenhum. Vamos indo (...)

Ah, agora um retrospecto. (Começou o sambão no Rio. Escolas de samba mil.) Vim embora em julho, saí do Oficina. E como todo mundo é ex-alguma coisa, eu virei ex-Oficina. Aliás faz tempo que não era ouvido. Virei o último dos moicanos.

Hoje, abro o jornal pela manhã (JB) e vejo uma entrevista do Zé (NR **José Celso Martinez Correa, do grupo Oficina Samba, agora em Portugal)** falando, falando, falando. Resolvi ler, ao fazê-lo tive vontade de conversar a respeito com alguém. Não tinha, pois todos tinham uma opinião muito abstrata muito abstrata e não queriam se abster dela (e condenavam a minha), sobre a situação em que viveu o Zé Celso durante estes 3 anos, desde a separação do grupo, c/Renato Borghi (hoje em S. Paulo, com Esther linda) e outras pessoas, até hoje em dia, pois pela reportagem acho que pouca coisa mudou ou quase nada em relação de quando fui despejado pelo grupo numa ação do grupo! Acho que ele se deu muito mal, ao não tomar qualquer posição, nem se tocar ao ver que as pessoas com que ele mais contava foram se afastando dele, delicadamente ou não, caindo num círculo vicioso de relação. Está certo, ele sempre será pessoa importante, mas mesmo assim é bom sempre saber da real capacidade de quem está contigo.

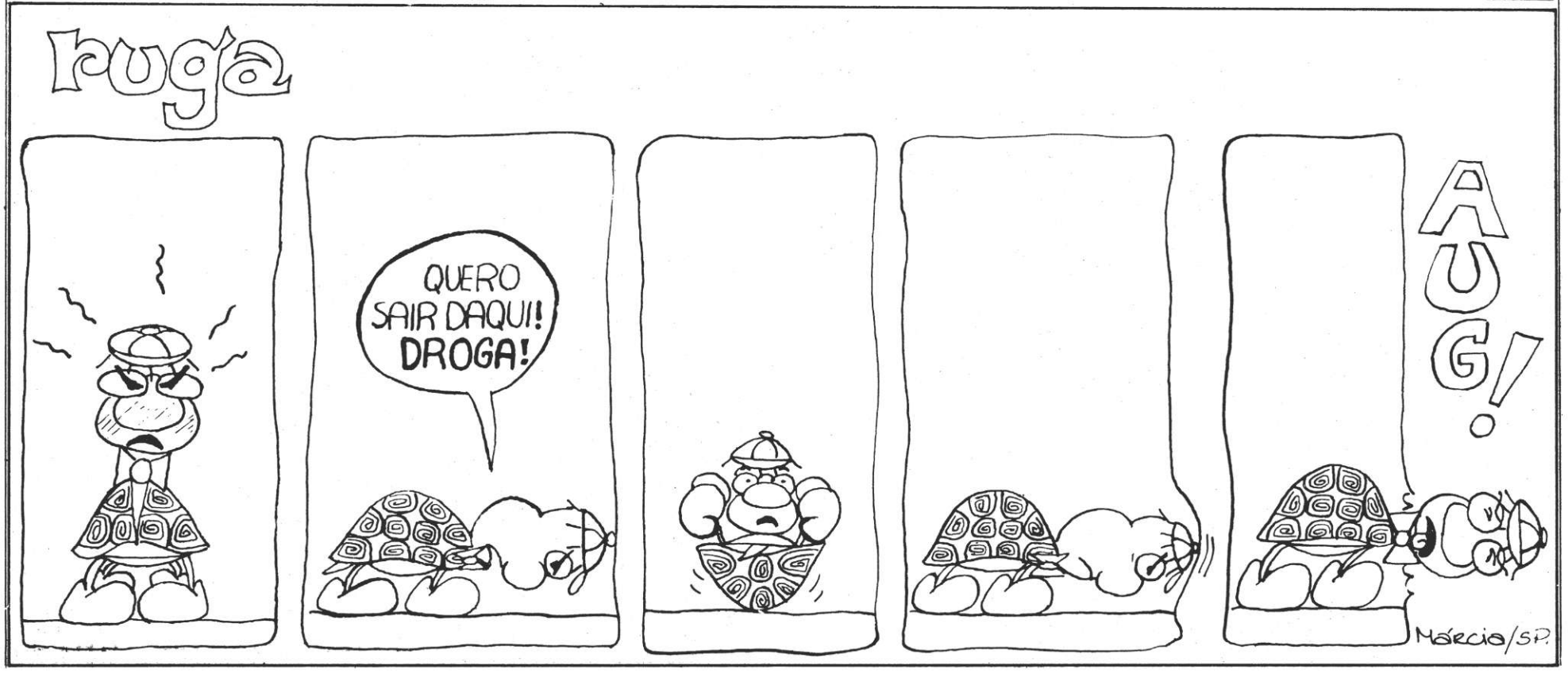
Sinto que são uns loucos, pois nada de coisas que tocam a criação se aprende no colégio, e o interesse real de cada um – sinto que é mínimo; pessoas que não passaram por processo algum, que têm sua mesadinha de 2.200 mensais, que não procuram tirar proveito de situações, por piores que sejam, de aprender coisas, se interessar por pessoas mais velhas e considerá-las como gente que já passou processos importantes, e que pode dar chaves para outras coisas também importantes. Enfim, perdi o crédito. (Pombas, um cara que em 71 tinha medo das pessoas e de sair nas ruas sambando, tem a coragem de vir dizer prá cima de **moi** que estou alienado e ele é que está sabendo e integrado no processo de integração cultural da ex-terra mãe. À quiuspariu! O irmão dele é outro, vai trabalhar para o Guilherme Araujo.

O teatro está morto, Viva o teatro! Pelo menos o da conscientização! Se não dá pra fazer o careta! Pelo menos algo para dizer que devemos enfrentar que estamos no fim, e vamos nos solidarizar e ver o que acontece. Só isso. Continuo trabalhando. a) Henrique Nurmberger, Rio.



Gostaria de adquirir números atrasados do EX. Dou em troca números atrasados do Pasquim. Os leitores interessados na troca escrevam-me. Meu endereço é o seguinte: Rua Alfredo de Morais, 776, Campo Grande, ZC 26. a) Dilon da Silva Gomes RJ.

Jornalismo é sonho. Censura é a realidade. Será que vocês me arranjam o endereço do jornal Cogumelo Atômico? a) Ariovaldo Alves, SP. **(NR – Cogumelo Atômico: rua João Luiz Gonzaga, 58, Caixa Postal 179 – 88350 – Brusque, SC.)**



RODRIGO FARIAS LIMA E FLÁVIO BRUNO APRESENTAM:

VIVA O CORDÃO ENCARNADO!

de Luiz Marinho – direção de Luiz Mendonça
O espetáculo teatral que ganhou 2 premios Molière Rio 74.
Trinta atores e músicos.
Tania Alves também está no cordão!
de 3a. a 6.a às 21 horas. Sábado às 20 e 22,30.
Domingo às 18 e 21 horas.
TEATRO APLICADO
AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 931.– fone 36-4496.

LIVRARIA CHRIS

NANICO É COM A CHRIS

Temos números atrasados do **Ex** e **Crisis, Cadernos de Crisis,** Publicações do **Quino,** Livros Latino-Americanos, de Arte e Comunicação. E mais: Números atuais e atrasados de todos os jornais **Nanicos.**
A Chris fica aberta todos os dias (inclusive sábados e domingos) até meia-noite.

Av. Paulista, 809 — São Paulo

rodrigo farias lima apresenta

mu
mu

de marcílio moraes o texto premiado pelo serviço nacional de teatro direção flavio rangel com osvaldo louzada ida gomes julia miranda andre valli cenario de gianni ratto figurinos de kalma murtinho no teatro nacional de comédia
3ª, 4ª, 5ª e 6ª as 21 horas sábados as 20 e 22 horas
domingo as 18 e 21 horas tel 224-2356
sob o patrocinio do serviço nacional de teatro pac dac mec

Ingressos à venda

Vamos criar juntos

A partir de janeiro o Centro Latino-Americano de Criatividade-Celac – vai juntas as melhores cabeças da América do Sul para ajudar a tua a criar mais.
Antes de começar a construção da sede do Celac, em Atibaia, ela já estará tratando de acertar a tua cuca: dia 6 de janeiro, Enrique Buenaventura vai dar o 1º passo, com um curso de criação coletiva para diretores de teatro. Buenaventura conhece: o pessoal do Teatro Popular de Cali, Colombia, onde é diretor, que o diga.
Vai ser tudo de graça para os diretores de teatro, mas pernas pra que te quero – porque o curso tem limite de 30 vagas.

Teatro Ruth Escobar
R. dos Ingleses, 209 — fone: 289.2358

(não se trata de galinhas nem vacas, por enquanto.)

LEITORES

LEIA Pais Cm

Peço os nº 2, 5, 6 (Ex) algum leitor que os tenha e queira transar. a) Hamilton Alem, rua Guilherme Marconi, 80 apto 206, cep. 20.000 RJ.

Benja, Belo Horizonte

DENÚNCIA: ALIENADO MENTAL É AGARRADO E LEVADO A FORÇA PARA O HOSPITAL; E PSIQUIATRA SE ENCARREGA DE AFASTAR O "INCÔMODO".

Como atua a Psiquiatria?

Uma pessoa não consegue mais suportar as tensões do meio onde vive, isto é, da sociedade e mais especificamente da família, entra em crise e é dada como doente mental. Seus comportamentos, por vezes "estranhos", são formas alternativas de expressão que denunciam toda a trama na qual está envolvida. Sob o ponto de vista psiquiátrico ela está "delirando" ou "alucinando", porque o que diz e o que faz não consta no rol das coisas ditas normais por determinada sociedade, em determinada época. Sua linguagem confusa não merece ser decifrada. É então internada no hospital psiquiátrico onde a relação médico-paciente (dominante-dominado) se concretiza. Torna-se um doente que nada sabe de si, nem dos outros nem daquilo que o cerca; tem comportamentos absolutamente imprevisíveis e não pode conviver num ambiente social. Perde portanto um direito básico, o direito da palavra, da vontade e da decisão.

É um **alienado mental.** Agarrado, geralmente pela polícia, é levado à força para o hospital.

O **Psiquiatra** vem então cumprir uma função social: afastar um "incômodo". É designado para segregar o paciente e lhe impor um tratamento. Impor porque, sendo alguém declarado doente mental, suas queixas não são mais ouvidas e tudo que fizer ou disser será enquadrado na lista dos sintomas e terá sua adequada medicação.

Pensar em tratamento psiquiátrico implica em pensar no conhecimento que a psiquiatria tem sobre doença mental – o **saber psiquiátrico.** Na prática hospitalar constatamos que o cerne deste saber é o diagnóstico. E diagnosticar é observar comportamentos e enquadrá-los num rol de sintomas que por si só definem determinado "tipo de doença". O saber psiquiátrico é portanto empírico e reproduz os dados aparentes sem nada abstrair da realidade, não-científico porque não explica essa realidade nem tem meios de atuar sobre ela, modificando-a. A supressão do sintoma é confundida com a cura. No ato de diagnosticar, o psiquiatra se defende da própria ignorância porque questionar seu saber é destruir o poder que lhe é dado sobre o paciente.

Maud Mannoni, psicanalista francesa, relata depoimentos de jovens médicos acabados de ingressar num hospital psiquiátrico;: "No começo é muito difícil entrar em contato com o sofrimento daquela gente. Mas, depois, quando vamos aprendendo quais os sintomas de cada doença e quais as medicações adequadas, vamos conseguindo nos libertar de toda esta sensibilidade inútil."

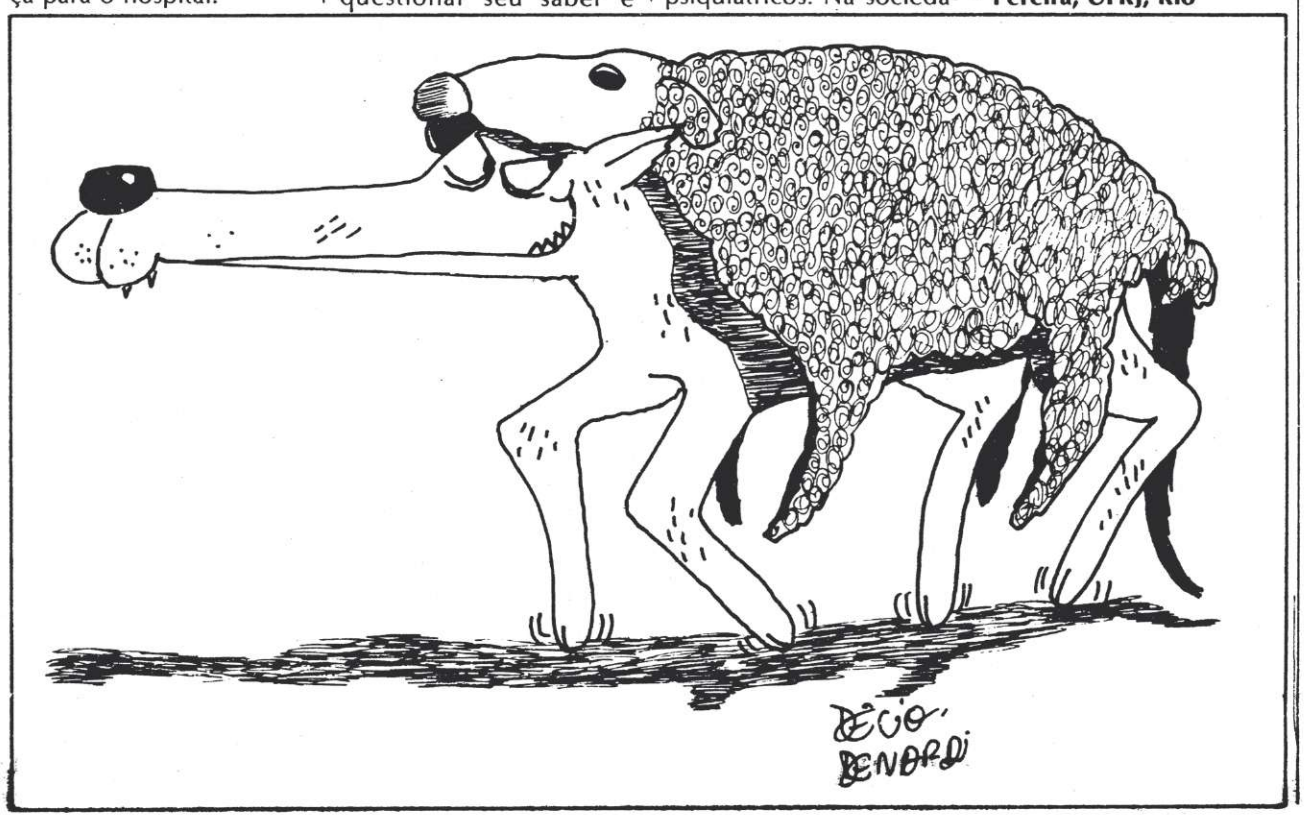
Mannoni serve-se destes depoimentos "ingênuos" para mostrar como a formação psiquiátrica é dirigida no sentido de despojar o psiquiatra da capacidade de entrar em contato com o Outro.

O saber psiquiátrico é portanto um saber não-científico a serviço da ideologia de exclusão da sociedade: ao rotular, afastar e alienar o paciente num sintoma, o psiquiatra cumpre funções sociais de excluir e segregar.

A psiquiatria age frente ao doente mental como detentora da norma da qual ele é infrator. Porém, a definição dos limites da norma é dada muito além dos interesses puramente psiquiátricos. Na sociedade, a função das instituições destinadas a organizar os "anormais" (prisões, manicômios) é dirigir tudo que se torna obstáculo ou que seja inútil ao processo produtivo. Anormalidade é quase sinônimo de não-participação no processo produtivo. Na prática hospitalar constata-se que as classes mais baixas preenchem a maioria dos leitos. A elite econômica detém certo poder perante o psiquiatra, mantendo uma relação de empregador-empregado. O poder psiquiátrico vê-se assim enfraquecido e o doente menos objetivado.

Desde a 2ª Guerra Mundial, os asilos clássicos vêm sendo mais "liberalizados" para atender à maior demanda de mão de obra. Restabelece-se o doente mais depressa possível para que ele volte a trabalhar.

Hoje pode não mais existir camisa de força, mas o problema central não é esse. O que deve ser posto em questão são os compromissos sociais da psiquiatria, diretamente responsáveis pelos critérios sobre os quais se fundamenta. **a) Alfredo Schechtman, Eliane Myriam Serfat e Cristina Mair Rauter Pereira, UFRJ, Rio**



ISSO É QUE É MATANÇA: O BALANÇO DE 74/75 ACUSA 198 MORTOS NA CONTA DO ESQUADRÃO, NO RIO. ESTARREÇA-SE COM AS CAMINHADAS DO CORONEL IVY TEIXEIRA XAVIER, ENTRE AS OSSADAS QUE VEM ENCONTRANDO EM SEU SITIO, NA BAIXADA FLUMINENSE, DESDE 1969. NÓS JÁ NOS ESTARRECEMOS

Os primeiros bandidos mortos, quase 15 anos atrás, entraram na conta do direito à legítima defesa – os bandidos atiravam primeiro, a polícia reagia. Os policiais que matavam, nessa fase "heróica", posavam para os jornais com suas armas nas mãos. Bons tempos, apesar de tudo, em que parte da população chegava a sentir-se protegida e aplaudia a lei. E a lei era clara: "Bandido tem que morrer".

Em 1961, metralharam o ladrão Mineirinho. Tinha 158 crimes nas costas, justificavam alguns. Três anos depois, Cara-de-Cavalo. Em 1966, corpos começam a aparecer boiando no rio Guandu. E, no fim da década passada, a Baixada Fluminense já está transformada em verdadeiro "cemitério sem muros". Na cidade de Caxias, o bandido Roncador é executado, sem nenhuma chance de defesa, em plena luz do dia e diante da população (o fato é contado por Percival de Souza, no livro Mil Mortes).

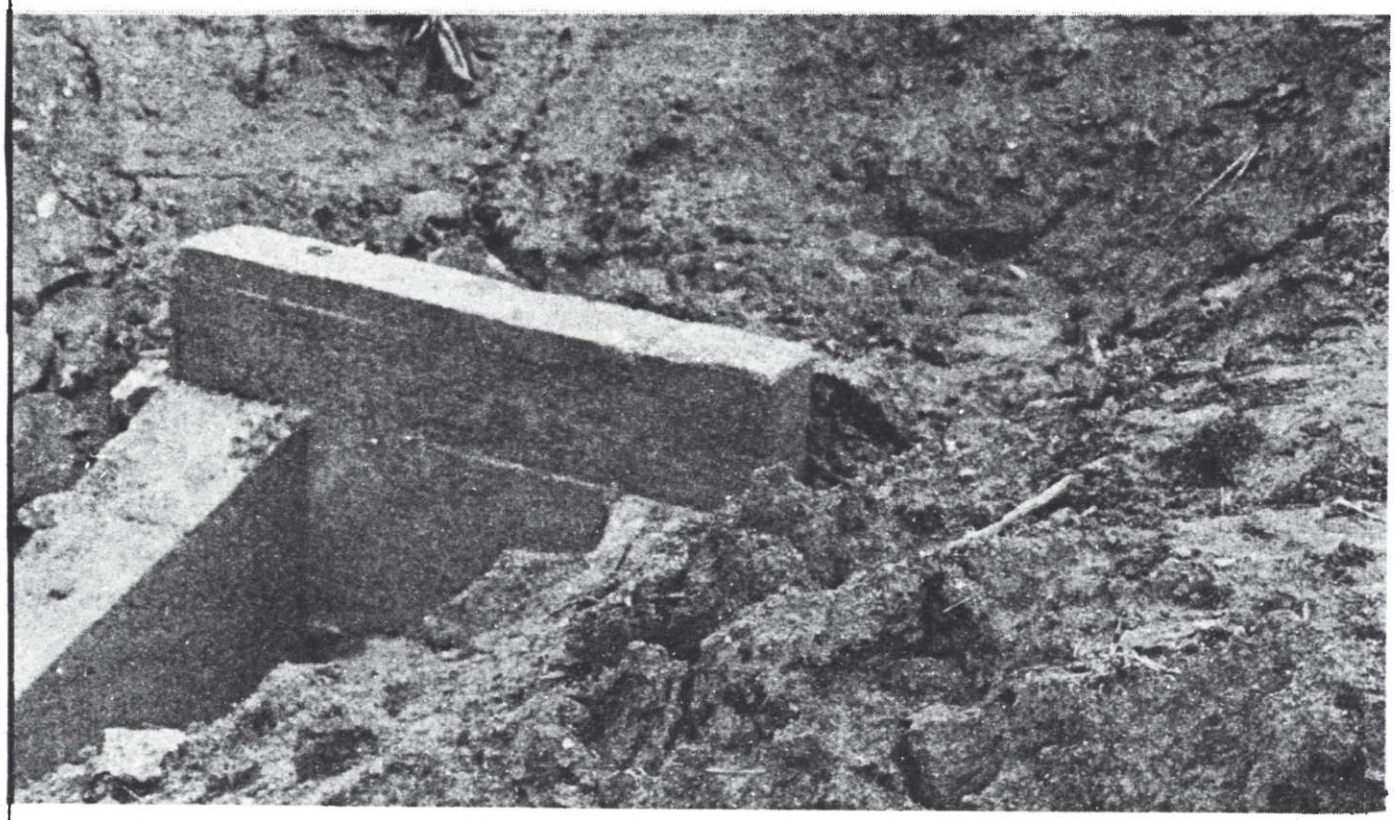
A lei "bandido tem que morrer" continua clara. Mas os executores há muito se esconderam no anonimato. "Mata-se com facilidade espantosa", escreveram nossos repórteres, "o negócio agora transformou-se em poderosa indústria da morte". Bandidos rasteiros são mortos para difundir o pavor entre a criminalidade e para encobrir o desaparecimento dos bandidos mais inteligentes, que conseguem grandes lucros; esses lucros têm o mesmo fim misterioso".

Os crimes do Esquadrão mereceram sempre a repulsa de toda e qualquer autoridade que tenha sido consultada a respeito. Mas a impunidade com que seus integrantes continuaram e continuam agindo pode levar muita gente a achar normal e natural qualquer ato ilegal de menor gravidade. Em Apucarana, no Norte do Paraná, por exemplo, agindo na clandestinidade e à revelia de seus superiores, um capitão prendeu um ex-vereador (visto na foto acima) e, aplicando-lhe choques elétricos, obrigou-o a assinar documentos que a vítima nem leu. Felizmente o ex-vereador não achou normal nem natural a brincadeira. E botou logo a boca no mundo (página 14), embora tivesse sentido muito medo.

Medo, mais do que medo, terror, eis onde leva o arbítrio, quando o arbítrio ainda por cima anda armado. A população paulista é testemunha: em recente pesquisa do Instituto Gallup, citada por jornais de São Paulo, o paulistano confessou que tem mais medo de defrontar-se com a polícia do que com um ladrão. Tem cabimento isso?

A reportagem é de Octávio Ribeiro e Cláudio Faviere. A ilustração é de Elifas Andreato.

MATA



Estamos numa sala pequena no 2º andar da delegacia. Um prédio de 3 andares, numa área de poucas casas, no Estado do Rio. O dono da sala é um policial de tórax dilatado, cabelos compridos, voz autoritária que ecoa pelos corredores.

Zum-zum-zum. Entra um advogado, o policial berra um nome de mulher, a secretária entra correndo, o telefone toca. No meio desse burburinho, conseguimos obter uma declaração do policial, que amacia a voz:

– O policial não sai pra rua pra matar. Ele sai pra não morrer.

O zum-zum-zum pára de repente, ninguém mais fala. Outro policial acaba de chegar e anuncia:

– Olha, esse é o Cuíca!

Nós mal temos tempo de olhar para a porta, onde está parado um mulato de seus 30 anos, e ele já está implorando:

– Não sou o Cuíca, não...

– Não mente, desgraçado! Você anda metendo bronca na jurisdição – o policial gritou.

O mulato está chorando e, reparando melhor, vê-se que perdeu todo o controle sobre o medo que está sentindo: a urina desce por suas calças. Boca de poucos dentes, cabelos crespos despenteados, descalço, o mulato não tem a quem apelar:

– O Cuíca é outro. Minha arma é da leve – suplica agoniado, torcendo as mãos.

– No pau quero ver você confirmar que é só punguista! Depois vamos conversar melhor. Se chorar, apanha! – ameaça o policial com um olhar que não admite réplica, que não quer polêmica.

O mulato não está apanhando, nem sequer está algemado. Mas não chora por causa da porrada que pode levar. Está apavorado porque tem certeza de que caiu nas mãos de alguém do Esquadrão da Morte.

– Leva ele lá pra trás!

E assim o mulato sente, aterrorizado, que poderá ser julgado ali mesmo, num tribunal onde o carrasco é juiz e a tribuna de defesa fica vazia porque a sentença já foi decretada: bandido tem que morrer. O réu tenta salvar a vida. Vai continuar chorando, suplicando, vai delatar companheiros. Talvez não adiante mais nada. Talvez nesse momento seu corpo crivado de balas esteja abandonado num dos distantes distritos de Nova Iguaçu, um município de quase 1 milhão e 300 mil habitantes, na Baixada Fluminense.

Mecanismo ilegal para evitar que Cuíca, ou qualquer marginal condenado pelo Esquadrão, seja salvo por algum mecanismo legal:

1º) A prisão. Antes de prender o bandido, os policiais levaram seus costumes: se tem mais de uma mulher, onde elas moram, seu dia a dia, lugares que costuma frequentar. Querem prender o bandido sem testemunhas. No levantamento, sabem qual o ponto fraco: melhor será que o bandido facilite de noite, porque a escuridão dificulta a visão de possíveis testemunhas: Caso o bandido só fique de bobeira durante o dia, vários cuidados precisam ser tomados, para que no futuro os policiais não sejam reconhecidos. A maioria usa Volks branco-pérola (o carro de maior circulação no país) chapa fria. Os policiais se disfarçam ao máximo: bigode ou cavanhaque postiço; óculos escuros; chapéu enterrado na cabeça; uns, na hora de prender o bandido, fingem que são aleijados; outros fingem tiques nervosos, como tremer o ombro ou o rosto; nunca estão vestidos como policiais; alguns se vestem de gari, outros botam macacão de mecânico, roupas que também não despertam suspeitas do bandido.

2º) A sentença. Apanhado sem testemunhas, o bandido vai ficar preso pelo menos 1 semana. Seu nome não vai constar do registro de nenhuma delegacia, para evitar a libertação por meio do habeas-corpus, sobretudo por meio do habeas-corpus de busca e apreensão (que vale para todas as dependências policiais). Nos 3 primeiros dias, é bem tratado. É a chamada fase de manjamento, espera de repercussões junto a familiares ou amigos do preso. Qualquer movimentação, qualquer sujeira, o bandido sai livre, sem qualquer marca de sevícias. Nesses 3 dias, o policial do Esquadrão leva o bandido no papo, não fala em morte. Assim, se for libertado, o bandido vai até espalhar que naquela jurisdição não tem nenhum membro do Esquadrão; e vai passar a marcar mais "bobeira" ainda, dando a chance que o Esquadrão precisa, para pegá-lo da próxima vez sem deixar vestígio. Única ameaça que recebe: não contar que estava detido numa "geladeira" – casa, apartamento ou mesmo uma delegacia afastada, no Estado do Rio (locais perto dos pontos de execução).

3º) A tortura. No quarto dia, porém, se não aparece nenhum habeas-corpus, nem pedido de parentes ou amigos, o tratamento na "geladeira" começa a mudar. Os policiais do Esquadrão já estão se convencendo de que o **réu** é um futuro indigente... A tortura não tem medida: a vítima nunca será submetida a exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal. Seu destino será a cova rasa do indigente. São utilizados choques elétricos, pau de arara, palmatória (nádegas e solas dos pés); golpes de maricota (borracha de cerca de 1m50 de comprimento, uns 15 cm de diâmetro, oca, que não deixa equimoses, mas arrebenta o sujeito por dentro); cigarro aceso; alicate nas unhas; murros no fígado, baço, testículos. Os policiais só falam em inquérito, não em morte: se o torturado sabe que vai morrer, pode não dizer mais nada.

Há uma trégua quando os policiais do Esquadrão saem para investigar se as informações dadas são verdadeiras. Que informações? Se for ladrão de jóias, apanha para dizer onde estão as jóias, de onde foram roubadas, se foram derretidas, quem são os receptadores. O receptador, ou intrujão, é preso no mesmo esquema astucioso; também será torturado para dizer onde está a mercadoria. Se for um bom golpe, tanto ladrão quanto receptador vão sumir. Se for assaltante da pesada (banco, carro-pagador, etc.),leva pau para dizer onde está o dinheiro vivo. Se for um bom traficante de tóxico, o intermediário – não de boquinhas de fumo, mas de outros intermediários maiores – leva pau para contar todo o mecanismo. E, nesse caso, seu corpo aparece em local ermo, num aviso para a sua quadrilha.

4º) A execução. Se o bandido é ralé, a morte serve para apavorar a criminalidade, especialmente assaltantes e traficantes da quadrilha à qual a vítima pertencia. O réu é levado vivo ao local da execução, porque no trajeto pode ser necessário passar por uma barreira rodoviária. No local, todos os que participam do grupo são obrigados a atirar, mesmo que o bandido já esteja morto. Atiram de preferência na cabeça e coração. Como as marcas de algemas vinham incriminando sempre a polícia, os policiais do Esquadrão passaram a "algemar" os condenados à morte com esparadrapo enrolado em cima de uma proteção de pano. Evitam também atirar com suas próprias armas (o 38 é arma oficial da polícia); atiram geralmente com armas de grosso calibre, 45, Winchester, fuzil. Se o bandido der bom lucro e não pode aparecer, será logo enterrado, em cemitérios próprios do Esquadrão, ou atirados em precipícios. Outras providências podem ser tomadas, para impedir a identificação da vítima: ácido nas pontas dos dedos, danificando as impressões digitais; destruição da arcada dentária; eliminação de sinais particulares.

Cadáveres assim, às vezes ainda ensanguentados, outros já em decomposição o coronel Ivy Teixeira Xavier já encontrou 49 – entre 1969 e o dia 30 de novembro de 1975. Isso só os que ele viu com os próprios olhos, no caminho de casa até o seu sítio, ou seja, sem contar os que ele ouviu falar. O coronel Ivy (tenente-coronel reformado da PM), 49 anos, mora com a mulher, e 7 filhas adultas e bonitas, numa casa azul em Cabuçu, um dos menores distritos de Nova Iguaçu: uma praça de poucas casas, supermercado vazio, farmácia, uns 4 bares com sinuquinhas, e estreitas ruas de terra batida sem placas de identificação nas esquinas. Nesses 6 anos já escreveu muitas cartas para as mais altas autoridades do país denunciando os crimes. **Por que suas cartas não foram respondidas?**

Com resposta ou sem resposta, o coronel continua pesquisando. Toda manhã, deixa a Rural em casa e percorre a pé o caminho até o sítio, a 10 quilômetros.

– De carro só vejo a estrada. A pé eu vejo tudo – diz ele, sentado a mesa de seu sítio, com um revólver calibre 38 ao alcance das mãos.

E, depois de encontrar os corpos de meia centena de pessoas, todas trucidadas, depois de escrever às autoridades denunciando o coronel fala do assunto não como se se tratasse de um massacre, mas como se fosse apenas um assunto do seu cotidiano. Recusa-se porém a dar uma entrevista ou ser fotografado.

– Estou apenas aguardando o resultado das investigações das autoridades para usar a minha última cartada. Tenho documentos comprometedores que vão explodir contra muita gente boa.

ANÇA

O coronel já depôs 4 horas na delegacia de Queimados e 12 no DGIE (Departamento Geral de Investigações Especiais), no 3º andar da Secretaria de Segurança, no Rio. Ele acha estranha a demora nas providências para ouvirem as pessoas indicadas em seus depoimentos.

Tem testemunhas que conversaram com um bandido que escapou vivo do Esquadrão. "Dizem que o bandido quase não podia falar, estava com o maxilar esfacelado. Ele foi levado para a estrada com mais 2, viu a polícia castrar seus amigos. Quando vi os 2 cadáveres pensei que eram de mulheres. Em volta do corpo havia muito sangue. Quando chegou a vez dele, mesmo nu, ele correu para o mato. Um rito de 45 varou a cara dele, mas conseguiu fugir."

Três histórias de como o Esquadrão age: por encomenda, para defender um bandido contra outro, para justificar a lei de que bandido tem que morrer.

1 – Onde está Amarelinho?

O fotgrafo trabalhava na Cinelândia, Rio, malhado pedestres. Tipo magro e ruivo, mais conhecido como Amarelinho. Um dia resolveu subir na vida. Comprou uma tele-objetiva, fez um levantamento de pessoas importantes. Passou a selecionar as vítimas e a seguir seus passos. Com paciência, começou a conseguir fotos altamente comprometedoras: gente com amante, etc. Aí enviava uma cópia à vítima e exigia dinheiro em troca dos negativos.

A situação de Amarelinho começou a melhorar. Comprou carro e passou a frequentar locais grã-finos. Mas começou a jogar sujo: recebia o dinheiro e não entregava os negativos. Amarelinho ficou cada vez mais exigente, achava seu plano infalível, descuidou-se. Uma das vítimas era amigo de um amigo de um membro do Esquadrão...

Conclusão desta historinha contada há uns 4 anos pelos corredores da polícia carioca: Amarelinho foi pendurado no pau-de-arara, levou choque elétrico e cigarro aceso, de modo que não foi muito difícil entregar tudo – até o último negativo. Depois, nunca mais ninguém ouviu falar desse tal de Amarelinho.

2 – Cancelada a tiros

Zequinha era dono de uma boca de tóxico perto de um ponto de jogo de bicho. Mulato forte, bem falante, respeitado como valentão nessa barra pesada. Sempre dizia que não necessitava de pistoleiros para defender a maloca: "eu me garanto sozinho", afirmava. Certo dia, uns bicheiros compraram cocaína e maconha com Zequinha e, depois de algumas aplicações, resolveram dar uma volta com o carro do banqueiro. Em excessiva velocidade, bateram com o carro num poste. O banqueiro soube, foi conversar com Zequinha. Eram amigos. O banqueiro pediu-lhe que, quando alguns de seus empregados viessem procurá-lo para comprar tóxicos, ele não os vendesse; e o banqueiro até se comprometia a dar a Zequinha o dinheiro perdido. Zequinha não concordou, disse queia vender o bagulho para qualquer um e, depois de muita discussão, Zequinha ainda ameaçou de morte o banqueiro. Neste momento apareceu um policial conhecido como sendo do Esquadrão. O banqueiro conta que foi ameaçado de morte. O policial puxa da arma e diz, antes de atirar:

– Eu concedi a licença para a boca funcionar, agora estou cancelando.

O cadáver de Zequinha, colocado num carro, desapareceu. O caso é muito comentado entre a malandragem de Madureira até Bangu.

3 – A tese da morte

Dezesseis anos, mulata esguia de seios pequenos, saia curta. Atraiu logo a cobiça de um bandido valente de morro, no Estado do Rio. Primeiro ele tentou ganhar no papo. Foi repelido. Numa madrugada, atacou: levou a jovem na marra para seu barraco, depois de ameaçar o pai, caso chamasse a polícia. Amarrou-a com cordas num fogão e satisfez a cobiça. Nos dias seguintes, passou a chamar os amigos e a cobrar pelos encontros com a jovem. Foi quando, 15 dias depois, o tio da jovem – irmão de seu pai – resolveu denunciar o fato a alguns policiais. Eles subiram no morro e libertaram a moça. O bandido fugiu, mas dias depois voltou; e, quando encontrou o pai da jovem, foi logo matando, sem nem querer explicações. Aí os policiais souberam e agora no morro niguém ouve falar mais no bandido. O caso foi contado numa roda grande de policiais, durante um debate sobre o Esquadrão, em plena rua Marechal Floriano, no Rio. E serviu para justificar entre eles a tese:

"Bandido tem que morrer"

Hoje não é mais novidade: é um pensamento fixo entre razoável número de policiais cariocas, autores de mortes misteriosas, que até iniciam tiroteios para justificar a legítima defesa, porque têm certeza de que o bandido vai revidar. Existe marginal, no entanto, que tem medo de trocar tiros com policial, mas como já está marcado para morrer, não há jeito de escapar. É morto na hora e, como num passe de mágica, aparece uma arma em sua mão com algumas balas deflagradas, e uma "mutuca" de maconha em seus bolsos. O corpo não identificado é enterrado rapidamente como indigente. Na delegacia da jurisdição, o fato não se transforma em inquérito, fica sempre rotulado como investigação policial, talvez porque os agentes destacados para solucionar o caso já devem saber que os autores são seus colegas, mas pertencem ao respeitado Esquadrão e, portanto, ficam sabendo logo que não poderão aprofundar-se nas diligências nem delatar ninguém. E a lei do terror dentro da própria política. Calcule-se fora.

O negócio agora transformou-se numa poderosa indústria da morte. Mata-se com facilidade espantosa. Os locais dos crimes são diferentes mas as táticas iguais – cadáveres dos bandidos mais rasteiros são abandonados nos locais ermos como um carimbo lo Esquadrão. São infelizes cobaias para difundir o pavor entre a criminalidade e para encobrir o desaparecimento dos bandidos mais inteligentes, que conseguem grandes lucros. Esses lucros têm o mesmo fim misterioso. Alguns corpos são lançados em precipícios – antes a Rodovia Rio-Petrópolis era muito usada – outros são enterrados em lugares abandonados.

Correm papos pelos corredores da polícia sobre cachoeiras e lagoas misteriosas, cemitérios de bandidos. Mas isso ninguém provou até agora, nem será fácil provar daqui por diante. Porque surgiu, com os anos, uma série de grupos do Esquadrão, alguns invisíveis até para a reportagem policial carioca, e alguns já estão matando por encomenda. Outros são misturados em transações de tóxicos, roubo de carros, assaltos, etc. Ninguém foi acusado ou condenado por essas mortes, além de Mariel Moryscotte e mais 5 dos seus colegas. Com a fusão Guanabara-Estado do Rio, a situação complicou, e agora chega-se apenas a uma conclusão: se o crime lembra os métodos do Esquadrão – marcas de algemas, tiros de grosso calibre na cabeça e coração, sinais de tortura, etc. – ele entrará para a lista dos casos insolúveis, mesmo que a autoria seja de bandido. Hoje todo mundo teme combater o privilégio que o Esquadrão tem de matar. Os juízes ficam calados. Os promotores idem. O Poder Judiciário está sendo desmoralizado – alguns policiais fazem justiça com as próprias mãos; e a população se omite, talvez porque desconheça os detalhes de algumas destas mortes.

Hoje é impossível fazer uma estatística sobre as mortes do Esquadrão. Não tem IBGE que dê jeito. Sabe-se apenas que desde 1960 até março deste ano existem 962 casos de crimes não solucionados, transformados em 1.130 inquéritos pelo delegado Helber Murtinho, há 6 meses na Delegacia de Homicídios do Rio. Antes eram sonsiderados investigações policiais completamente abandonadas nas gavetas. Dos 962 homicídios, a polícia calcula que 250 são do Esquadrão, mas a reportagem policial carioca calcula em 450 para cima, no máximo 600. Para justificar, os jornalistas da sala de imprensa da Delegacia de Nova Iguaçu argumentam que só de 1974 até agora foram encontrados cadáveres de 198 vítimas do Esquadrão, mortos e abandonados principalmente na Estrada do Babi, Morro da Calunda, Estrada Velha Miguel Couto, Monte Alegre e os atalhos de Cabuçu, no Estado do Rio, onde mora o coronel Ivy Teixeira Xavier.

Estas estatísticas são para os cadáveres encontrados; quem poderá dizer o número de corpos que desapareceram sem ninguém ter ouvido falar? Se a cúpula policial diz que não não existe Esquadrão, e que os crimes são cometidos pelos próprios bandidos, então por que a polícia não descobre os autores?

O CORONEL DEPÕE, INDICA NOMES. POR QUE NÃO OS OUVEM?

O Esquadrão da Morte parece que não é um mau negócio. O jogo de bicho caiu muito e a grana está difícil para enfrentar a dura inflação.

Então o sujeito pode usar o terror para chantagear. Por exemplo: dono de uma banca de fumo ou banqueiro do jogo do bicho que vem obtendo uma boa renda, não vai se recusar a pagar a taxa de Cr$ 10 mil semanais cobrada por um membro do Esquadrão, como proteção. A represália não será a prisão. Será a morte.

Breve História dos primeiros bandidos fuzilados quando Esquadrão não era da Morte.

Nos meados da década passada, o delegado Cecil Borer assumiu a Delegacia de Vigilância carioca e escolheu um grupo de policiais chefiados pelo detetive Milton Le Cocq para combater os marginais em seus esconderijos. Le Cocq, o Gringo – magro e olhos azuis –, era da antiga Polícia Especial (PE), formada por homens musculosos, hábeis motociclistas. A PE tinha ficado famosa durante a última gestão do presidente Getúlio Vargas – respeitada pela população e temida pelos bandidos, em meados da década de 50. O grupo usava nas motos o emblema EM – Esquadrão Motorizado.

Ao mesmo tempo que o detetive Le Cocq combatia a criminalidade com o seu grupo de policiais da pesada, surgia o detetive Perpétuo de Freitas, famoso por adotar uma tática diferente: prender bandidos sem disparar nenhum tiro. Um tipo forte, moreno, cabelos pretos lisos, cara de índio, andava sozinho pelos morros e tinha muitos informantes. Era cascateiro e vaidoso: fazia amizade com os repórteres de polícia e sempre aparecia nas páginas dos jornais.

Nessa época, o bandido era mais analfabeto e sangrento que hoje. Um tempo de assaltos mais violentos e de poucos lucros. Maconha era pouco difundida entre a juventude e os traficantes eram poucos. O combustível do bandido era a cachaça. Bêbado, atirava à toa. E a polícia não tinha condições para cercar todas as entradas dos morros, especialmente o da Mangueira. Nem a Polícia Militar estava preparada para ajudar.

Então surgiu com força total o grupo de Le Cocq. Talvez mais inteligente que Perpétuo,não gostava de ser fotografado ou entrevistado. Andava de boina preta na cabeça. Ficava dias de tocaia levantando o ponto fraco do bandido. Introduziu táticas novas e, por isso, era tido como um mito para seus subordinados. Quando um bandido morria, eram fotografados como heróis: pistolas 45 e Winchester nas mãos. Era uma época de vedetismo, que aumentou com o surgimento de um bandido perigoso: José Miranda Rosa, o Mineirinho. Aumentou também a rivalidade com Perpétuo, que queria prendê-lo sozinho e sem dar um tiro.

Mineirinho mostrou sua periculosidade escapando de todos os cercos, a polícia toda atrás dele por ordem do Secretário da Segurança. Mas Perpétuo armou uma cilada para Mineirinho e o prendeu sem dar um tiro. Aumentou a fama de Perpétuo e a irritação do grupo de Le Cocq. Mineirinho ficou preso no Manicômio Judiciário, e alguns meses depois escapou pelo bueiro. Depois de alguns dias, seu corpo foi encontrado metralhado na Estrada de Grajaú-jacarepaguá.

Em 1964 apareceu um bandido "chulé" chamado Cara-de-Cavalo, que explorava mulher na zona do Mangue. Certo dia, Le Cocq acompanhado pelo detetive Cartola, foi pedir seus documentos. Apavorado, Cara-de-Cavalo, matou Le Cocq e feriu Cartola. Foi o enterro com mais juras de vingança que já houve na polícia: os tiros para cima obrigavam os urubus a voarem mais alto. Era o primeiro pacto entre policiais para jantar o bandido na primeira oportunidade. A cena iria se repetir em cada enterro de policial morto por bandido. E a marca de vingança iniciou uma nova etapa no tratamento da criminalidade. Terror contra terror, lema que trouxe a desmoralização do Poder Judiciário, colocando no ridículo o artigo 121 do Código Penal (homicídio), já que alguns policiais se apossaram do livre arbítrio de matar impunemente.

A caçada foi violenta. Valeu tudo. Perpétuo era combatido por seus colegas: Cara-de-Cavalo não poderia ser preso vivo. Mas Perpétuo queria prendê-lo sem um arranhão, e com isso aumentar a sua fama.

Perpétuo morreu antes, porém, durante uma caçada na antiga favela do Esqueleto, ao lado do Estádio do Maracanã. Discutiu com o detetive Galante e deu-lhe um tapa. Galante deu-lhe um tiro no peito.

Depois disso, aumentou o ritmo da caçada. O grupo de Le Cocq, alguns dias depois, encontrou Cara-de-Cavalo numa casa em Cabo Frio. O bandido não teve nem tempo de sentir medo: seu corpo foi atingido por uma saraivada de balas de diversos calibres. O umbigo foi arrancado pelos projéteis, ficou grudado na parede.

Os caçadores de bandidos ficaram famosos. E a antiga Última Hora carioca mudou o sobrenome da sigla EM: em vez de Esquadrão Motorizado, passou a ser Esquadrão da Morte. Os membros do grupo não gostaram, mas nada puderam fazer. O apelido pegou rápido em todo o Brasil e logo foram surgindo outros grupos.

Em 1966, os mortos eram atirados no rio Guandu. Urubus seguiram a trajetória sinuosa das águas, bicando os corpos.

Depois do escândalo dos mendigos sacrificados no rio da Guarda por policiais cariocas, na antiga Guanabara, jogar cadáveres no rio Guandu passou a ser a maior "sujeira". Então os cadáveres começaram a ser abandonados em terra firme. Nesta época, a população não discordava nem tinha medo do Esquadrão, porque achava que ele defendia a sociedade.

Aí surgiu em cena o promotor Rodolfo Avena, como um implacável acusador. Mas tempos depois ele sumiu com a mesma velocidade. Depois de um recesso, apareceu em São Paulo o promotor Hélio Pereira Bicudo; no Rio surgiu o promotor Silveira Lobo, que teve participação direta nas prisões dos ex-policiais Mariel Moryscotte, César, Tigrão, Carlinhos, Arlindo Crioulo e Silvinho, acusados de matar ladrões de carro e traficantes de tóxico (os cadáveres eram abandonados, a maioria enforcados em cordinhas de nylon, ao lado de cartazes com a sigla EM e uma caveira, e ainda bilhetes ameaçando as próximas vítimas).

Até na Praça das Nações, em Bonsucesso, bairro movimentado, foram deixados 2 cadáveres, com recado para o irmão de uma das vítimas, Lúcio Flávio Lírio – inimigo número 1 de Mariel (Lucio morreu esfaqueado por um preso na Colônia de Ilha Grande, em 1974). Foi uma fase de deboche de um dos grupos do Esquadrão, que chegou a irritar os membros da Scuderie Detetive Le Cocq (clube formado em homenagem a Milton Le Cocq; seus associados usam decalque nos carros, uma caveira com duas tíbias cruzadas, cada um recebe um chaveiro e uma carteira com o símbolo da caveira, e tem que obedecer rigorosamente um estatuto. Entre os sócios existem militares, médicos, advogados, jornalistas, comerciantes, etc. Todos têm que possuir uma ficha pregressa imaculada. Sua sede fica num subúrbio carioca). A Scuderie se irritou porque deixavam uma caveira perto do cadáver, ligando o crime ao emblema da Scuderie Le Cocq.

Balanço de 1975

Até o final deste ano, a situação do Esquadrão na Justiça está assim: o detetive Ivônio Andrada Viana, Vianinha, e seus colegas Orlandino Montalvane, Oton Correia de Melo, Cláudio Monteiro, Augusto dos Santos Bastos e 2 militares, então sendo acusados de ter assassinado 37 bandidos, na maioria traficantes de tóxicos. Vianinha está detido no Ponto Zero – prisão de policiais que aguardam julgamento – enquanto seu principal acusador, Moacir Ribas, antigo informante da Polícia, está na Delegacia de Duque de Caxias. Ao depor, o bandido Moacir Ribas esclareceu que auxiliava Vianinha e seu grupo na Delegacia de Tóxicos, e que foi o responsável pelo levantamento dos esconderijos de diversos traficantes assassinados a tiros de pistola 45. Eis a lista de crimes apontados por Moacir Ribas. 5 corpos encontrados dentro de um Dodge Dart, em Irajá; 4 marginais fuzilados num templo espírita no morro do Adeus, em Ramos; 1 traficante conhecido por Betinho, executado dentro de um Opala roubado, na rua Bonina, em Bento Ribeiro; os traficantes Serginho do Pó e Preguinho, mortos numa Brasília, em Vaz Lobo; 1 homem na estrada do Viegas; outro no conjunto residencial de Lins de Vasconcelos; 1 traficante na favela de Colégio; 2 traficantes na favela de Varginha, em Manguinhos; morte de Ramon Ricardo Rivera e sua namorada Sueli Vilar Pereira (o corpo de Sueli foi encontrado nas águas da Barra da Tijuca e o de Ramon até agora não apareceu; seu carro, um Fiat vermelho, foi jogado no mar, na avenida Niemayer); morte de 2 assaltantes de banco, um deles reconhecido como Luiz Carlos Falado Suez, o Submarino. Seu corpo foi encontrado na Estrada Velha de Pavuna e Moacir Ribas conta que Vianinha apanhou Cr$ 80 mil que estavam guardados dentro do colchão na casa de Submarino,em Belfort Roxo. Além destas, existem outras execuções cujas vítimas foram encontradas com cartazes de Killing, o personagem de história em quadrinhos que usa uma máscara de caveira.

Os inquéritos estão sob a responsabilidade do delegado Helber Murtinho, da Delegacia de Homicídios, e ele somente aguarda o resultado dos exames periciais para indiciar Vianinha e seu grupo em diversos crimes. Eis o que o delegado Helber Murtinho diz:

– Não sou contra o policial matar bandidos. Mas assim como Vianinha matou, não posso concordar. Matou sempre em proveito próprio. Se for apurar direitinho, acho que os crimes deste grupo vão passar de 120.

Entrevista-relâmpago com o coronel Ivy Xavier, que recolheu três cabeças e, depois que perderam a pele e os cabelos, levou dentro de um saco à delegacia mais próxima:

Na varanda de casa em Cabuçu, o coronel tosse. Está com pigarro nervoso. A mulher e as filhas ficam preocupadas. Comentam que ele passou mal à noite. Ele se faz de teimoso, diz que não vai ao médico. insiste em conversar. Mas agora não esconde certo temor pelo Esquadrão, embora negue. Suas filhas, no entanto, não escondem que têm medo de algum atentado nas ruas escuras de Cabuçu. O coronel não liga, diz que vai continuar a campanha e revelar os nomes dos matadores, em futuro próximo.

Talvez não seja um trabalho fácil, pois ele pode estar blefando. Pode ser também desculpa para não responder algumas perguntas diretas ligadas ao Esquadrão. Ele se defende com monossílabos:

– O Esquadrão da Morte é formado por policiais?
– Sim.
– Tem PMs metidos nisso?
– Sim.

– Tem grupos do Exército ou de outro órgão federal atuando?
– Não.

O coronel mostra que não quer responder sobre isso. Prefere conversar sobre mortos. Uma rotina macabra que está virando psicose. Ele revela como preparou suas estatísticas:

– Contei os cadáveres que apareciam em todos os lugares até cansar. Fui registrando tudo, dia e noite na vigilia. Meu estômago ficou treinado em acompanhar a decomposição dos corpos, até virar esqueleto. Vi cachorros carregando pedaços dos corpos. Um mau cheiro terrivel, atraia centenas de urubus. Várias vezes pedi às autoridades de Nova Iguaçu providências para remover os corpos. Não adiantava nada, alegavam que o cemitério de Marapicu estava lotado.

O cemitério de Marapicu fica a 10 quilometros de Cabuçu. E o mais famoso nas redondezas, nos fundos de uma igreja branca construida no tempo do Império, no alto de uma ladeira. Na frente o cemitério é igual aos outros. Jazigos espalhados por todos os lados, alguns com datas de até 1821. Separada por uma cerca de arame farpado, bem nos fundos, a área dos indigentes, na maioria vítimas do Esquadrão da Morte, nenhum identificado. É uma quadra de mau aspecto, mais de meio metro de capim tapando o número das covas. Dizem os coveiros que existem sepulturas com mais de um dono

pois, eram muitos mortos para pouco cemitério. Os responsáveis não aceitam sepultar mais vitimas do Esquadrão: agora os corpos são enviados para o cemitério de Iguaçu Velho, em Vila de Cava, também já quase lotado.

– Quando surgiam os policiais nos locais dos crimes – conta o coronel Ivy, depois de tomar uma colher de xarope – a maioria já vinha com o lenço no nariz. Eu acho que eles têm estômago fraco. Eu nunca precisei tapar o nariz. Mas como eles apareciam uma vez e não voltavam mais, resolvei guardar 3 cabeças de bandidos, que estavam separadas dos corpos, penduradas nos mourões. Fiz isso para provar que as ossadas restantes não eramm de cabritos ou cachorros. Pertenciam a corpos humanos.

– Onde você guardou as 3 cabeças?

– No banheiro do meu sitio. Coloquei dentro de um saco e pendurei. Quando perderam a pele e os cabelos, levei para a delegacia de Queimados. No DGIE levei roupas, dentaduras e sapatos.

Quando parecia esquecido, voltou ao noticiário, 9 meses atrás, o nome do promotor Rodolfo Avena. Agora sem a missão especifica de acusar o Esquadrão. Assumiu como diretor-geral do Departamento Geral da Policia Civil – um posto abaixo do secretário de Segurança do Estado do Rio.

Comandando a policia carioca, fomos encontrá-lo em seu pequeno gabinete no 3º andar do Instituto Médico Legal, rua dos Inválidos, Rio. Tranquilo, cachimbo na boca, o ex-promotor Avena respondeu às perguntas:

– O senhor, anos atrás, obedecendo ordens da Procuradoria do Estado, investigou os crimes do Esquadrão. O que o senhor apurou?

– Consegui tirar muitas conclusões. Não consegui ir mais adiante por causa de umas dificuldades?

– Que dificuldades?

– Prefiro não responder.

– O Esquadrão da Morte é formado por policiais?

– Esquadrão não existe, como pensam. A maioria desses crimes foram praticados por bandidos.

– O senhor não acha então que tem bandido matando demais? Não acha que eles estão desperdiçando muitas balas atirando num morto?

– Agora o bandido está mais perigoso e disputando os pontos dos rivais. É lobo comendo lobo.

– Falando objetivamente, o senhor acha realmente que é só bandido que está matando?

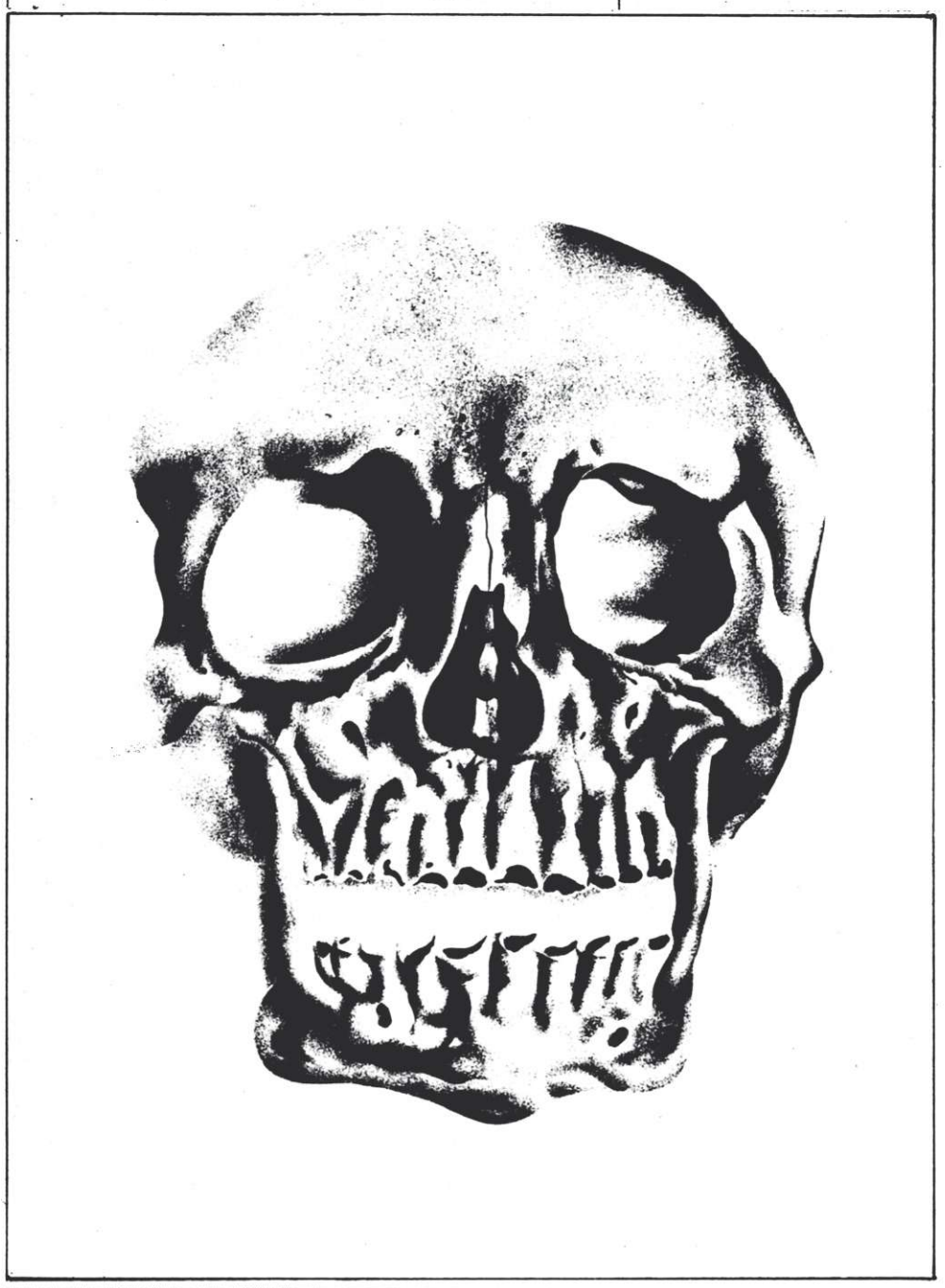
– Não. Existem alguns crimes cometidos por policiais. Mas isso nós estamos investigando. Quem tiver comprovado sua culpa irá para a cadeia.

– Como estão sendo feitas estas investigações?

– Através de um memorando feito em conjunto com o Departamento Geral de Investigações Criminais **(NR: memorando n.º 118, de 23 de junho de 1975);** foi organizado um grupo para elucidar a série de mortes misteriosas. Designei o comissário Paulo Cardoso Coelho para, pessoalmente, orientar as diligências para esclarecer os fatos.

– O comissário Paulo Cardoso Coelho tem carta branca?

– Claro. Ele não vai sofrer nenhum tipo de pressão.



O PROMOTOR JÁ INVESTIGOU. POR QUE AGORA ALEGA PROBLEMA?

Como diretor do DGIE, o comissário poderá requisitar todo auxilio necessário ao bom desempenho da missão.

Por que ainda não foram ouvidas as testemunhas que o Coronel indicou no seu depoimento ao comissário Paulo Coelho? Aquela região virou um "cemitério sem muros"?

– Aquilo lá já está velho. Não é mais notícia. O quente está em Engenheiro Pedreira. No local conhecido por Marajoara existe uma lagoa onde são jogados os cadáveres do Esquadrão. É a Lagoa dos Mortos!

– Já passaram 3 meses e nenhuma pessoa que indiquei no meu depoimento foi ouvida. Sou a única testemunha no inquérito. Não sei quais as investigações que estão sendo feitas pelo comissário Paulo Coelho. O governo deve ter problemas mais prioritários para resolver. O caso do Esquadrão da Morte deve ser de somenos importância.

O coronel Ivy bebe água de um balde que tirou do poço, olhando sempre fixo para o fotógrafo. Ele fala de má vontade:

Contamos ao coronel que vamos visitar uma barreira do rio Guandu, onde os corpos ficavam presos. Ele resolve ajudar:

Nervoso, ensina o roteiro para agente sair do sítio e atingir a via Dutra, na altura do quilometro 36. Um dado curioso em seu roteiro: a ponte de madeira – única passagem sobre um riacho – foi roubada e sobraram apenas as 4 estacas, avisa o coronel.

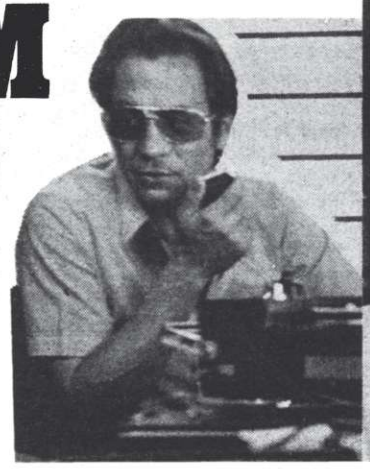
Para alcançar a via Dutra é necessário percorrer atalhos estreitos e alagados pela chuva, rodeados de mato cerrado. Nenhum sinal de civilização em alguns trechos. Ruas sem iluminação, uma casa a quilômetros da outra. O único grupo de pessoas que surgiu foi numa lixeira, perto do sítio do coronel, onde os carros de limpeza urbana vão despejar. Alguns moram em casebres de lata, construidos em cima do próprio lixo, todos catam latas para vender quilômetros adiante. É um lugar feio, frequentado por urubus também, um cenário do Esquadrão da Morte. Ali os bandidos são eliminados com rajadas de metralhadora, depois de passar vivos nas barreiras rodoviárias. Local tão ideal para uma execução, que podem ser usadas pistolas 45, metralhadoras, Winchester e até dinamite, que ninguém escuta. Um lugar tão deserto que, quando passamos, até as estacas da ponte já tinham sido levadas.

O carro atravessou o riacho no peito, a água encobrindo as rodas, e entramos numa estrada cheia de buracos, com muitas curvas, postes de iluminação sem nenhuma lâmpada. Somente quilômetros adiante, quase beirando a via Dutra, é que surgiram alguns casebres.

A via Dutra, além de perigosa, esconde ao viajante uma história sangrenta: do quilômetro 1 ao 40, nos dois lados, principalmente o esquerdo de quem vai do Rio para São Paulo, é o palco onde atua o Esquadrão da Morte. Um cemitério de muito barro e poucas casas.

"...E ELE CHEGOU, CUMPRIMENTEI ELE, OFERECI INCLUSIVE UMA COCADA...O ROMARIZ NÃO ACEITOU E FALOU QUE EU ESTAVA PRESO!..." E ASSIM, DA MANEIRA MAIS BESTA, COMEÇA O RUMOROSO CASO DO EX-VEREADOR JOSÉ GODOY, PRESO E ESPANCADO POR UM CAPITÃO, NO NORTE DO PARANÁ.

REPORTAGEM DE ALEX SOLNIK (TEXTO E FOTOS) E JOÃO OTAVIO



Valmor é o advogado. Godoy agora não desgruda dele, nem sai à rua sozinho.

Bom, vamos começar então. Você diz teu nome, tua idade, tua profissão.

Meu nome é José Godoy Viana, nasci em Presidente Bernardes (SP) e logo em seguida meus pais me trouxeram prá Apucarana. Sou comerciário. Estou fazendo o científico. E... tem mais como essas aí.

Como foi o seu dia 12 de novembro deste ano?

Meu dia 12, normalmente, meu banho frio logo cedo, saí, e... encontrei um amigo chamado Ariovaldo Abreu Zanoni, fazendo umas transa aí, é despachante... ele falou assim: vamos até a prefeitura que eu tenho um assunto pra tratar lá. Tá legal. Depois ele sugeriu pra gente ir tomar um café até a cantina da prefeitura. Eu falei: ah, que que é isso? Eu como ex-vereador acho que tenho direito de um cafezinho na Câmara. Vamos dar uma chegada lá. (A Câmara fica em frente à entrada dos fundos da prefeitura.) Aí fomos lá. E ele muito desconfiado olhou e cismou qualquer coisa. Falei: que que é isso, rapaz? Aquele rapaz lá - ele viu um amigo meu. Do exército. Falei: Aquele rapaz é meu amigo.

Com quem você encontrou na Câmara?

Com Vadico, que é o porteiro, com as cantineiras, dona Polonia, dona Olga, o Áureo Silva, que é o oficial de justiça. Ele até brincou comigo: como é, tá berrado? Eu disse: não preciso andar armado. Ele falou: o negócio tá feio na cidade! O prefeito quer te pegar!

E quando saí da cantina fui conversar com esse meu amigo do exército, Jorge Kawuai , que estudou comigo no colégio S. José.

E conversamos ali, tal, quando vi que saiu o capitão Romariz, que eu também o respeitava muito. Afinal de contas, esses dias atrás eu estive na sua iniciação na maçonaria. (Godoy e Romariz são maçons. Godoy, da loja Moreira Sampaio e Romariz da Loja Grande Oriente do Brasil.)

E ele chegou, cumprimentei ele, ofereci inclusive uma cocada...

O Kawuai aceitou comer meia cocada, e o Romariz não aceitou e falou que eu estava preso.

Godoy está dando a primeira entrevista de sua vida, no escritório de seu advogado e amigo Valmor Giavarina. Tem 1 metro e 80 de altura, uma cicatriz no queixo e outra no lado de dentro do ante-braço esquerdo. Filho de costureira ajudada faz anos pela família de Valmor. Este ano perdeu o mandato de vereador por ter faltado a 3 sessões extraordinárias.

Eu dei risada, no duro mesmo. Dei risada e falei: isso é um blefe! É uma gozação comigo. E bati nele: quer uma cocada? Aí ele falou que o meu caso se tratava de segurança nacional e que eu havia estragado as férias dele. Me conduziu até o fusca azul-claro, chapa de Londrina, entrei, ele falou assim: uma algeminha...

Aí comecei a tremer, né, nunca vi aquilo na vida, 31 anos de idade, primeira vez que vejo uma algema de perto, a não ser em filmes. Aí ele: um oculuzinho pra você.

Como era esse óculos?

Esses óculos que a gente vê em filme, que eles usa assim pra enforcar alguém... pra fuzilar. Me puseram um chapéu, que segundo dizem, era um chapéu militar, não sei que estilo de chapéu é esse.

Godoy não sai de perto de Valmor 20 horas por dia, que é o tempo que o advogado está dando ao caso. Fica na sala de espera, ajudando em algumas tarefas como buscar água ou cigarros. Não pode sair de casa sozinho.

Senti que o carro deu a ré e entrou às direita. E tocou - páááá?. Parou no semáforo e fez um redondo. O único redondo que tem em Apucarana é a praça interventor Manoel Ribas. Parou, e o capitão disse: é, Godoy, você vai refletindo aí que eu vou pegar umas perguntas com o dr. Rui, porque o seu caso é muito grave, e conforme, se você colaborar, você ainda vai fazer a sua prova no colégio hoje.

Valmor Giavarina estava esperando, no Forum, por uma audiência, quando viu o capitão Romariz, que o cumprimentou. Dia 12 de novembro. O capitão saiu do Forum com fotocópias de documentos que serão utilizados no interrogatório de Godoy.

O Guedes ficou no carro me lapidando: é, Godoy, você fala, colabora, né... ele vai te fazer umas pergunta e se você não responder é pior pra você. Porque nós já sabemos de tudo! Mas se você não confirmar o que nós vamos perguntar é pior pra você. Porque depois nós vamos te mandar pro segundo escalão, a turma da pesada, e aí é pior pra você.

Capitão, sargento e cabo são do 30º Batalhão de Infantaria Motorizada que é subordinado à 5ª Região Militar e ao 10º Batalhão de Blindados de Ponta Grossa. O comandante, coronel Amaury Soares Vieira, é um adepto da não-violência:

- A violência não resolve.

Sobre o caso Godoy acha melhor esperar pelo veredito das autoridades militares, que já estão examinando as provas contra Romariz.

- Os nossos chefes falam por nós.

Depois de uns quilômetros no asfalto senti um terreno de pedregulho. O capitão mandou parar numa

sombra. E falou para eu continuar refletindo, sempre ameaçando...

Percebi que estava numa pedreira. Barulho de britadeira e várias explosões.

Eu ainda brinquei:

– Será que esse cara tá usando canhão?

Mandaram calar a boca. Fiquei dentro do carro um tempão. Depois mandaram descer, e andando mandaram agachar e eles não agachavam.

– Levanta o pé esquerdo! Tem um toco aí!

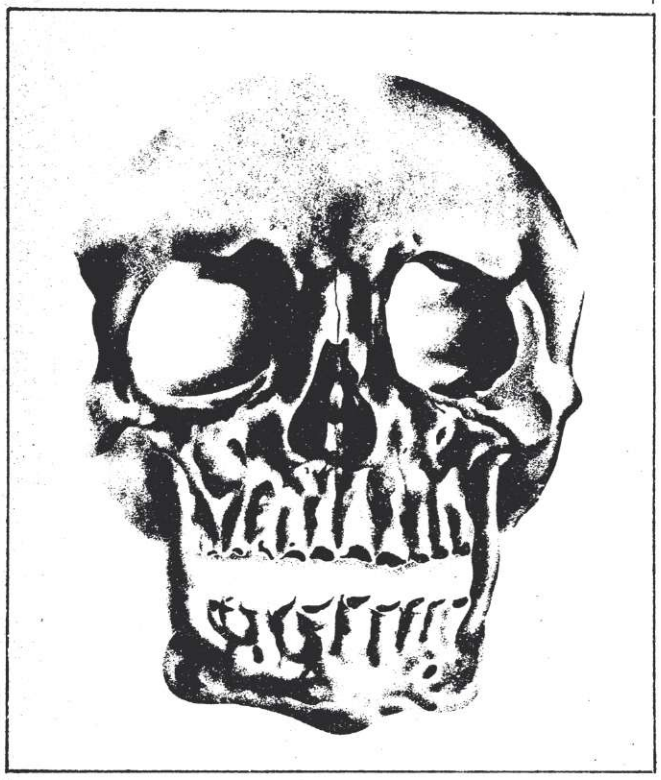
Subi uma escadinha e sentei numa cadeira e passou um tempinho. Parou as britadeiras, as explosões, calmou o ambiente. Foi que senti a presença de outro carro. Pelo motor tenho certeza que era um Volks.

O capitão falou uma hora:

– Tem muita testemunha aqui, olha o que você vai falar!

E começou a fazer perguntas. Todas as perguntas que fazia à minha pessoa era pra incriminar o ex-prefeito e principalmente pra mim retirar o processo que estou movendo contra o prefeito.

O processo entrou no Forum em outubro. Uma ação pública baseada em denúncias de que o prefeito



tinha emprestado máquinas da prefeitura para fazer algumas construções na Fazenda Juruba, de Colombino Graçano.

Você lembra de alguma pergunta?

Ah, mais isso aí... não leva a mal, mas... eu falei pra você, me perdoe, mas... não quero nem lembrar. Só sei que ele dizia: Godoy, Godoy, você está mentindo, seu salafrário, e nomes assim que fiquei abismado.

Teve uma hora que ele perguntou um negócio pra mim e respondi uma piada. Todo mundo riu. Então reconheci a risada do prefeito.

– O que fizeram com você?

Começaram a dar bofetões, cascudos, pé d'ouvido. Minha voz de tanto gritar foi começando a sumir também. Eu apelava pra Deus e eles não acreditava, quer dizer... Deus ali é um caso à parte, porque não entrou na conversa. Se tivesse entrado, tinha saído meia hora depois.

"Durante todo esse "tratamento" pretendiam os militares que o peticionário assinasse documento e fizesse declarações que comprometessem criminalmente o ex-prefeito Valmor Giavarina, chegando ao ponto de procurar envolver a moral da própria esposa do ex-prefeito, com objetivos nitidamente torpes, vis e asquerosos." Trecho da declaração por escritura pública que Godoy fez, no dia seguinte, no 1º Tabelionato de Notas de Apucarana.

Aí o capitão falou assim: bão, vambora! Me levaram embora mandando caminhar agachado. Os dois que me conduziram não se agachavam e o terceiro me empurrava pela nuca. Pra judiar mesmo.

O carro pegou as direita e não andou uns dois, três minutos. Paramos. Pelo barulho percebi onde estava. Aí tiraram minha venda.

– Agora ele já sabe onde está, tira a venda dele.

Mandaram mexer bem os olhos porque, já pensou, você vê claridade depois de umas seis horas vendado...

Entrei, e me conduziu sempre algemado a uma salinha que ele tem no quartel. E sei que acendeu uma plaquinha na porta dele, pra ninguém entrar, ninguém perturbar. A cortina da janela estava fechada. Fecharam a porta. Aí o capitão me pôs no banco e foi até o sanitário e mandou o sargento buscar um... Falou assim:

– Vai lá na frente e peça aquilo emprestado.

Pra mim, vou lá saber o que é aquilo!

Bom, sei que o cara veio com uma maquininha na mão. Maquininha que eu já conhecia.

De onde?

Meu irmão foi telegrafista no exército e já me explicou como é que é aquilo. Já tive oportunidade de ver isso aí.

O capitão voltou e o Guedes, com aquele sadismo, foi buscar um fio comprido e tal.

– Ah, você achou o fio?

A intimidade entre eles é a coisa mais linda do mundo. Ali não tem hierarquia, não. Nem esse negócio de capitão. É tudo igual.

E o cabo chegou pro capitão:

– O senhor quer que eu vou buscar cigarro?

– Ah, mas que é que é isso, vai até a cidade...

E eu ali, né, quetão.

Mas via que estavam montando ali um processo que só podia ser eletricidade. Aí o sargento falou assim:

– Esse fio pode por na algema mesmo? Não estraga a algema?

E rindo, aquele sadismo deles.

E colocaram um fio na algema e outro enfiaram na sandália, um fio bem descascado. Aí o capitão plantou-se na mesa muito sossegadamente e falou assim:

– Godoy, a partir de agora, você é meu inimigo!

Começou as mesmas perguntas que fêz na pedreira e começou a me chamar de comunista, eu jurava que não, pelo amor de Deus, não me fala uma coisa dessa, porque todo mundo me conhece, não tenho participação nenhuma, graças a Deus. Tenho meus princípios, certo? E não: você é isso, você é subversivo, você com esse processo contra o prefeito está agitando a segurança nacional. E sempre incriminando o ex-prefeito.

E dada as respostas que eu dava... porque não sei de nada... que que eu vou saber?... o pau comia.

O choque vinha, mas vinha direto. Não era pouquinho não. O capitão virava a manivela até que via que eu ia desmaiar.

Eu já tava urinando na roupa, entende, então quando ele via que eu desmaiava, ele parava e tal. Aí: você não tem jeito e tal. E continuava outra vez.

No dia 12 de outubro, o capitão Romariz prendeu o deputado Scarpelini, do MDB, para lhe avisar que não falasse nada na Assembléia sobre os contratos de risco. Por coincidência, esse deputado foi quem primeiro falou em público sobre o caso Godoy: leu na Assembléia a declaração do 1º Tabelionato de Notas em que Godoy acusa o capitão Romariz de tortura. O advogado queria encaminhar o processo longe do púbiico. Não autorizou nem proibiu o discurso de Scarpelini, onde o deputado agricultor de 25 anos pediu aplicação do AI-5 para punir o capitão, se a denúncia de Godoy for comprovada. Dois dias antes, Scarpelini tinha feito um discurso a favor da vigência do AI-5, contrariando a plataforma partidária e está sendo expulso do partido. No tempo de vereador em Apucarana foi cassado, e depois readmitido, porque feriu o decôro parlamentar ao propor a instalação de um bafômetro:

– Alguns vereadores vinham bêbados e as sessões eram tumultuadas.

Aí o capitão cismou de telefonar pra senhora dele que não ia jantar em casa e isso observei porque eles haviam pedido comida. Pediram sanduiches e leite para a cantina e realmente veio. Entrou muito escondidinho o lanche deles, o leite, e ele então se comunicou com a senhora dele que não ia jantar em casa.

"Recepção bastante concorrida na residência do casal Beatris – Capitão Romariz. Foi uma agradável noite para nós também. Sempre gentis e com aquele modo caracteristico dos cariocas em bem receber."

Esse comentário saiu na Tribuna da Cidade do dia 23 de novembro, domingo. Nesse dia, o jornal Radar estampou a manchete Arbitrário, Prepotente e Desonesto – como Valmor define o capitão.

– Ele serve-se do exército em vez de servi-lo. Se houvesse um Romariz em cada estado do Brasil, estaríamos perdidos.

Ele virou e falou assim: vamos encerrar isso aí.

Então o Guedes acabou de bater mais um pouco ali e pegou mais papel de outra salinha. Chegou e falou assim:

– Assina aqui.

Falei: – Só se o senhor deixar eu ler.

– Aí falou assim: é, vamos ter que começar tudo de novo.

O Capitão Romariz está sendo acusado num inquérito policial em Rolândia, 40 quilometros de Apucarana, desde 4 de junho deste ano. Junto com o delegado Wilson de Almeida e o escrivão Antonio Barbosa, obrigou o vendedor de balanças José Dias de Alencar a entregar um carro para Valduir Américo da Silva, de Londrina.

A mulher de José, Rachel Fiala, disse que o marido tinha trocado um Volks pelo Karman Ghia de Valduir, ficando cada um de pagar as prestações que ainda faltavam de um e de outro. Depois, José deu algumas balanças a Valduir, que em troca ficou de pagar as prestações dos dois carros.

– Mas em maio desse ano começaram a chegar uns avisos do banco dizendo que as prestações estavam atrasadas e iriam a protesto. Meu marido então foi lá e pagou. Depois pegou as duplicatas e foi falar com o Valduir, dizendo que queria o dinheiro dentro de 15 dias ou então o negócio estaria desfeito. O prazo terminou e nada do Valduir pagar. O José foi de novo pra Londrina, para ver se resolvia. O Valduir então disse assim:

– Eu vou te tomar este carro nem que tenha que comprar a polícia.

Aí eu já tava... pra ser honesto... era melhor dar um tiro na gente, matar, liquidar o assunto. Melhor pra mim. Aí falei: pelo amor de Deus o senhor dá tudo que tenho que assinar. Eu assino. Aí comecei a chorar, me deu um troço lá, e... assino o que o senhor quiser porque não aguento mais mesmo.

Alguns dias depois, José foi chamado à delegacia. Acompanhou-se do advogado Arno André Giesen, que não deixaram entrar. Como estava demorando, Rachel foi ver o que estava acontecendo na delegacia. Pediu para falar com o capitão, que se dizia chamar capitão Amaury. Rachel lembrava de ter conhecido um militar chamado Amaury em Apucarana, e logo que viu o capitão percebeu que não era ele.

– Aí eu já tava desconfiada. Eu não sabia o que fazer e disse que tinha telefonado para a Polícia Federal e que eles já estavam vindo para saber o que tava acontecendo. Quando falei isso, o tal capitão ficou nervoso e disse que estava na hora de pegar o avião pra Brasília.

Aí me puseram no carro e, na saída do quartel, sempre com os vidro fechado, o capitão bateu o anel no vidro, chamou o oficial e mandou entregar a maquininha de volta no portão, sem ninguém ver.

– Esonde isso aí. Não quero que ninguém veja isso aí.

E tocou.

José assinou os papéis passando seu carro para Valduir.

– Ele veio com o capitão até em casa e pegou uns negócios. Não disse nada. E entrou num Opala verde que não tinha placa de lugar nenhum. E levaram o meu marido para Apucarana, dizendo que ele ia depor no quartel, antes de ir para Brasilia. Mas quando eles tavam quase perto de Apucarana, pararam o carro e mandaram o José descer, dizendo que se ele abrisse a boca morria em dois minutos. E mandaram que ele saisse correndo pro meio do cafezal.

O Kawuai tava esquisito. Em vez de pegar a esquerda, pegou a direita, mas é proibido ali dentro do quartel. O capitão:

– Você tá ficando bobo, rapaz?

Aí ele: desculpe e tal. Que o rapaz tava desnorteado. Não sei o que aconteceu, certo? E sempre, anteriormente e no caminho também uma recomendação: se você falar isso pra alguém, e manter contato com Valmor, eu te mato.

Sei que daí me largaram na saída para Londrina, numa rua meio escura. Um amigo me viu e me levou até a casa de minha mãe.

A entrevista tinha terminado. Valmor Giavarina estava contente porque seu constituinte não tinha dado quase nenhum fora.

– Me digam francamente: uma pessoa simples como Godoy seria capaz de inventar uma história com essa riqueza de detalhes?

Nos despedimos.

No dia seguinte, vi rapidamente o capitão Romariz. Já estava para sair de casa em seu Opala verde. Atravessei a rua e pedi para ele descer o vidro. É alto, tem bigodes grisalhos, menos de 50 anos, pele bem queimada de sol. Me recebeu sorrindo, mas tentei imaginar seu rosto diferente. Como será que era seu rosto no momento em que fez a seguinte proposta a Valmor Giavarina, tempos atrás.

– Ele me disse que seu trabalho no serviço de informações era muito parecido com o trabalho do pescador, e que ele também não gostava de voltar da pescaria sem nenhum peixe. Como o Biacchi estava falando calúnias a meu respeito, o capitão veio me prestar solidariedade.

Não olhei suas mãos, como acho que devia ter feito. Nem fiz alguma pergunta à queima-roupa cuja resposta fosse tão instintiva que se mostrasse no rosto: torturei; não torturei.

Me disse, como num comunicado oficial, que não tinha nada para dizer e não sabia que seu nome tinha saído nos mais importantes jornais da imprensa oficial do país.

– Sou um espectador. O tempo dirá.

Laudo de Exames de Lesões Corporais nº 126/75 MK, de seguinte teor. Aos treze dias do mês de novembro de mil novecentos e setenta e cinco, na Clinica de Ortopedia e Traumatologia de Apucarana, à requisição do senhor Delegado de Policia da 17ª Subdivisão Policial do Estado foi examinado José Godoy Viana, brasileiro, com trinta e um anos de idade, branco, solteiro, comerciário, residente no Parque Bela Vista desta cidade. Histórico: agredido por pessoas não conhecidas. Exame: Estrias de hiperemia em número de três com inicio na face posterior do pescoço, na altura da sexta e sétima vértebra cervical, circulando até o osso externo no limite dos terços médio e superior, lado esquerdo. Duas estrias de hiperemia partindo da sexta e sétima vértebra cervical, circundando a região cervical até o bordo superior da clavicula direita. Hiperemia face lateral esquerdo do pescoço de sessenta milimetros por oitenta milimetros; lado direito: hiperemia de quarenta e cinco por noventa milimetros de forma irregular: hiperemia em ambos os punhos circulando-os com largura de quarenta milimetros e escoriação retilinea com sete milimetros de extensão, no punho esquerdo." (Hiperemia: superabundância de sangue em qualquer parte do corpo.)

MASOQUISTA FEZ CONTRATO: TINHA MEDO DE NÃO APANHAR

Contrato amoroso de Mme. Fanny de Pistor com Léopold de Sacher Masoch:

"Sob palavra de honra, Léopold de Sacher Masoch se compromete a ser o escravo de Mme. de Pistor e a executar todos os seus desejos e ordens, durante 6 meses.

"Por seu lado, Mme. Fanny de Pistor não lhe pedirá nada desonroso (que possa fazê-lo perder sua fama de homem e cidadão). Em cada infração ou negligência, ou em cada crime de lesa-majestade, a dona (Fanny Pisor) poderá castigar a seu gosto o escravo (Léopold de Sacher Masoch).

Em resumo, o sujeito obedecerá à soberana com submissão servil, acolherá seus favores como um dom encantador, não fará valer nenhuma pretensão a seu amor, nem nenhum direito de ser seu amante. Por seu lado, Fanny Pistor se compromete a usar peles sempre que seja possível, principalmente quando se mostrar cruel.

"No fim dos 6 meses, este contrato de servidão será considerado nulo e sem maior valor para ambos as partes. Tudo o que acontecer deverá ser esquecido, com o retorno à antiga relação amorosa. O período de 6 meses pode sofrer grandes interrupções, de acordo com o capricho da soberana. Assinaram o contrato, Fanny Pistor Bagdanow e Léopold, chevalier de Sacher-Masoch. Válido a partir de 8 de dezembro de 1869."

Masoch, escritor e filósofo, fazia contratos como este quando casava. Era um masoquista.

Comé que é, Simonal, vamos voltar de novo à pilantragem? — Já voltamos!

Pensei encontrar o Simonal sozinho. Um dia antes marquei a entrevista e ele topou de cara. Mas quando entrei no escritório da boate senti um clima diferente: Simonal estava agitado em companhia de três homens que não eram dos mais simpáticos.

– Como é Simonal, vamos pra outra sala falar mais à vontade?

– Olha, bicho, não vai dar não. Quero saber direitinho que reportagem você vai fazer.

– Já falei ontem. Quero saber o que foi feito do Simonal, o artista mais bem pago do país, que hoje está aqui no Beco, escondido... O que houve com sua carreira...

– Ora, não houve nada...

Puxei do bolso 3 laudas onde tinha anotado trechos de antigas entrevistas do Simonal:

– Olha, aqui está mais ou menos o que vou perguntar.

Simonal, rápido, levantou da poltrona e pegou as laudas. Começou a ler.

– Por isso não confio na imprensa. Tá escrito aqui: "eu era preto por isso tive mil problemas, não tenho agora porque sou rico." Era preto porra nenhuma, sou preto, bicho. E nunca fui rico, nunca disse isso. Assim não dá.

– Eu tô achando que não dá mesmo. Vai dizer que você nunca tirou onda de rico? Você não tinha uma Mercedes e uma Fiat?

– E isso quer dizer que o sujeito é rico? Hoje qualquer um pode ter esses carros... E sabe lá em que condições eu comprei os carros? Sabe, se, por acaso, posei pra alguma agência e ganhei o carro?

Simonal pegou de novo as laudas. Lia, parava, se irritava, fazia careta.

– Eu não vejo vantagem nenhuma em dar a entrevista. O que eu vou lucrar com isso? Posso ter certeza que vai sair publicado o que eu falar? Não, é claro, vocês deturpam tudo.

Alguém interrompeu e me disse:

– Por que não faz uma entrevista sobre o show do Beco? É melhor assim. Deixa esses assuntos pra lá.

– Olha, eu tô pouco ligando pra esse show que o Simonal está fazendo. Quero saber dele, da pilantragem, da sua prisão, dos discos que estão caindo de venda...

– Tá vendo – Simonal entra na conversa – eles só querem o lado político da coisa. Sou um cantor, quero falar de música. Não tenho interesse em ser vereador ou coisa parecida. Não me interesso por política. Tudo que você mostrou aí no papel é um bando de mentiras. Só preocupação política. Quer mesmo saber se sou informante do DOPS? Vai lá e pergunta o número da minha carteira. Vai também perguntar ao juiz se ele realmente falou o que está escrito aí.

Na sentença que condenou Simonal, o juiz Mena Barreto diz o seguinte: "que Wilson Simonal era informante do DOPS é fato confirmado, quer pela sua própria testemunha de defesa, quer pelo acusado inspetor Mário Borges. Que recebia telefonemas ameaçadores de pessoas que supunha ligadas às ações subversivas também é matéria pacífica, pois são inúmeros os depoimentos nesses sentido. Entretanto, nenhum desses fatos pode, de modo algum, justificar a sua ação delituosa e a dos réus Hugo Correia de Matos e Sérgio Andrada Guedes"

No dia 24 de agosto de 71, o contador Rafael Viviani foi sequestrado de sua casa, em Copacabana, levado primeiro para o escritório comercial de Wilson Simonal (Avenida Princesa Isabel, 150, sala 401) e depois levado para o DOPS, onde foi espancado e obrigado a assinar uma confissão, segundo a qual teria praticado um desfalque na firma do cantor.

Simonal denunciou o seu ex-empregado e homem de confiança – a quem demitira semanas antes – como desonesto e subversivo. Viviani, em troca, respondeu que Simonal desejava conseguir dele um documento que anulasse a sua reclamação na justiça do trabalho. O cantor faria, finalmente,uma declaração que, para muitos, foi responsável pelo ostracismo em que ele caiu nos anos seguintes: disse que era informante do DOPS, "com atuação nos meios artísticos.

As violências praticadas contra Rafael Viviani ficaram comprovadas não só no exame de corpo delito, feito 2 dias após o sequestro, mas também nas declarações de várias testemunhas. (O Globo, 13 de novembro de 74).

A vontade era levantar, ir embora, mas antes mandar o Simonal pra algum lugar. Resolvi ficar catucando, aguentando aquela situação. Até que chegou o Abelardo Figueiredo, diretor geral do Beco. Me apresentaram a ele:

– Qual o problema, Simonal?

– Ele quer fazer uma entrevista. Mas é sempre aquela história, só pergunta coisa que não me interessa responder. Pede a ele pra mostrar o papel com os assuntos...

Passei as laudas para o Abelardo. Ele leu, coçou a cabeça.

– Mas tem que ser assim mesmo? Sugiro uma coisa: vamos levar o Trajano até aquele nosso barzinho, colocamos uma boa garrafa de "scotch" na frente e a gente acha um denominador comum

Todos fizeram cara de aprovação. Eu fiz uma careta como as do Simonal, e respondi que preferia resolver tudo ali mesmo. Mas o Abelardo, sem perder a calma, leu mais uma vez, e fez outra proposta::

– Então, fazemos o seguinte, viu Simonal? Você responde só o que achar que deve responder. Essa parte política etc, você diz que não pode responder. Que esta sob **sursis** e não pode falar. Eu acho que fica melhor.

Simonal foi condenado a 5 anos e 4 meses de prisão, mais um ano de internação em colônia agrícola, em novembro de 74. Mas, beneficiado por habeas-corpus, está em liberdade esperando novo julgamento. Qualquer incidente policial pode levá-lo à prisão.

Simonal pega de novo as laudas.

– Veja só: Aqui tá assim: "eu sou muito nativista, confesso que fico cheio com essas pessoas que desacreditam no Brasil. Nós somos um país pobre, estamos atravessando uma fase difícil." Sou brasileiro paca. Mas como tá escrito aí é só pra me enrolar. E vai mais a coisa, ouçam só: "O Brasil foi durante muito tempo desgovernado, o esquema era devagar, não era funcional. Se os militares estão aí e você não gosta desse regime de exceção, o que deve fazer? Trabalhar para esse regime mudar no futuro e não ficar tumultuando com anarquia, não ficar na gozação e desacreditando antecipadamente. Pra mim não importa quem está governando. Se todo brasileiro meter na cabeça que tem que fazer o melhor, o Brasil vai dar um banho."

Simonal dá uma volta pela sala, senta de novo na poltrona, faz cara séria.

HISTORIA NOVA

LEIA Jais Am

Ministro da Saúde envolvido no escândalo das vacinas

. QUEBRA QUE É DA LIGHT!

O Chefe de Policia, Cel. Silva Piragibe, jurou por todos os santos que não haveria o "meeting" daquela tarde. Manhazinha cedo mandou os pedestres cercarem o Rossio:

– Não entra nem mosquito ensebado.

A praça retangular, repleta de soldados, era a mesma em que executaram o Tiradentes, 200 anos antes. Os comerciantes, não podendo abrir, estavam fulos de raiva. O povo, idem. Por volta das 9 horas os urbanos interceptaram mais um bonde que avançava pela Avenida Passos:

– Para o Rossio não passa.

Os passageiros foram descendo, entre resmungos. Aí, o motorneiro repuxou a pera e falou alto:

– Desaforo!

Um soldado trepou ao estribo:

– Repete, cachorro. Desaforo é isto!

E derrubou-o com um pescoção.

– Fiuuuuuuuuu! Cafageste! Covarde!

Os protestos partiam de todo lado.

– Covardes! Assassinos! Covardes!

Um soldado correu para buscar reforços. Um vendedor de bilhetes, maneta e vesto, pulou para o veículo. Tomou a chave largada pelo motorneiro e, num golpe furioso, estourou o relógio.

– Quebra que é da Light!

Homens e mulheres viravam bancos, arrancavam reclames, furavam as cortinas grossas de lona, estilhaçavam faróis. Dois rapazes tentavam vergar para cima a longa tábua do estribo, ela foi fazendo praaaaaaaaaque.

– Quebra! Arrasa! Estrepa!

– Queima! Queima!

Um hominho calvo abriu a porta do seu armarinho e dentro de um minuto reapareceu com duas latas de querozene. Fazia tudo calmamente. As latas desapareceram das suas mãos, reaparecendo em cima do bonde.

– Esperem – berrou ainda. – Tem que desligar o cabo.

O cabo! O cabo! – repetiu uma colegial em unitorme.

Um preto descalço fez o que se mandava.

Fósforo. O povo se afastou. O bonde ardeu.

QUATRO DIAS DE REBELIÃO

Dias 12,13 14, e 15 de novembro de 1904 o povo do Rio foi dono da cidade. Apedrejou, saqueou, espancou policiais, invadiu quartéis, defendeu-se em barricadas, desmontou os aindames da futura Av. Rio Branco – e incendiou os bondes da Ligth. Por que? Uma tradição antiga afirma que esta rebelião foi feita por "arruaceiros e baderneiros" contra a vacinação anti-varíola obrigatória. Há um grão de verdade nisso – mas apenas um grão.

O Dr. Oswaldo Cruz, ao assumir a Direção da Saúde Pública fizera um juramento: acabar com a peste bubônica, a febre amarela e a varíola. Daí a vinte dias os adversários de Rodrigues Alves faziam, também, um juramento: acabar com o Dr. Oswaldo Cruz. Este jovem médico, pretencioso e dedicado até o fanatismo, simbolizou aquilo que as correntes políticas do tempo achavam de ruim no governo. Na questão da febre amarela, por exemplo. Havia duas teses: ou a febre amarela se transmite pelo contágio com o doente ou se transmite pelo mosquito – então.

Cruz achava que era pelo mosquito – então, ao invés, de perseguir e isolar os doentes ele perseguiu os mosquitos e as poças d'água. O povo, meio por ignorância, meio por revolta contra as dificuldades da vida, não deixava os vacinadores entrarem em casa.

O Dr. Oswaldo Cruz conseguiu, mesmo assim, estinguir a febre amarela da Capital. (Muito ajudou para isso a demolição dos pardieiros do centro). Na questão da vacina anti-varíola, porém, o Rio pegou fogo. E o povão descontou todas as suas misérias.

Os políticos da oposição achavam um absurdo: então o sujeito não tem o direito de não se vacinar? Onde já se viu! Diziam que ra um despudor a vacinação das mulheres. O povo acreditava nisso. E quando os vacinadores batiam na porta o povo batia nos vacinadores. Oswaldo Cruz não entendia tanta ignorância.

A Varíola diz a Osvaldo Cruz: "Enquanto matas mosquitos, eu vou ceifando vidas mais preciosas".

O EXÉCITO ENTRA NO FOGO

No comando do povo surgiram capoeiristas famosos (e admirados), bandidos conhecidos da plícia e simples trabalhadores enraivecidos. No Centro das Classes Operárias, ao som da Marselhesa e da Internacional, nasceu a Comissão Contra a Vacina Obrigatória. Houve comícios, passeatas e, finalmente, quebra-quebra. (Esta rebelião chamou-se, também, Quebra-lampiões). Bondes virados transformaram-se em barricadas. Rodrigues ficou encurralado no Catete. A polícia caçava inutilmente, pelas ruas, os vendedores de jornal, os moradores dos cortiços, os vendedores ambulantes, os pequenos funcionários, os empregados do comércio, os operários e os desempregados.

Dia 15, o governo mostrava-se completamente esgotado por tanta correria. A oposição achou que era o momento de desfechar o golpe de misericórdia no Presidente impopular. Tentaram, para isso, sublevar a Escola Militar da Praia Vermelha e do Realengo Quem eram esses políticos? Um era general positivista, Silveira Travossos. (O Postivismo, como filosofia, estava superado, mas servia de bandeira de luta aos partidários do poder militar). Os outros eram o senador Lauro Sodré e o deputado Barbosa Lima – políticos que a "máquina" oligárquica discriminava. Não conseguiram.

O motim popular já estava frio. A polícia recuperara-se das primeiras derrotas. A rebelião esgotara-se em baderna. (A luxuosa residência do Ministro da Saúde foi saqueada por uma "corja fedorenta", enquanto os seus familiares colocavam-se em lugar seguro). Centenas de populares foram desterrados para o Acre. Milhares foram recolhidos às cadeias. Estrangeiros expulsos como anarquistas.

POR TRÁS DA LOUCURA

É claro que o povo não enlouquecera. Nem o problema principal era a vacina obrigatória. As razões da violenta e estranha rebelião popular foram:

] A carestia chegou, naquele ano, a um limite insuportável. (Consequência do "modelo econômico" de Campos Sales: exportação, capital estrangeiro e tratamento de choque contra a inflação).

] O desemprego, em 1904, fora enorme. (Consequência da política econômico-financeira das oligarquias: paralização das fábricas e crise comercial).

] Com a "modernização" do Rio, os cortiços do centro foram derrubados. Milhares de pessoas pobres estavam desabrigadas – e breve descobririam as favelas.

] Não havia abertura política na República Velha. A oposição só podia se manifestar em ocasiões de explosão popular.

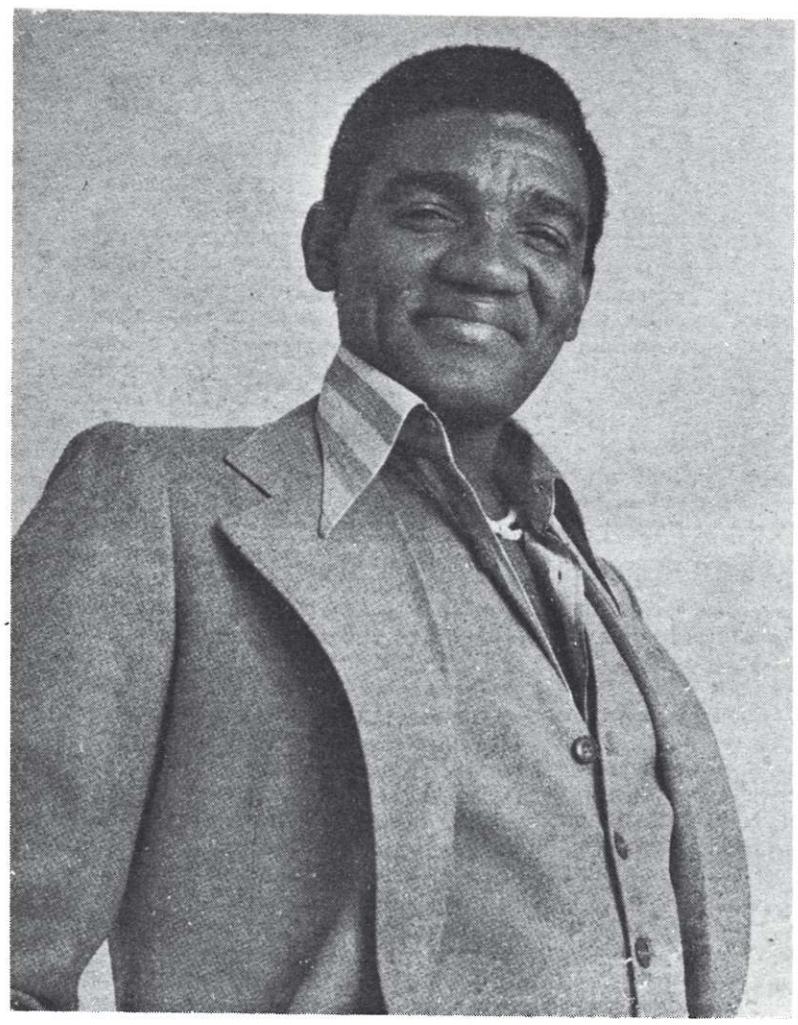
] Os militares estavam insatisfeitos (principalmente os jovens oficiais e os cadetes do Exército), com a perseguição aos florianistas (outros que encobriam suas pretensões com u'a mística qualquer).

] A campanha antivaríolica foi feita com violência policial.

Não tivemos, felizmente, no Brasil, depois disso, qualquer problema com vacinas.

Joel Ruffino dos Santos

Ex-massagista do São Paulo louco para sair da cadeia



Simonal: "Quer saber se eu sou informante do DOPS? Pergunte ao juiz."

– É uma coisa até engraçada. Quer saber mesmo? Quando comecei a fazer sucesso, eu era apontado como contestador. Qualquer coisa que eu dissesse já achavam que tinha fundo político. Durante anos foi assim. Eu dizia: "mas que tranquili-da-de", e o pessoal morria de rir. Ora, onde já se viu? Qual é a graça falar isso? Mas como ninguém falava nada, qualquer frase que eu dizia, os negos já viam outra coisa. Durante uns 10 anos foi assim.

– Isso eu nunca tinha pensado, você contestador...

– Mas é mesmo. Tem muito esquerdinha aí que gosta de posar como contestador, mas nunca fez nada. É bonito posar de esquerdinha, parece que é mais inteligente. Os jornais; esse pessoal que me ataca, é todo assim. Esse Jornal da Tarde então...

– Mas aquelas músicas que você gravou em 69 – **Brasil eu Fico** e **Cada Um Cumpra com Seu Dever** – eram músicas de protesto?

– Claro que não, porra. Mas o que ninguém sabe ou sabe e não quer dizer, é que gravei porque era contratado exclusivo da Shell. Na capa do Lp tinha isso explicado.

O contrato Simonal-Shell tinha 9 cláusulas, distribuídas em 6 laudas datilografadas, espaço 2. Ele se obrigava a fazer programas de Tv patrocinados pela empresa, a gravar jingles, a ler piadas que os publicitários da Shell escrevessem.. E antes da campanha, a Shell lançou a imagem de Simonal, associada aos seus produtos, numa campanha prévia, para levantamento de fundos para a seleção de futebol do Brasil na campanha do tricampeonato.

– Bons tempos aqueles, não? Foi o maior contato que um artista brasileiro assinou até aquela época. Hoje, soube que seus discos caíram 80 por cento de venda...

– Não é nada disso, você mesmo me disse que quando chegou aqui de taxi, estava tocando no rádio uma música do meu novo disco. Esse meu último Lp, **Ninguém Proíbe o Amor,** foi lançado pela RCA, depois de uma grande pesquisa de mercado. Acharam que era a hora. Tá tudo bem. E quer saber mais? O meu empresário, o Marcos Lázaro, fez também uma pesquisa popular, e sabe o que deu? Que eu continuo com o maior prestígio. A maioria das pessoas nem sabe que eu fui preso.

Naquele ano de 71, o do sequestro de Rafael Viviani, seu Lp não chegou a vender 3 mil cópias. Foi contratado pela Phillips em fevereiro de 72 e no mês seguinte gravou um Lp, Se dependesse de Mim, que não chegou a vender 14 mil cópias. Apesar da intensa campanha publicitária da gravadora, o Lp lançado no início de 73 vendeu apenas 21 mil cópias, 20 mil a menos que a empresa esperava.

Lançado há uma semana pela Phillips, o novo Lp de Simonal, Dimensão 75, não está tendo a aceitação esperada, já que até agora não passou de um 98º lugar entre os mais vendidos. Algumas rádios tocam algumas vezes a múscia "Azar", considerada pelos apresentadores "muito sugestiva", enquanto outros preferem a faixa "Cuidado com o Bull Dog" (O Estado de São Paulo, 23 de novembro de 74).

O papo se arrastava. Simonal faz uma proposta:

– Vamos fazer o seguinte: você traz as perguntas por escrito, eu levo pra casa, e digo se respondo ou não.

Mas Simonal ainda estava com as laudas na mão Examinando.

– Outra sacanagem: "já se disse iluminado pelos Mestres do Oriente e leu o livro Universo em Desencanto, quando foi preso". Misturaram uma coisa séria com uma brincadeira. Mas misturar uma coisa séria, como a religião "Universo em Desencanto" com uma pilantragem que inventei, essa não. Se as perguntas forem desse jeito, não respondo.

Levantei e resolvi ir embora. Desci as escadas e dei com a cara na porta. Tudo fechado. Atrás de mim, o Abelardo Figueiredo. Volte sempre, disse o Abelardo, apareça lá em casa quando quiser, é uma espécie de sucursal carioca aqui em São Paulo. Pé na rua, um alívio. Não sabia que eles tinham me trancado lá dentro.

José Trajano

O maior presídio da América do Sul fica em são Paulo – Casa de Detenção do Carandiru. Tem capacidade para 2 mil presos, mas sua população atual passa de 6 mil. 30% recebem visitas (10% toda semana). E um dos menos visitados é Lupércio. Fomos conversar com ele.

Roupa cáqui azul, Lupércio atravessa o portão de ferro que dá para o pátio e espera que um guarda me aponte. Sentamos num banco ao lado do relógio de ponto dos funcionários, depois de receber um presente que comprei na porta do presídio: meia dúzia de bananas, uma manga, um maço de cigarros.

– Conta o que está acontecendo de novo pelos frontes lá de fora.

Lá dentro ele é muito popular, conhecido como Lupa, o belo, locutor dos jogos de futebol do Pavilhão 2 – todos os pavilhões têm campos, clubes, federações, juízes, jogadores e grande quantidade de torcedores.

Irradiar os jogos foi um jeito que encontrou de se ligar aos "melhores anos de sua vida". Entre 51 e 52 trabalhou como massagista do São Paulo – "sou tricolor nato e hereditário" –, Juventus, Seleção Paulista e Brasileira de Basquete. E. não fosse uma cana de 3 meses, por briga feia, ia com a Seleção Brasileira de Futebol para a Europa, como assistente do Mário Américo.

Antes e depois dos bons tempos, quase só levou e deu tranco. Seu vestibular de delinquência foi atrás dos muros do Instituto Disciplinar de Mogi-Mirim (SP), onde ficou dos 12 aos 17 anos com o número 318 no peito, até conseguir fugir para São Paulo.

Adulto, a 1ª das 5 canas sérias que pegou foi em 62. Jogava bola na praça Princesa Isabel, no centro de SP, onde existe hoje uma gigantesca estátua do Duque de Caxias a cavalo, mas naquele tempo era um descampado bom para pelada.

– Dei um pé na bola. Ela subiu, subiu e quando começou a descer, tinha uns 10 tiras esperando por ela, de bracinhos abertos. Ela estava cheia de maconha, belo. Dei um pinote mas acabei na Tiradentes (penitenciária de SP já demolida) – conta Lupércio, 57 anos, cabelos brancos no alto da cabeça.

Ele vai falando e representando, como um bom contador de histórias: imita cachorros policiais tocaiando marginal na noite, polícia dando ordem de prisão, até que chegam os carros que todas as tardes trazem os presos para o Carandiru. Lupa pára de comer manga e ascende os olhos.

– Olha o bonde!

De trás vão saindo 40 pessoas, na maioria jovens. Uma deles cumprimenta Lupa:

– Ô, belo, cê ainda taí, malandro?

– Não, só de passagem.

O bonde com Lupa chegou há 3 anos. Ele entrou de novo no artigo 281. Pena: 3 anos e 7 meses.. Suas impressões sobre a estadia:

– Atrás dos muros é tudo uma comédia, belo. Começa de manhã, quando a malandragem levanta os ossos, e vai até a hora de dormir. Solidão, né? Você já foi preso alguma vez? No Pavilhão 2 estamos em 800. É gente pra burro. Tem gente pra burro e no fim cada um tá na sua. Nego chega em você e plá, plá, plá, quer trocar umas idéias, certo? Mas tem hora que não dá pra aguentar tanto papo. Depois das 6 da tarde tem música de falante: se o cara ficar ligado no barato do som, ajuda um pouco. Às vezes você está se ligando e chega uma peça querendo fazer bandolim da tua orelha. Até dá vontade de lascar uns fáite na pera do cara pra fazer ele dormir um pouco. Olha, belo, quando eu sair daqui, gudibái, não volto mais.

Hilton Libos

PARA MENORES DE 21

Cais Cm

Pensamento político do candidato a presidente, onze anos atrás

Deu no jornal Amanhã (TV Globo, 23 horas): o senador Magalhães Pinto será candidato à sucessão do presidente Geisel. Foi ele o autor do manifesto que publicamos abaixo, senha que deflagrou o movimento de 1º de abril de 1964, que terminou com a deposição de João Goulart e a posse do general Castelo Branco na presidência da República.

"Foram inúteis todas as advertências que temos feito ao País. Contra a radicalização de posições e de atitudes. Contra a diluição do princípio federativo. Pelas reformas estruturais, dentro dos quadros do regime democrático. Finalmente, quando a crise nacional ia assumindo características cada vez mais dramáticas, inútil foi também nosso apelo ao governo da União para que se mantivesse fiel à legalidade constitucional.

"Tivemos, sem dúvida, o apoio de forças representativas, todas empenhadas em manifestar o sentimento do povo brasileiro, ansioso de paz e ordem para o trabalho, único ambiente propício à realização das reformas profundas que se impõem, e a Nação deseja, mas que não justificam, de forma alguma, o sacrifício da liberdade e do regime.

"O presidente da República, como notoriamente o demonstram os acontecimentos recentes e sua própria palavra, preferiu outro caminho: o de submeter-se à indisciplina das Forças Armadas e o de postular e, quem sabe, tentar realizar seus propósitos reformistas, com o sacrifício da normalidade constitucional e acolhendo planos subversivos que só interessam à minoria desejosa de sujeitar o povo a um sistema de tirania que ele repele.

"Ante o malogro dos que, ao nosso lado, vinham reclamando a necessidade de reformas fundamentais, dentro da estrutura do regime democrático, as forças sediadas em Minas responsáveis pela segurança das instituições feridas no que mais lhes importa e importa ao país – isto é, a fidelidade aos princípios de hierarquia, garantidores da normalidade institucional e da paz pública – considerar de seu dever entrar em ação a fim de assegurar a legalidade ameaçada pelo próprio presidente da República.

"Move-as a consciência de seu sagrado compromisso para com a Pátria e para com a sobrevivência do regime democrático. Seu objetivo supremo é o de garantir às gerações futuras a herança do patrimônio de liberdade política e de fidelidade cristã, que recebemos de nossos maiores e que não podemos ver perdidas em nossas mãos.

"A coerência impoe-nos solidariedade a esta ação patriótica.

"Ao nosso lado estão todos os mineiros, sem distinção de classe e de condições, pois não pode haver divergências quando em causa o interesse vital da nação brasileira. É ela que reclama, nesta hora a união do povo, cujo apoio, quanto mais decidido e sem discrepância, mais depressa permitirá o êxito de nossos propósitos e de manutenção da lei e da ordem.

"Que o povo mineiro, com as forças vivas da Nação, tome a seu cargo transpor esse momento histórico. Só assim poderemos atender aos anseios nacionais de reforma cristã e democrática. Esse o fruto que nos há de trazer a legalidade, por cuja plena restauração estamos em luta, e que somente ela poderá conseguir."

José de Magalhães Pinto, Governador de Minas Gerais.

Edição Extra do Cruzeiro, 10/4/64

Saldanha, o quase campeão de 70, diz que nem Sir Bobby Charlton escapa: é um analfabeto em inglês.

Jogador é burro!

Muita gente atribui ao futebol um papel de distração. Há até uma frase:

– Dá circo ao povo, que o povo fica satisfeito.

Isso foi dito há mil e tantos anos atrás, no tempo do Império Romano. Olha, tanto a frase não é verdadeira que o Império Romano foi destruído. Futebol não dá prestígio a ninguém. O João Goulart foi campeão do mundo em 62 e olha só o que aconteceu.

O governo se autopromove com o esporte. E daí? Outros países também fazem isso. Mas isso não traz benefício nenhum. Se o futebol, do ponto de vista demagógico, fosse capaz de iludir, tirar o povo do centro de atividades, do pensamento político ou de vida, o Mussolini não teria sido pendurado numa bomba de gasolina, depois que a Itália foi bicampeã do mundo em 34 e 38.

Pois é. Não se pode dizer nada. Tá tudo proibido. Tudo censurado. Até xadrez tá censurado. Tem vezes que chego na TV, ou na rádio, não posso falar nem de xadrez. É verdade mesmo! Gosto de xadrez, sei até mexer as pedras, mas eu não sou comentarista. Aí o cara veio pra mim e disse:

– Por que você não escreve sobre as retumbantes vitórias do Mequinho?

Olha, meu caro, respondi, por que você não coloca São Jorge na página de turfe?

Não tô sabendo que o cara era um graduado, um censor que queria que eu escrevesse na minha coluna sobre as retumbantes vitórias do Mequinho.

Somos o país mais atrasado em matéria de organização que existe na face da Terra. E tem uma coisa: nossos jogadores são uns embrutecidos. Quanto mais tempo um jogador joga, mais burro e ignorante fica. Entra pro 3º primário e sai analfabeto. E na miséria, sonado como um boxeur. Incapacitado psiquicamente para qualquer atividade que não seja a de tira ou de ladrão. Uns poucos, que teriam ou têm capacidade natural para gerir negócios ou atividades de trabalho, conseguem ser chofer de táxi ou abrir um negocinho. A Fugap (Fundação de Garantia do Atleta Profissional) abriu casas de comércio pequenas para dezenas de jogadores. Todos faliram. Deu uma centena de taxis, quase todos quebraram a cara.

A profissionalização é que serve para embrutecer mais ainda o atleta. Mas o profissionalismo fatalmente vai acabar. Ele se fixou mais na Europa (Espanha, Portugal, Itália e alguns países do Mediterrâneo). Nos países de nível cultural mais desenvolvido, a profissionalização não é total. No norte da França, por exemplo, em alguns clubes os jogadores só ganham metade do salário. A outra metade em emprego. Eles têm uma atividade e não saem dali por dinheiro nenhum.

Mas esse embrutecimento não é só do jogador brasileiro não. Por exemplo, o Bobby Chalton, o Sir Bobby Chalton, tem um aspecto nobre, mas é um semi-analfa. Um sonado. Aquele outro rapaz, irlandês... galês, sei lá... o George Best, é um Garrincha. Só que fala em inglês. Menos um pouco são os jogadores alemães, porque lá os clubes têm uma espécie de contrato semi-amador. O Beckenbauer, por exemplo, não sai do Bayern de Munique de jeito nenhum. Ele é sub-gerente de uma companhia de seguros. O Overath, outro jogador da seleção alemã, é dirigente de uma companhia de ônibus, que lá é estatal. Mas eles trabalham de pastinha na mão, dão horário e tudo o mais. Os suecos são amadores, os dinamarqueses também, os holandeses semi-amadores.

Essa história do embrutecimento pode ser encontrada numa discussão, bonita até, de Sócrates e um discípulo dele, há mais de 2 mil anos, sei lá, sobre ginástica e música. Os gregos clássicos chamavam ginástica tudo que dizia respeito ao físico. Música tudo que dizia respeito ao intelecto. O Sócrates chamava a atenção do discípulo:

– Você não vê o perigo que há do indivíduo se dedicar exclusivamente à ginástica e deixar tudo que seja intelectual fora? Não estaríamos formando um bruto?

E ele tinha razão! Aí eu coloco, em contra-partida: um intelectual que se dedicar somente à cultura, não vai se atrofiar? E a cultura com isso não deixa ele se desenvolver. De certa forma, em nível oposto, temos os brutos do futebol e os idiotas da objetividade.

A minha carreira de técnico, é óbvio, está encerrada. Não dá mais para aguentar essas coisas aí. Acho que treinador no Brasil não tem condições morais para trabalhar. O Fluminense, com um timaço daqueles, já trocou 3, 4 técnicos. Não é recorde brasileiro porque já teve o Palmeiras com 6 e o América mineiro com 9 em 1 ano. Os russos, os ingleses, os iugoslavos vêem sabiamente a figura do treinador. A parte do treinador, eu creio, teoricamente, já não vale 5%. Você pode botar o melhor treinador do mundo para dirigir o São Cristóvão que ele não ganha. Mas a Brigite Bardot dirigindo o time do Fluminense, por exemplo, pode ganhar o campeonato carioca.

Estou cansado. Não é brincadeira fazer diariamente crônica pra Última Hora, comentários para a rádio Globo e TV Rio. Cansado de correr daqui pra lá sem descanso. O futebol está uma coisa de louco. Assim ninguém aguenta. Nem o futebol.

José Trajano

Saldanha: "Por que não botar São Jorge na página de turfe?"

MENINA DE 9 ANOS REVELA QUEM FOI QUE INVENTOU O BRASIL

Os alunos do 3º ano primário da Escolinha da Monica, em SP, fizeram uma redação em classe, em outubro passado, com o tema "O Descobrimento do Brasil". Um dos textos impresionou a professora pela inventividade e ela até comentou com uns amigos. Eles nos trouxeram o texto, que copiamos com todos os "erros ortográficos". A autora tem 9 anos!

A 475 anos atrás Pedico Alvaro Cabrito descobria o Brasil – continuou vovô. Foi assim:

Eles estavam andando em suas lanchas quando o "cara" da lancha da frente gritou:

– Terra à vistaaaa!

Pedico levantou e gritou para o seu disco-voador:

– Pode pousar!

Pedico encostou as lanchas e começou a procurar uma casa para por os esquis e poder fazer esqui-aquático.

Enquanto esquiava, ditava uma carta a Peru Vaz de Caneta, mas a carta era tão grande que Peru Vaz reclamou:

– A minha caneta bic pifou, bolas.

Então Pedico chamou seu amigo Maquineta e pediu-lhe uma caneta bic, Maquineta num segundo lhe deu uma faber 90 e Pedico não gostou.

– Eu pedi Bic, entendeu? BIC!

Maquinetta deu 10 canetas bic a Peru Vaz de Caneta.

– Falô! – disse Peru Vaz. Essa é que é boa!

Pedico continuou ditando a carta e assim que acabou pediu para encostarem a lancha e leu a carta, ficou assim:

Meu chapa.

"Tô" alegre, pois descobri uma terra jóia.

Também preciso de gasolina "prás" "lancha" e "pro" disco-voador, falô?

Bom, é só isso, aí, tchau!

Pedico Alvaro Cabrito e Peru Vaz de Caneta.

Depois disso Pedico foi pegar sua "moto" e começou a andar. Andou até ver os índios.

Renata N.

FRANGO CAIPIRA

LEIA Mais Um

Manifesto abre a seção e faz sua primeira denúncia: "Nestlé mata bebê!"

O consumidor é uma galinha de granja.

Ela vive presa em gaiolas, numa situação artificial, com o único objetivo de produzir. É arrancada do ambiente natural e jogada na competição para aumentar a produção. Come mais do que precisa, até cair num estado de depressão. Aí come mais ainda, até ficar louca.

E o pior: o frango e o ovo que você come não tem sabor.

Nós somos mais o frango caipira!

Mas nós também somos consumidores.

56% da população brasileira não é. São marginais – enchem a barriga com o que encontram.

Então é supérfluo defender o consumidor? Não – ninguém escapa da sociedade de consumo!

Deu nos jornais: na Bahia, uma família vende leite de cabra pra comprar Coca-Cola. E na Nigéria, a mulher do ex-presidente, General Gowon, teve que posar em foto oficial, ao lado do marido, amamentando o filho. Motivo: as mulheres nigerianas tinham perdido o hábito de amamentar seus bebês em troca do leite em pó!

A língua de quem não tem nada e de quem tem tudo é a mesma: a publicidade!

O caso da Nigéria mexeu com o Conselho Mundial de Igrejas e o Grupo de Estudos de Proteínas da ONU (que, pesquisando no Chile e na Jamaica, encontraram o mesmo problema). No mês passado, a organização Ação no Terceiro Mundo denunciou: "Nestlé mata Bebê". Acusa a multinacional de contribuir para a taxa de mortalidade infantil em países subdesenvolvidos.

Por que o leite materno vem sendo abandonado?

Por que é de graça!

A indústria de propaganda no Brasil gastou, no ano passado o equivalente a 1,3% do PNB (cerca de 6 bilhões) e não foi apenas para vender produtos. Foi para atirar mais gente no consumo. Mas não gastou um tostão para esclarecer o consumidor.

Mais importante que denunciar um produto é denunciar a publicidade!

Ela cria novas insatisfações. Consumir é vender a liberdade a crédito. Você compra hoje e vende sua liberdade amanhã Um amigo ouviu isso de um negro num boteco: "Eu sou um perigo para a sociedade de consumo; eu não consumo!". Em compensação, dois guardas noturnos, amigos nossos, não dormem de dia: arrumaram outro trabalho para comprar carros.

A qualidade de vida piora na medida em que o produto interno bruto aumenta. É ilusão pensar que o crescimento melhora a vida da maioria. No México, o Banco Mundial promoveu a expansão agroindustrial. Investiu mundos e fundos, mas a pobreza não diminuiu. Ao contrário, aumentou. Houve desemprego em massa e as terras se concentraram nas mãos dos mais ricos.

Jeca: "Só o Banco Mundial pode investir mundos e fundos."

As coisas só podem mudar se a gente der nome aos bois!

Frango Caipira, uma trincheira do consumidor, nasce com o **Mais UM** no 1, para lutar na Terra do Marlboro. Onde as leis são criadas para não serem cumpridas. Não fossem as pressões dos outros países, e ninguém tomava providências contra o DDT: proibido em 20 países, ainda é usado no Brasil. Desculpe: estamos esperando que acabem os estoques de fábrica.

Frango Caipira vai defender tanto o consumidor como denunciar o Status e a Publicidade, o falso progresso.

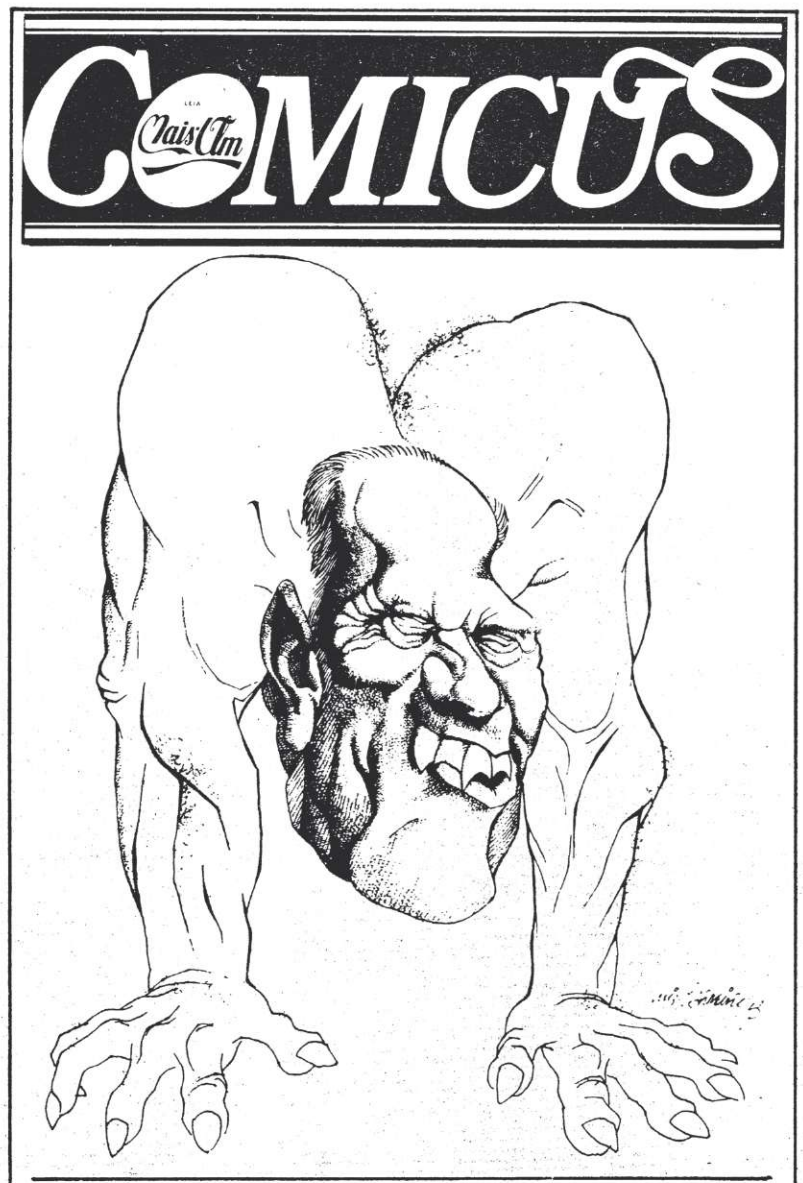
Frango Caipira precisa de vocês. Biólogos, antipublicitários. Químicos. Jornalistas. Nutricionistas. Médicos. Ecologistas. Sociedades de Defesa do Consumidor (só existem duas, uma no Rio de Janeiro, outra no Rio Grande do Sul). Consumidores. Leitores em geral.

Vamos dar nome aos bois?

Está aberta a seção!

(Criação de Nivaldo Manzano)

Minamata agora no Canadá



Desenho de Luiz Carneiro, 17 anos, estudante de comunicações, SP. Quase inédito. Até agora só tinha publicado uma série de tiras na revista de quadrinhos Balão/nº 9.

Em 1970, Norvald Fimreite, um estudante de biologia, foi pescar no rio English - Wabigoon, Canadá em busca de material para sua tese na Universidade de Ontário Ocidental. Nessa região vivem os índios Ojibway, concentrados em duas reservas – Grassy Narrows e White Dog. Nas férias, os turistas americanos vindos principalmente de Minneapolis e Chicago, empregam-nos como guias, para descobrir mais facilmente os locais de boa pesca.

Norvald conseguiu alguns peixes e pássaros que levou para examinar no laboratório da escola. E descobriu que o índice de mercúrio nos peixes estava 50 vezes acima do fixado pelo nível internacional. Imediatamente levou o caso ao governo canadense. Um nível quase igual de mercúrio descoberto nos peixes da pequena cidade japonesa de Minamata, em 1956, resultou em 200 mortes e milhares de casos de invalidez.

O governo canadense descobriu logo que a Dryden Paper Company, uma fábrica de papel 100 quilômetros ao norte das duas reservas índias, havia jogado 10 toneladas de resíduo de mercúrio no rio, durante os últimos 8 anos. E tomou imediatas medidas para proteger...seusinteressesturísticos na região. Proibiu a pesca comercial mas continuou permitindo a pesca por esporte. Colocou por todos os lados cartazes avisando que os peixes não deviam ser comidos. Os turistas americanos gostavam do peixe; os índios tinham nele seu principal alimento. Todos continuaram comendo.

Barney Lamm, dono de um dos mais populares hotéis da região ficou tão abalado com a descoberta do mercúrio que fechou seu hotel e abriu um processo contra a Dryden Paper Company, pedindo uma indenização de milhões de dólares por ter arruinado seu negócio. O caso foi abafado pelo Serviço de Turismo de Kenora. O governo ignorou o problema.

Em 1974, Aileen Smith – que juntamente com o marido, W. Eugene Smith, fotografou e escreveu o livro "Minamata" – chegou à região de Kenora a convite de Barney. Ficou chocada com o que viu. "É incrível como essa situação é parecida com a do Japão. Os mesmos acobertamentos do governo de interesses econômicos, sobrepondo-se a vidas humanas"

O casal Smith pediu a uma equipe de especialistas japoneses chefiada pelo dr. Masazumi Harada, uma das maiores autoridades em poluição por mercúrio, que visitasse as reservas índias. Em setembro Harada divulgou seu relatório: "Dos 89 índios examinados, 37 mostraram dois ou mais sintomas iguais aos encontrados nos pacientes com mal de Minamata". E avisou que a situação ia piorar muito.

Agora o mal de Minamata está atingindo proporções epidêmicas e não há nenhum jeito de impedí-lo. Pode causar deformação, distúrbios nervosos até a morte. Seus efeitos estão ficando cada vez mais visíveis nos índios das duas tribos.

O envenenamento por mercúrio provoca o Mal do Chapeleiro Maluco, um distúrbio psíquico caracterizado pela irritabilidade e inquietação bem como depressão mental e imbecilidade". Nas reservas, muitas pessoas têm lábios e membros retorcidos. As mulheres grávidas abortam 5 vezes mais que o normal no Canadá. Só na reserva de Grassy Narrows, quatro crianças nasceram recentemente com paralisia cerebral, caso comum entre as mulheres que ingerem mercúrio durante a gravidez.

Professores da região notaram uma proporção muito alta de retardados mentais entre as crianças novas. (Em Minamata 29% das crianças nascidas entre 1955 e 1959 eram deficientes mentais).

Estudos anteriores sobre o mal de Minamata provaram também que a possibilidade de ataque cardíaco aumenta na medida em que se eleva o nível de mercúrio no sangue. Um guia índio já morreu em 1972 de um aparente ataque cardíaco. Outros guias foram examinados e mostraram ter índices semelhantes de mercúrio em seu sangue.

No último ano, houve um aumento alarmante de violência nas duas reservas. Em setembro, um bebê de 6 meses foi encontrado flutuando no Grassy Lake. Em outubro, um menino de 16 anos foi morto a tiros numa briga de adolescentes. Em fevereiro, um bebê de 8 meses foi abandonado na neve para morrer e um garoto de 13 anos foi esfaqueado. Em março, um homem de 30 anos foi esfaqueado. Em junho, o corpo de um velho foi encontrado morto, com a cabeça esmagada por uma pedra. Em agosto, outro garoto foi esfaqueado. Em setembro, uma menina morreu depois de ser espancada.

Antes de 1970, segundo Marion Lamm, que viveu com os índios por 30 anos, nunca se ouvira falar de um assassinato ou um suícidio, não era da sua tradição, simplesmente ia contra seu modo de vida".

A Dryden Paper tem se mantido calada a respeito. Em breve deverá instalar um equipamento que permite a fabricação de papel sem utilizar mercúrio. Mas segundo os especialistas, o mercúrio já jogado no rio continuará poluindo os peixes por 8 anos ou mais.

O governo ,mesmo assim, se recusa a fechar o rio completamente. Na verdade, o próprio governo de Ontário dirige um grande acampamento no rio poluído, onde os turistas são encorajados a comer o peixe que pescarem juntamente com seus guias índios. O dr. James Clarkson, especialista renomado mundialmente em matéria de poluição por mercúrio, teria sido contratado para examinar os índios, mas até agora as autoridades não parecem dispostas a gastar os 100 dólares por pessoa necessários para um exame clínico de todos os índios que poderiam estar afetados.

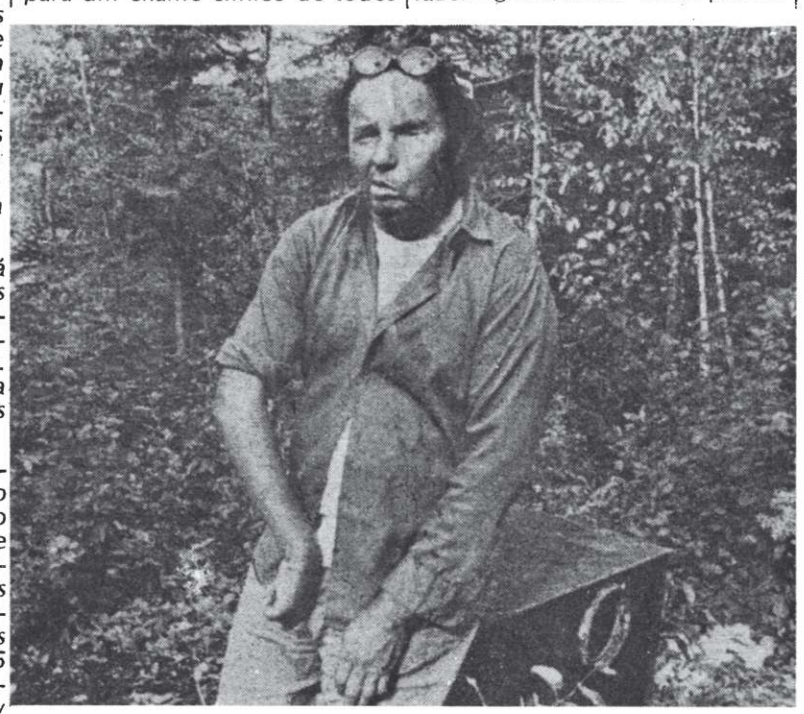
Primeiro, os gatos.

Fredy Kelly, um líder índio de Ontário, diz que o governo está envolvido num "acobertamento político em massa" e oculta informações aos índios ameaçados. Há vários anos – segundo ele – o governo pegou 20 toneladas de peixe do rio e deu aos gatos para comer. Todos os gatos apresentaram sintomas de envenenamento por mercúrio, mas nunca se contou aos índios o resultado do teste e nem se alertou diretamente para que deixassem de comer peixe. Kelly diz que os índios mereciam no mínimo uma nova fonte de alimentos, além de uma maneira de ganhar a vida e cuidados médicos para os já afetados pelo peixe poluído.

Outra acusação: já 1972, a Dryden Paper estava tratando seus próprios empregados envenenados por mercúrio desde a década de 60, sem estender esta informação médica aos índios e brancos que trabalham no turismo da região.

"Pesco nesse rio desde os 8 anos", diz o Chefe Keewatin, da reserva de Grassy Narronws. "Conheço o peixe e os animais me conhecem. Sei onde o peixe gosta de comer e quando. São coisas que me foram ensinadas por meu pai, e que lhe foram ensinadas por seu pai. O rio que sempre foi uma fonte de vida para o meu povo, agora, é uma fonte de veneno e de mortes".

Tommy Kesssick, 29 anos, líder da Sociedade dos Guerreiros afirma que se 1.000 cidadãos brancos de Toronto fossem tratados como aconteceu com os índios, a reação seria muito mais imediata. E pergunta: "O governo quer que 300 dos nossos morram antes de fazer alguma coisa?" Falta pouco.



A doença do chapeleiro maluco

Samora Machel vê perigo nessa revolução: Mulher tem que gostar de homem!

Samora Machel, 42 anos, é o primeiro ministro de Moçambique desde 25 de junho. Além de ter sido o revolucionário fundador da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) é também escritor. Casado pela segunda vez há uns meses. É a respeito da mulher que ele fala nesse texto extraído de seu relatório à 1ª Conferência da Mulher Moçambicana.

"O conflito homem x mulher é na realidade o conflito mulher x ordem social. Esta é a contradição antagônica que exclui a mulher da esfera de decisão da sociedade. Esta contradição só pode ser resolvida pela Revolução porque só a Revolução destrói os alicerces da sociedade exploradora e reconstrói a sociedade em bases novas, que libertam a iniciativa da mulher, a integram como ser responsável na sociedade e a associam à elaboração das decisões.

Por consequência, da mesma maneira que não pode haver revolução sem libertação da mulher, a luta pela emancipação da mulher não pode triunfar sem a vitória da Revolução. Devemos ainda dizer que os fundamentos ideológicos e culturais da sociedade exploradora, que mantém dominada a mulher, são destruídos pelo progresso da revolução ideológica e cultural que impõe à sociedade novos valores, novos métodos, novo conteúdo da educação e cultura.

Mas além desta contradição antagônica entre a mulher e a ordem social, surgem ainda, como reflexo, outras contradições que, com caráter secundário, opõem a mulher ao homem. O sistema de casamento, a autoridade marital fundada exclusivamente no sexo, a frequente brutalidade do marido, a sua recusa sistemática em tratar a mulher como seu igual, constituem fontes de atrito e contradições. Por vezes mesmo, em certos casos limites, estas contradições secundárias, porque não são resolvidas corretamente, agudizam-se e resultam em consequências graves, como o divórcio. Mas não são estes fatos, por mais graves que possam ser, que alteram a natureza da contradição.

Importa sublinhar este aspecto porque na nossa época presenciamos, sobretudo no mundo capitalista, uma ofensiva ideológica que, sob a camuflagem de luta de libertação da mulher, pretende transformar em atagônica a contradição com o homem, dividindo assim homens e mulheres explorados, para impedir que combatam a sociedade exploradora. Na realidade, para além da demagogia que encobre a sua natureza real, esta ofensiva ideológica é uma ofensiva da sociedade capitalista para confundir as mulheres, desviar a sua atenção do alvo verdadeiro.

No nosso seio aparecem pequenas manifestações desta ofensiva ideológica. Ouvimos aqui e acolá mulheres murmurarem contra os homens, como se fosse a diferença dos sexos a causa da sua exploração, como se os homens fossem uns monstros sádicos que tiram o seu prazer da opressão da mulher. Homens e mulheres são produtos e vítimas da sociedade exploradora que os criou e educou. É contra ela essencialmente que mulheres e homens unidos devem combater. A nossa experiência prática tem provado que os processos obtidos na libertação da mulher resultam dos sucessos obtidos no nosso combate contra o colonialismo e imperialismo, contra a exploração do homem pelo homem, pela construção da nova sociedade."

Samora Machel

PRETO É GENTE

LEIA Mais Um

Polícia entra na casa do poeta. Leva Solano e seus livros.

Solano Trindade, falecido no ano passado, era poeta, teatrólogo, folclorista, pintor e boêmio. Quem vai falar sobre ele é sua própria filha, Rachel Trindade, 39 anos. Ela é pintora primitivista, assina seus quadros como Kambinda – nome que tirou de uma preta velha do candomblé –, já foi premiada várias vezes. Vive numa cidadezinha a 25 km de São Paulo, Embu, onde moram muitos outros artistas populares. Seu maior sonho é continuar o maior sonho de Solano – o Teatro Popular Brasileiro. Depoimento a Angela Maria Pappiani, Maria da Graça Ferrari e Silvia Czapski.)

Ele era diferente dos outros pais. Os outros pais tinham que sair cedo para trabalhar. A maioria, onde nós morávamos, era operário e ele trabalhava no IBGE, lá no Rio. Como sabia que eu gostava de arte, me levava pro trabalho, batia o ponto e saía comigo para mostrar museus, assistir concertos de orquestras sinfônicas, pra conhecer outros amigos. Até que esquecia de voltar pra bater o ponto de novo. E nisso perdeu o emprego, né? Mas pra mim era ótimo, passear.

Quando ele formou o Teatro Popular Brasileiro, em 1950, eu devia ter uns 12 ou 13 anos e gostava muito daquelas festas que ele fazia em Caxias. Papai ia muito a rodas de intelectuais, mamãe ajudava também, mas sempre muito preocupada "Pôxa, vem essa gente grãfina dentro de casa, não tem nada, as crianças não têm as coisas "direito" Mas ele nem tava aí, queria é mostrar os livros.

Depois eu me lembro dele nos comícios em Caxias. Ele tinha uma linguagem assim, nos discursos, bem poética. Depois me lembro que a polícia o surpreendeu em casa. Escutei aqueles homens muito grandes batendo na porta e ele mesmo levantou de cueca, abriu a porta e a polícia disse assim:

– Tem uma denúncia de que você tem um arsenal em casa.

Pra mim foi o maior choque, nunca vi meu pai matar uma barata, ele nunca levantou a mão pra nenhum de nós. Então não esqueço aqueles homens dentro de casa dizendo que tinha um arsenal e revirando a casa toda. Meu irmão, o Liberto, que tem esse nome porque nasceu no final da guerra, tava com sarampo na cama. A polícia virou o colchão com ele e tudo, pra ver se tinha armas. Mas o que eles puderam levar foi o livro e o meu pai. Depois ele foi preso num comício na rua Relação.

Solano viveu em Caxias de 46 a 56, mais ou menos. Mas é do Recife, onde fundou a Frente Negra Pernambucana. Era difícil conscientizar o negro que ele não era inferior ao branco e que o branco é irmão. A preocupação do papai era que o negro nem se desvalorizasse nem se separasse do branco. Era ele, José Vicente Lima, Ascêncio Ferreira, o Barros. Depois, em Caxias, ele fundou a Brasiliana, grupo folclórico, junto com o Aroldo Costa. Depois veio o Askanasi, um polonês, estilizou muito e ele se afastou. Em 1950, papai fundou o Teatro Popular Brasileiro, junto com o sociólogo Edson Carneiro e mamãe.

As pessoas que dançavam no Teatro Popular eram povo mesmo. Às vezes ele dava um espetáculo mas já tava devendo tanto que em vez de pagar o pessoal tinha que pagar os outros. Alguns trabalharam com ele um bocado de anos, sem ganhar nada. Achavam que com ele aprendiam, e pronto.

O sonho dele era esse Teatro Popular, não um teatro negro-exótico, não é escola de samba, não é nada. É um teatro do povo. Então é gente de todas as cores, fazendo, levando a cultura do povo ao teatro e depois trazendo de volta ao povo. Quer dizer, a gente vai, pesquisa com o próprio povo, com o operário, a empregada doméstica, o estudante. Então é esse o meu sonho: continuar o sonho dele. Mas eu não posso trabalhar sózinha, é muita coisa.

Uma das coisas que eu também tô preocupada é que tem um movimento negro muito sério aqui em São Paulo, e o meu medo é o medo que o papai tinha, que a coisa partisse para o racismo ao contrário. Se a gente luta tanto contra o racismo dos brancos, de repente vem uma turma querendo fazer racismo negro.

Ele ainda era crente – diácono presbiteriano – quando começou a fazer poemas. Depois deixou de ser presbiteriano. Então a coisa modificou assim da água pro vinho, né? É um negócio que eu não entendo. Ele disse que foi um versículo de São João.

As mulheres dele foram Maria Margarida, minha mãe, Dione e Lycia. Dione é carioca, minha mãe paraibana e Lycia, baiana. Então cada uma tem um jeito. Todas as três gostavam dele. Mas, a única que deu certo foi a Lycia, porque ela deixava a casa à vontade, todo mundo invadia e ela se sentia muito bem. A Lycia tinha minha idade, mais ou menos. Agora, a minha mãe ela ficou amiga dele o tempo todo. A própria Lycia quando chegava com ele lá no Rio, os dois duros, no fim iam almoçar lá na casa de mamãe. E no fim ficou tudo amigo. As três foram musas pra ele.

Quando ele adoeceu, eu cheguei de Brasília, ele tava sozinho no meio do casarão e tinham roubado tudo, tudo, tudo dele! Tava só com a roupa do corpo. A Lycia adoeceu primeiro. Então a mulher do Assis (escultor de Embu), dona Imaculada, foi quem pegou ele e pôs no hospital. Papai não teve cuidado. Abriu o braço para todo mundo, ficou doente 4 anos, passando de um hospital para outro. Se foram 3 ou 4 amigos visitá-lo foi muito. Eu não tendo como cuidar dele. Então eu fiquei num estado de nervos tremendo, de ver o homem completamente abandonado. Era Vicente de Paula, escultor, meu companheiro, que vinha sempre cuidar dele: dava banho, comida. Quem lembrou dele foi a Elis, o Roberto, o Milton Nascimento que nunca tiveram um contato maior com ele.

Aí tem um poema, desses inéditos, parece que ele tava adivinhando como ele ia ficar: "Quando pararei de amar com intensidade?/ Quando deixarei de me prender aos seres e coisas?/ Quando me livrarei de mim?/ Do que sou, do que quero, do que penso?/ Quando deixarei de prantear?/ No dia em que eu deixar de ser eu/ No dia em que eu perder a consciência/ Do mundo que idealizei.../ Neste dia.../ Eu sorrirei sem saber do que sorrio." Foi o último poema dele. Interrogação. Ele ficou assim, ficou como criança.

Amor
Um dia farei um poema
Como tu queres
dicionário ao lado
um livro de vocabulário
um tratado de métrica
um tratado de rimas
terei todo o cuidado
com os meus versos

Não falarei de negros
de revolução
de nada
que fale do povo
serei totalmente apolítico
no versejar...
Falarei contritamente de Deus
do presidente da República
como poderes absolutos do
homem
Neste dia amor
Serei um grande F. da P.

Solano, numa das últimas fotos com a filha.

Menino de Deus não é proibido de fumar. Mas ai dele se fumar

Fizemos 7 ou 8 visitas seguidas às colônias de Santa Teresa e Grajaú, no Rio, onde mora a risonha empresa-família Meninos de Deus Cia. Ltda.

Nessas visitas representamos os papéis mais escabrosos: bicho mucho-loco, religiosos, desbundados, repórteres e até futuros adeptos. Na segunda visita à colônia de Grajaú, discutimos bíblia com um meninão americano chamado Matanias, que pareceu ser o relações-públicas de lá. Boquiaberto com o nosso conhecimento (aliás, um de nós era o ex-frei Hélio), Matanias se curvou e confessou: "Aqui a gente ainda não conhece tão bem o livro sagrado".

Lá, outro de nós chegou a entregar o seu coração a Jesus, mas por motivos materiais não pôde aceitar o convite para ir morar com a "família". Na última visita, em Santa Teresa, desrespeitou uma norma básica – fumar – e foi expulso, ou melhor, convidado a se retirar do casarão por Obede, um americano gorducho, cabelo estilo Beatles. Detalhe: em matéria publicada em agosto, no Diário de Minas, ***um pastor do grupo disse que "nenhum menino de Deus é proibido de fumar, beber ou tomar tóxico".***

Das 14 pessoas que moram em Santa Teresa, 8 eram americanas: entram no Brasil como turistas e são obrigadas a sair do país de 3 em 3 meses para renovar o visto. Novas colônias estão sendo montadas em todos os estados do país. Sem falar na potente gráfica off-set, instalada numa garagem do casarão de Santa Teresa. É o papel para rodar milhões e milhões de cartas com pregações de Moisés David, o líder espiritual de todos os Meninos de Deus.

Outra coisa: no ano passado, os moradores da rua Paraíso, onde fica a colônia de Santa Teresa, descobriram que os puros Meninos tinham no quintal um completo sistema de rádio-amador, que interferia nos aparelhos de tv das redondezas.

"Muitos industriais contribuem com mesadas", disse Flor de Amor, enquanto, no Largo do Machado, no Gatete, vendia cartas de Moisés.

"Ser um problema nosso que não ter nenhuma importancia no nossa conversa", dizem os americanos do grupo, mais vivos, conscientes e – sabe-se lá – mais treinados.

Agora, uma breve entrevista com um casal que chegou a frequentar a família dos Meninos de Deus:

Queluz: ***Eu só fui lá uma vez porque fomos convidados para ouvir um som. Aí eles tocaram músicas de Aleluia, leram algumas cartas de mensagem. e depois teve um sermão com chavões bíblicos. Deu para sacar que todos alí, ou pelo menos a maioria, são de classe média quase burguesa. Uma rapaziada entre 17 e 25 anos sedenta por transações diferentes.***

Menina de Deus

Alana: ***Mas tem gente boa, alegre e feliz entre eles. Israel, um crioulo de óculos que está na capa do disco "Aperte, não sacuda", é um cara marilhoso. Lí uma pá de cartas do Moisés David...***

Mais Um: ***Por que você não entrou para a família?***

Alana: ***Tinha uma escurinha lá que me pareceu bem pobre. Conversei com ela, sempre me dizia que tinha encontrado a paz, antes vivia de fumo e àcido. Pois bem. Não é que muitos brancos implicavam com ela, mandavam calar a boca? Uma espécie de racismo. Aí comecei a acordar para muitas coisas. Lá em Jacarepaguá tinha uma tv colorida e quando o conjunto de música dos Meninos de Deus apareceu no Fantástico (Rede Globo, aos domingos, 8 da noite), os pastores pediram que todos dançassem rock, foi aquela festa.***

Queluz: ***É uma empresa bastante prejudicial à rapaziada. Veja você: não consigo sequer conceber o rock como uma dança de paz, de amor, de Jesus. Pra mim, quando danço rock fico completamente louco e dou porrada no sistema, nas tradições e em tudo que perturbar o juízo. O importante nos Meninos de Deus é que há um capital firme acionando o movimento. Assim que chegaram ao Brasil, em 73, foram logo gravando um disco de rock manso. E sabe por quê? Porque interessa muito mais ter um bando de ovelhas do que alguns lobos soltos.***

Hélio Maria, Artur Lat e A. A. Fontes.

ANUNCIOS FUNEBRES

LEIA Mais Um

AMORAL NATO
O Reporter

Os editores e funcionários do Mais Um cumprem o dever de comunicar o falecimento.

TALVANI COCÔ
O Reporter

Os editores e funcionários do Mais Um cumprem o dever de comunicar o falecimento.

Dono das lojas Jeans Store ameaçado. E nós com isso?

Raul Sulzbacher – um comerciante jovem e promissor – recebeu dois telefonemas anônimos com ameaças de prisão, em São Paulo. De quem? ele não sabe, mas não avisa a polícia porque desonfia dela. Por quê? A única pista que ele tem: o anúncio que a sua rede de lojas Jeans Store – 6 em SP, 2 no Rio – publicava no jornal Ex.

– Pare de subvencionar o Ex se não acaba preso...

Foi o segundo problema do empresário com seus anúncios no jornal. O primeiro foi em setembro. A DPZ – a agência que cuida de sua publicidade – comunicou: O Departamento de Censura Policia Federal não gostou de um texto que saiu duas vezes no jornal (Ex-13 e 14): "Os censores deste jornal recomendam: use calças e camisas do Jeans Store". E mandou mudar.

Aí a agência criou outro anúncio: "Viver bem é a mulhor vingança", que saiu nas duas edições seguintes, sem problemas nenhum. Mas quando Armindo Machado, administrador da Ex-Editora, procurou a DPZ para saber se o Jeans Store queria anunciar em outra publicação, o Extra!, ouviu esta explicação de Jandyr Benetti Jr., encarregado da veiculação de anúncios na agência:

– Não posso resolver nada sem antes consultar o Raul.

O cliente, revendedor de produtos Levis, deu a ordem dias antes. Então Jandyr e Armindo tentaram falar com ele pelo telefone. Não conseguiram. Armindo foi procurá-lo direto em sua loja da Alameda Lorena, porque o Extra! nº 2 ia sair logo.

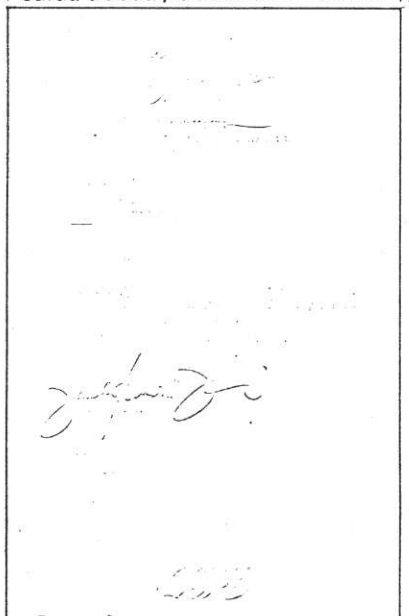
– Me viu e foi dizendo que não queria mais anunciar no Ex, muito menos no Extra!

No dia seguinte (26/11) a DPZ, cumprindo ordens do cliente, enviou uma carta à Ex-Editora cancelando o último anúncio, de uma série 5, que deveria sair no Ex-17, tornando assim sem efeito uma cláusula da tabela de preços do jornal: "qualquer cancelamento deve ser feito com 60 dias de antecedência". E ainda está atrasado no pagamento do último anúncio publicado. Como Jeans Store era um dos únicos anunciantes do Ex, a Ex-Editora fez outra tentativa para o cliente mudar de idéia:

– Não tem anúncios para o pessoal do Ex. Se eu fosse uma Ford, uma Volkswagen, teria costas quentes para continuar. Não quero estragar meus negócios.

Uma semana depois, quando soube que a edição do Extra! nº 2 tinha sido apreendida, Raul Sulzbacher levantou uma possibilidade:

– As ameaças talvez tenham partido da própria polícia, ao ver que eu vinha anunciando no Ex há algum tempo.



Carta de DPZ cancela anúncio

O primeiro anúncio: não agradou.

O segundo anúncio.

Assim não dá! Aberta a temporada de caça aos jornalistas na América Latina

Em outubro, a Aliança Anticomunista Argentina – AAA – sequestrou a repórter Ana Pasualda. Enquanto a espancavam, os sequestradores falaram numa reportagem "negativa" que ela escreveu. Era sobre o centro esotérico favorito de Lopez Rega, ex-homem forte do governo de Isabelita, tido como inspirador da AAA, já então fora do país.

Antes do sequestro de Ana Pasualda, alguém ainda podia pensar que a AAA representa um perigo apenas para os esquerdistas. Mas a repórter não tem nada a ver com a direita ou a esquerda (trabalha para a revista feminina **Claudia,** da Editora Abril de lá). E só entendeu o sequestro ao ser libertada:

– É um aviso aos jornalistas, que não passam de subversivos e comunistas.

Os jornalistas têm sido um dos principais alvos da organização. Ou das organizações que se escondem sob o mesmo nome, segundo disse ao **Mais Um** o escritor Eduardo Galeano, diretor-editorial da revista **Crisis,** uma das publicações que vêm sendo ameaçadas constantemente pela AAA.

– Os telefonemas não paravam. Mas resolvemos não dar importância, fizemos um manifesto e recebemos a maior solidariedade, dentro e fora do país. Do exterior veio muita assinatura de gente famosa: Gian Maria Volonté, Costa Gavras, Jean Paul Sartre e outros.

Mas quem garante a tranquilidade de **Crisis?** Ninguém. O jornalista Jorge Money, do **La Opinión,** foi fuzilado em julho, depois de receber várias ameaças. E os atentados contra o jornal continuam, gozando a AAA da mais absoluta impunidade.

– Até hoje não foi preso nenhum membro da organização, diz Eduardo Galeano.

Já na Colômbia, os atentatados são atribuidos a "mãos desconhecidas". Só a revista **Alternativa,** (Gabriel Garcia Marquez faz parte do Conselho Editorial), já sofreu 2 atentados o último no dia 5 deste mês. Colocaram uma bomba de média potência na frente da casa de 2 membros do Corpo Editorial, Enrique e Maria Teresa Santos Calderón, que escaparam

"Uma radio-patrulha, um jipe do F-2 e outro do Exército, com soldados armados de metralhadoras, chegaram à residência de Santos Calderón poucos minutos depois do atentado, e seus ocupantes passaram a discutir animadamente o caso" conta a revista.

FALA O POVO

LEIA Mais Um

SOS da Ex-Editora à ABI, a Geisel e à ONU: "Qual é?"

À ABI,
Ao Presidente Geisel,
A Kurt Waldheim, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas.
At. Especial do jornalista Prudente de Morais Neto.
Saudações Jornalísticas.

Nós, a Ex-Editora Ltda., empresa de jornalistas independentes, declaramos ilegal a "censura prévia". E, através deste documento, manifestamos nossa firme disposição de não aceitar as medidas ilegais e arbitrárias baixadas pelo Ministro da Justiça do Brasil, Sr. Armando Falcão, que ordenou a apreensão do nosso jornal Extra! nº.2, e instaurou a "censura prévia" em nosso jornal mensal Ex, a partir do seu número 17.

Assim, tomamos a grave decisão de:

1 – Não submeter o Ex à mutilação da "censura prévia";

2 – Suspender a circulação do jornal Ex enquanto perdurar a "censura prévia" decretada pelo Ministro da Justiça;

3 – Lutar, utilizando todos os recursos da Justiça Brasileira, para provar a ilegalidade dos atos do Ministro da Justiça, ao apreender o jornal Extra! nº 2 e instaurar a "censura prévia" no jornal Ex;

4 – Fundar uma nova editora, com o mesmo grupo de jornalistas independentes, e editar nova publicação: (Mais Um);

5 – Conclamar todos os jornalistas, os jornais e os leitores, para a luta pela livre informação. (...)

Logo após os acontecimentos que nos golpearam nesse princípio de mês, enviamos carta à Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), aos cuidados do jornalista Júlio de Mesquita Neto, diretor de O Estado de S. Paulo e membro da Comissão de Liberdade de Imprensa da SIP. Nessa carta, resumíamos também o quadro de apreensões que temos vivido nos últimos dias:

"Em nossa última intervenção, durante os debates da Comissão de Liberdade de Imprensa, na XXXI Assembléia Anual da SIP – aralizada em S. paulo de 20 a 24 de outubro – solicitávamos em plenário que a organização (da qual somos membros efetivos) tomasse providências para que a imprensa brasileira não viesse a sofrer, novos cerceamentos, tão logo terminasse aquela reunião.

"Nossa apreensões, infelizmente, eram legítimas. Em menos de 24 horas, entre os últimos dias 1º e 2 de dezembro, nossa editora – a Ex-Editora Ltda. – sofre dois rudes golpes: o jornal Extra! nº 2, contendo uma seleção de trabalhos já publicados nos 12 prieiros números do jornal Ex, foi apreendido (30 mil exemplares); e logo depois somos informados que, a partir desta data, 2 de dezembro, o jornal Ex está submetido à censura prévia, e que esta será realizada em Brasília.

"Na mesma Assembléia da SIP, denunciávamos também o clima de insegurança reinante nas redações, o que culminaria com a lamentável morte do jornalista Vladimir Herzog logo em seguida, após ter-se apresentado espontaneamente para depor numa dependência militar em S. Paulo – acontecimento para o qual a SIP voltou suas atenções na ocasião; e que mereceu Inquérito Policial Militar por parte do Governo Brasileiro.

"As pressões especificamente contra nossa Editora, porém, intensificaram-se marcadamente a partir do último número de novembro. Um de nossos poucos anunciantes – Jeans Store, conta da agencia DPZ – comunicou-nos que resolvera cancelar meia página de anúncio que vinha veiculando no Ex. Motivo: telefonemas anônimos (dois, segundo o anunciante) o ameaçaram, caso continuasse "subvencionando" o Ex".

Sr. Presidente da ABI, Sr. Presidente da República, Sr. Secretário Geral da ONU. Foi diante dos acontecimentos que tão duramente nos atingiram, que tomamos as graves decisões anunciadas no início deste documento.

Fazemos do Sr. Prudente de Morais Neto, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, porta-voz de nossas decisões, por sua tradição de democrata de todas as horas; de defensor permanente da liberdade de imprensa, e por ser, no consenso unânime de toda a categoria profissional dos jornalistas, personalidade do ano de 1975 na luta pela liberdade de expressão e pelo respeito às liberdades democráticas no Brasil.

Dirigimo-nos também ao Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Ernesto Geisel, por sua disposição – manifestadamente demonstrada em várias oportunidades – de restabelecimento das liberdades democráticas, das quais estamos atualmente afastados.

E, finalmente, nos dirigimos à Organização das Nações Unidas, na pessoa do seu Secretário-Geral, Sr. Kurt Waldheim, por nos considerarmos uma minoria oprimida pelos atos do ministro da Justiça do Brasil, que nos puniu por "delito de consciência", em desrespeito à Declaração dos Direitos do Homem, à Carta de Constituição da ONU e à própria Constituição da República Federativa do Brasil.

A apreensão do jornal Extra! nº 2 e a decretação da "censura prévia" ao jornal Ex caracterizam uma retomada na escalada da violência contra a

Imprensa que nos atemoriza:

– o jornal Extra! nº 2 sequer tinha ido às bancas, e encontrava-se ainda guardado nos depósitos da Distribuidora (Abril Cultural e Industrial S/A);

– o jornal Extra! nº 2 só continha trabalhos já publicados pelo jornal mensal Ex nos seus primeiros números, ou seja, a determinação do Ministro da Justiça do Brasil, de ordenar a apreensão do Extra! nº 2, contraria de imediato um princípio primário do Direito: "o que é bom hoje, é bom sempre".

Ou melhor: "A lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada". (§ 3º, Cap. IV, Dos Direitos e Garantias Individuais, Constituição da República Federativa do Brasil).

– A decretação da "censura prévia", por si só um ato de violência, veio agravada pela obrigatoriedade de apresentar os originais de cada número do Ex, "previamente", em Brasília, a 1.400 km de São Paulo – sede da Ex-Editora Ltda. (o agravamento da ilegalidade – "censura prévia" em Brasília foi estendido a outros órgãos de imprensa). (...)

– Nós, jornalistas, independentes, editores da Ex-Editora Ltda., podemos – graças à Constituição – ir, vir, informar-nos, escrever, informar,trabalhar enfim.

– Mas, graças às medidas do Ministro da Justiça, que nos esmagam economicamente, não podemos ir, vir, informar-nos, escrever, informar – trabalhar enfim.

(...) nos arrogamos o direito de exigir uma definição do Sr. Ministro da Justiça – e que o Sr. Presidente da ABI, o Sr. Presidente da República e o Sr. Secretário-Geral da ONU se façam porta-vozes desta nossa exigência:

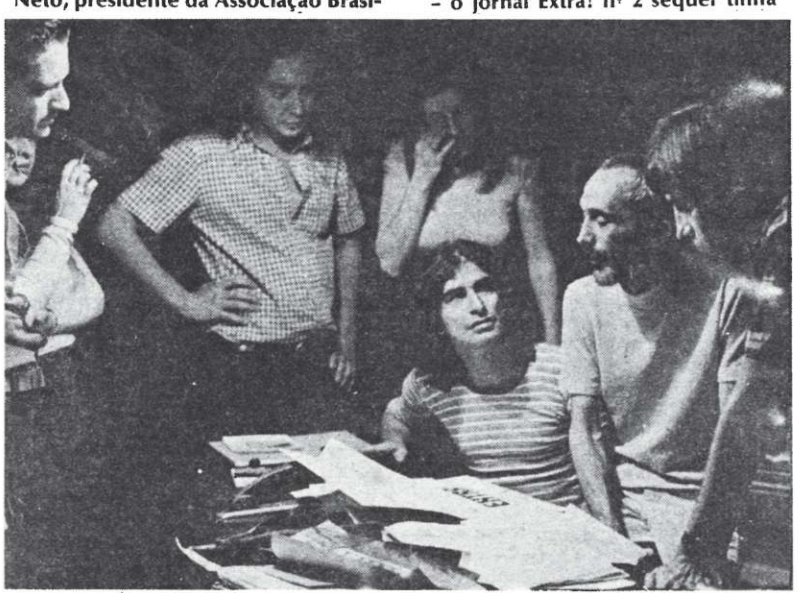
Ou nos deixam trabalhar, conforme nos garante a Constituição da República Federativa do Brasil, Cap. IV, Dos Direitos e Garantias Individuais, (Art. 153: A Constituição assegura aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade (...).

Ou, buscando acolhimento na mesma Constituição Brasileira, que julgamos soberana, nos processem, julguem, e nos prendam.

Saudações Jornalísticas

Ex-Editores

São Paulo, 5 de dezembro de 1975



A equipe da Ex-Editora ao lançar o Extra! nº 1

A coroa do rei é de lata

Em sua opinião, qual deve ser o primeiro ato político de Don Juan Carlos de Borbon como rei de Espanha?

Políticos, personalidades, artistas, intelectuais, aristocratas de todas as cores e matizes, espanhóis, responderam a pergunta da revista madrilenha Cambio 16, ***publicada em agosto desse ano. Apesar da censura à imprensa do regime de Franco, a revista*** Cambio 16 ***alcança uma tiragem de 300 mil exemplares e consegue em suas matérias políticas ir mais longe que outras publicações espanholas.***

Um mês antes de Franco morrer mesmo, cada um dos entrevistados pela revista recebeu uma resposta não prevista: "Comentários a umas respostas" de Fernando Valera, 79 anos, premier da República Espanhola no Exílio. Ele, José Maldonado, presidente da República, e Julio Just, deputado, são os três últimos republicanos na Espanha, ainda vivos.

Suas respostas contam uma fábula, como ele diz, por isso têm um subtítulo:

O CETRO DO REI E O MACHADO DO VERDUGO

Não, senhor conde de Motrico – monarquista –; o Príncipe não pode dirigir-se ao país e expor em forma clara, precisa e sincera o que a Monarquia representa no quadro institucional para a convivência política e como meio para que se manifestem as aspirações diversas e legítimas da sociedade; porque o Príncipe jurou manter e servir ao regime instaurado pela vitória e baseado nos princípios imutáveis do Movimento.

Não, senhor Miguel Boyer – socialista –; o Príncipe não pode tomar contato sério e público com todas as organizações representativas das diversas correntes políticas, porque legalmente elas não existem, não se permite que elas existam; de modo que o diálogo com elas suporia a consagração da ilegalidade, uma traição que ninguém pode pedir ao Príncipe sem insinuar que ele estaria sendo desleal a seus juramentos.

Não, senhor Fernando Alvares de Miranda – democrata-cristão –; Don Juan Carlos não pode adotar as medidas que contribuam para a superação das causas do conflito entre os povos e os homens do Estado espanhol, sem renegar sua origem, que é a guerra civil e a vitória sobre os homens e os povos da Espanha. Nem pode convocar uma Corte Constituinte, o que seria proclamar a ilegitimidade das Cortes espúrias que o instituiram, sem consulta prévia a vontade nacional, como Rei, não da Espanha, mas do Movimento.

Não, senhor Antonio Garcia López – social-democrata –; o Príncipe não pode fazer nada do que o senhor propõe, **cumprindo a Constituição hoje em vigor;** porque o que o senhor pede é que não a cumpra.

Sim, senhor Luís Valero Bermejo – direitista de direita –; o senhor ao menos é lógico consigo mesmo, quando diz que o primeiro ato do Príncipe como Rei seria renovar o juramento que fez no mês de julho de 1969; mesmo assim, sem dar-se conta, também o senhor o ofende, quando põe em dúvida se aquele juramento é suficiente para que se confie na lealidade de Don Juan Carlos.

Não, senhor Felipe Gonzáles Márquez – socialista –; o senhor que se declara republicano porém se contradiz ante o fato consumado da usupação. O senhor não pode esperar essa abertura de um processo político, com as liberdades políticas e sindicais, que o Príncipe não poderia iniciar sem dar por inexistentes as Instituições de onde seus poderes emanam.

Sim, senhor Enrique Garcia Ramal – ex-ministro direitista –; o senhor também tem razão ao declarar que só a pergunta já lhe pareceu uma impertinência. O motivo está em saber se Don Juan Carlos é ou não é o Rei legítimo da Espanha. E se o é, o correto é deixar que ele exerça como estabelecem suas prerrogativas reais. Mas se um dia fosse o digno sucessor de Alfonso XIII, não as assumiria sem que antes o povo houvesse abolido a única legitimidade que é a expressão autêntica da vontade nacional: a República; livre e pacíficamente, como foi instaurada em 1931.

Não, senhor Tomás Garricano Goñi – ex-ministro conservador... do regime–; seu Rei não pode ser de todos os espanhóis, nem há como facilitar tal abertura, porque jurou ser somente rei da facção triunfante na guerra civil, e tinha prometido que para mantê-la não tremerá a mão... ao firmar sentenças de morte, suponho eu, que foi como tremeu Don Nicolás Salmerón quando era Presidente da Primeira República.

Não, senhor Dionísio Martin Sanz – sindicalista de direita –; seu principe não pode, antes da tomada do Poder, receber de presente de seu pai a renúncia à Coroa, porque Don Juan não pode fazê-lo e disse que não faria, sem cumprir seus deveres históricos mais elementares. O mero fato de ser presenteado com essa renúncia, seria um insulto do filho a dignidade de seu pai, por haver surpado os direitos que conforme a tradição monárquica, legitimamente lhe correspondiam.

Sim, senhor Joaquim Garrigues Walker – liberal –; o senhor é mais cauteloso quando opina que agora não se pode dizer o que tem que fazer o próximo Chefe de Estado – que poderia ser um Príncipe ou também um Presidente provisirio; o senhor prudentemente não se compromete – no dia D. Nós os republicanos, somos os únicos a quem nunca se consulta; porém tampouco podemos responder por estar quase quarenta anos amordaçados. E no que tens que fazer, és bem sincero: resgatar a soberania nacional sequestrada, quer dizer, restabelecida a vigência da Constituição republicana, para que a Espanha volte a ser, como Alfonso XIII queria que fosse, dona de seus destinos.

Sim, senhor Antonio Maria de Oriol e Urquijo, – tradicionalista do regime – o senhor também é lógico com suas opiniões e sua história monarquista, quanto ao arbítrio de seu rei absoluto à decisão e a responsabilidade de seus próprios atos. Ou se é, ou não se é monarquista.

Não, senhor Joaquim Rui Gimenez – democrata-cristão de esquerda –; Don Juan Carlos não pode submeter a um novo processo constituinte sua própria titularidade como Chefe de Estado, porque – ele o sabe tão bem como o senhor e eu – o novo processo constituinte, senão for um artifício como o do referendo de 1966, desembocará fatalmente no restabelecimento da Republica. Por outra parte, esse novo processo constituinte é, mais que perigoso, não necessário, pois já existe uma Constituição legítima, suplantada sim, porém não abolida pela vontade nacional que é a única competente para faze-lo.

Sim, senhor Mariano Sánchez Covisa – extrema-direita–; o senhor é fiel a si mesmo e à confiança que merece a lealdade de Don Juan Carlos a seus juramentos. Segundo o senhor, o primeiro ato do Príncipe como Rei da Espanha, deve ser, e será, a adesão inquebrável aos princípios e ideais do 18 de Julho, e o acatamento escrupuloso às Leis Fundamentais que é o que ele jurou ao ser designado sucessor de Franco com título de Rei.

O senhor é o único que não põe em dúvida a firmeza e a lealdade de seu soberano; o único que não o injuria ao insinuar que ele seria capaz de quebrar o solene juramento, prestado ante um Crucifixo e na presença das Cortes dessa Monarquia medieval instaurada pela vontade carismática do Caudilho da Espanha. O senhor é o único súdito que guarda os devidos respeitos a seu Rei.

E agora permitam-me acrescentar a moral que qualquer republicano espanhol haveria descoberto nesta curiosa fábula, se lhes houvessem perguntado: O Príncipe da Espanha não pode restaurar nem instaurar a Monarquia democrática, porque o que ele aceitou e herdeou de Franco não é o Cetro de um Rei, mas sim o Machado de um Verdugo.

Paris, Outubro de 1975.

Serviços de Informação do Governo da República Espanhola no Exílio.

Aos 49 anos, foi ver teatro pela 1ª vez: era o Rei Momo, que já esteve até na Polônia

Quando o grupo de teatro União e Olho Vivo resolve fazer um espetáculo na periferia de São Paulo, nunca sobram cadeiras. Se os espectadores demoram para chegar, os percussionistas do elenco vão batucar no bar mais próximo, convidando o pessoal. E todo mundo segue atrás do samba até a escola, a casa paroquial, o circo.

Foi assim na Vila Maria, no mês passado. **Rei Momo**, *o carro-chefe do grupo, era o cartaz de fim de semana do salão paroquial de São João Batista e meia hora depois do início previsto não havia nenhum espectador. Os batuqueiros foram até a esquina e voltaram com 103 pessoas. Quem tinha dinheiro pagou Cr$ 2. Para sentar, caixotes, cadeiras, bancos e o chão. Antes de começar, o autor da peça, Cesar Vieira, conversou com o pessoal:*

– A gente veio até aqui porque vocês não podem ir lá na cidade pagar Cr$ 30, Cr$ 40 para ver teatro. Queria pedir para a criançada não fazer muita algazarra, para que todos possam entender. Sei que vocês não podem deixar as crianças em casa, porque não têm empregada.

O espetáculo vai começar. Maria Aparecida Salgado, 49 anos, vai ver teatro pela primeira vez, como quase todas as pessoas da platéia:

– Cinema, só quando era solteira.

Com a filha de 4 anos no colo, acompanha as primeiras evoluções no palco. Todos os atores entram sambando ao lado do Rei Momo. No fim da batucada, o rei anuncia que vai renunciar ao trono. Então a luz apaga e começa o quadro seguinte: uma mulher que lembra Hebe Camargo avisa que o novo rei momo será eleito no Teatro Municipal de São Paulo!

Os candidatos a rei são apresentados por quatro escolas de samba (Quem Não Chora Não Mama, Felicidade de Lobato, União e Olho Vivo, Desta Vez Não Deu) que aproveitam para contar episódios da história do Brasil, cantando e interpretando.

A história é simples e direta, fácil de entender. Depois da peça quase sempre os atores discutem com a platéia, para avaliar o entendimento do enredo. Mas a discussão sobre o espetáculo evolui, para discussões mais vivas, relacionadas com o próprio dia-a-dia dos espectadores. Então os atores passam a ouvir.

– Não importa que as pessoas não consigam acompanhar a história. Elas entendem é o conceito de bem e mal – diz César Vieira.

Sua experiência teatral começou em 1971. Escreveu e montou com um grupo do Centro Acadêmico XI Agosto **O Evangelho Segundo Zebedeu**, *num circo erguido no parque do Ibirapuera. Nesse ano também apareceu a peça* **Corintians, Meu Amor**, *escrita por César Vieira e montada por operários no Teatro Casarão, SP. Em 1972 estreou Rei Momo, que deu 8 meses de trabalho coletivo para ficar pronto. No ano seguinte, o grupo se desligou do XI de Agosto, recebeu o nome atual, e já encenou Rei Momo 220 vezes, no Brasil, Polonia, Iugoslávia, Itália e França.*

O grupo tem 28 pessoas. Atores, cenógrafos, músicos, empresários que trabalham com teatro nos fins de semana, porque nos outros dias são advogados, professores, barbeiros, operários, vendedores. Fazem o "teatro de várzea", como dizem, e aplicam o "capoeirismo cultural" – um pé na frente e outro atrás. Os figurinos, aparelhagem de som e luz e cenário foram muito simplificados. Podem ser transportados sem complicação para qualquer lugar, e tudo fica montado em uma hora. Sua caixa de luz, por exemplo, pesa 2 quilos.

Rei Momo está no Teatro Escobar, SP, até 15 de janeiro. Não há espetáculo às segundas e terças, e sexta-feira há o normal às 21 e outro às 24.

União e Olho Vivo.

GAVETA LITERÁRIA

LEIA Mais Um

Ciclo de Navegação, Bahia e Gente: um poema de José Carlos Capinam

Urge despedir sem termos
quem os teve antes docais
Diz-se adeus, gesto resumo
completo no que se não faz.

Não é pranto. Ao definir-se
adeus é viscosidade
perdida, ao golpe que rompe
ou separa quaisquer faces.

Não como quebra o espelho,
fácil, por pedra ou murro.
Sua imagem ganha defeitos,
a do adeus fica a seguro.

Melhor dura esta de pedra
dentro de uma nova esfera,
corpo que a forma e guarda
alta e ainda pesada,

como antes estava própria
no seu corpo de imagem.
Agora não mais em si
ela mesma em outra carne.

Assim se é causa e efeito,
viagem resulta em ausência.
Já começa esta mais cedo,
quando inexiste a primeira.

É especial o processo,
de outros do viver diverso:
efeito que se desenvolve,
sem a causa que o promove.

E bala que matou antes
de impulsionada a tiro,
ou fruto que alimentou
ainda o corpo em flor vestido.
Da ausência como ausência
dizer-se é dificuldade

Não há maneira segura
de lhe fazer-se a imagem
Parecera ser presença,
ainda que só em lembrança.
É mais montante o que fica
que o perdido à distância.

Foto: Walter Firmo

Capinam: "Não é pranto."

Deste Ciclo de Navegação, Bahia e Gente, poemas de José Carlos Capinam, fez uma edição de 300 exemplares, capa e ilustração de Calasans Neto, especiais para esta obra, da qual foram reservados 100 exemplares, numerados e assinados pelo autor, destinados a assinantes. Impresso em S.A. Artes Gráficas, cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos no ano da graça de 1975. Edições Macunaíma. É o segundo livro de poesias de Capinam: o primeiro, "Inquisitorial", saiu em 1966. Nesses 9 anos, Capinam tem sido um dos letristas mais produtivos, em quantidade e qualidade, da música brasileira – um dos poetas mais fortes. Atualmente é "calouro" de medicina no Rio de Janeiro.

CANTE COM EX

LEIA Mais Um

Pode Encomendar o Seu Caixão, de Cabana, com Martinho da Vila

Se depender de mim
para você viver
pode encomendar o seu caixão
não lhe darei
uma colher de chá
enquanto eu me lembrar da traição
que você me fez
sem eu merecer
dando muito o que falar
porém, no entanto,
nem derramo prantos
quando tenho que me lembrar
todo mundo podia me fazer
ingratidão
menos voce
pois eu sempre lhe tratei legal
dispensei-lhe grande consideração
no entanto você fez o que me fez
deixando grande mágoa no meu coração

Disco: "Memória de um Sargento de Milicias" (Martinho da Vila). Música: Pode Encomendar o seu Caixão. Autor: Cabana. (O jornal Ex não está circulando, mas você pode continuar cantando com ele – NR).

Buffalo Bill era bobão e dormia com as vacas

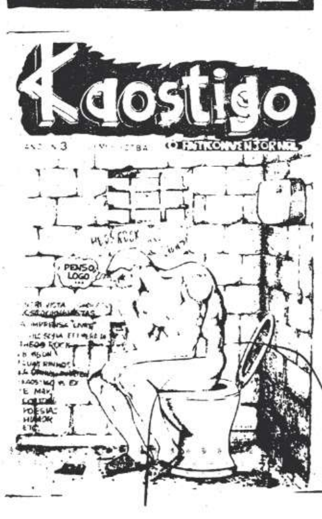
A imagem que você tem do cow-boy é a do John Wayne, né? Bom de tiro e de jogo. Amante voluntarioso. Branco. Forte. Viril. Desprendido. Isso no cinema, não é? Na verdade eles eram o que cow-boy quer dizer: o homem das vacas. Nada de espírito de liberdade e independência. Eram vaqueiros que cuidavam o dia todo de vacas e bezerros. Não podiam usar armas no rancho. À noite, disciplina: jogo e álcool proibidos também.

Tinham entre 18 e 25 anos (a maior parte rapazes frustrados e rudes ou operários sem trabalho). 30% eram negros, mexicanos e índios. Os cavalos não eram seus e nunca galopavam porque a ordem era economizar os animais. Aventuras sexuais: prostitutas, e não a Grace Kelly, sem contar relações sexuais com companheiros de trabalho.

Quem conta isso é o historiador William Savage, em "Cow-boys life: reconstructing an Aerican myth"; quem cuida dos bandidos é o ancês John-Coupbar Lattés no livro Nous, le frères Dalton. Esses eram nada inteligentes e acabavam sendo mais vítimas que bandidos. Pegavam a culpa de todos os crimes e morriam no único assalto a banco que tentavam.

A lenda dos cow-boys é do começo do século. O cinema a tornou real. Agora a guardiã da democracia entrou em descrédito e os cow-boys estão virando gente.

Nat Love, famoso cow-boy



ASSINE

MAIS UM, um jornal igual ao EX só que diferente! Assine: Ex-Editora Ltda., R. Santo Antonio, 1043, CEP 01314, SP. Envie cheque nominal.

Mais Um

NOME ____
ENDEREÇO ____
CIDADE ____ ESTADO ____
CEP ____ DATA ____

6 edições (3 meses) Cr$ 35,00
12 edições (6 meses) Cr$ 70,00
24 edições (um ano) Cr$ 140,00.

OFERTA DE ANIVERSÁRIO
12 numeros Cr$ 70,00

Mande vale postal em nome de "Rock, a História e a Glória Rua da Lapa, 120 gr. 504 ZC 06 – 20.000 Rio de Janeiro RJ

Nome
End
Cid Est CEP

... pedidos recebem tres numeros atrasados gratuitamente

FOTO-CHOQUE

LEIA
Nais Am

EQUIPE

MAIO-1975 ANO-1 NUMERO-0

UM JORNAL ESTÁ NASCENDO

Meio experimental, quatro páginas, pouca gente sabendo, o Jornal do Equipe está ai. Mas é isso mesmo, mais para dar um alô. A função do jornal é a integração aluno-escola, dizer o que o Equipe pensa e quer, a sua proposta didática. Antes de mais nada, o jornal será feito pelos alunos, contos, poemas, fotos entrevistas, historias em quadrinho.

Três alunos foram apanhados no pátio do Equipe e levados para uma sala onde encontraram Mauricio Kubrusly, Ezequiel Neves, e logo no meio do papo, foram chegando o Gil,o Tim Maia, o Bob Dylan. Por caminhos diferentes pintaram um conto do Hélio Alcantara (3.° C) e um desenho do João Baptista Bourbonnais (2.° ciclo do supletivo), que complementam-se, veja só!!, e unem seus gritos, que juntos soam mais forte.

Os alunos do cursinho e do supletivo entregam seus trabalhos aos coordenadores; os do colégio, no Gremio. Sempre em envelopes fechados para evitar acidentes. Quando se tratar de textos (contos, poesias, etc.), é bom entregar uma cópia.

As ilustrações (desenhos, fotografias, etc.) serão devolvidas em perfeito estado.

Bem, o número 1 estará circulando daqui um mês, todos sabendo que existe, todo mundo caminhando junto. Qualquer informação, ou idéia, o jornal está aberto.

PS: Quem está editando, dando um toquezinho é o pessoal do EX-. É a mão de obra, enfim...

FOTO Cláudio Faviere.

VOCÊ É UM ROBOT. SIM OU NÃO?

Risque o sim ou o não. Ou não risque. Isso é tudo. Ou não é?

Nós achamos que não. Isto é: para nós fazer cruzinhas não é tudo na vida. Não é bom a gente pensar?

Há uma sutil diferença entre o Equipe e outros cursos: nós não tomamos o aluno como um ser de ficção-cientifica, robot que deve ser programado para passar no vestibular. Para ser bem claro , estamos interessado na cuca, no desenvolvimento do raciocínio de vocês. Certo?

Está certo. Tem gente que pensa que o problema de um colégio é unicamente o de botá-lo na universidade. Pegá-lo pelo pescoço e atirá-lo na USP ou na PUC. Está certo. Nós não estamos dizendo para vocês que não pensamos no vestibular. Mas o vestibular é **tudo?** Ou tem sentido aquela história de que a escola prepara para a vida? E então chega a hora da gente dizer: podem crer, na vida não há espaço para memorizações mecânicas, condicionamentos irracionais, "macetes". Robot só se dá bem na TV. E nem sempre.

O Equipe começou em 68. Hoje são 5.000 alunos e 150 funcionários (secretários, professores, psicólogos, pedagogos, etc.). Esses alunos estão divididos entre o ginásio e colégio regulares, ginásio e colégio supletivo (metade do tempo do curso regular, para os que pararam de estudar há alguns anos) e o cursinho.

Infelizmente é necessário avaliar o trabalho educacional desenvolvido em todos os cursos através do número de aprovados nos exames vestibulares. Mas o Equipe, só agora; durante a segunda quinzena do mês de abril, quer divulgar quantos alunos aprovou.

Essa atitude tem um motivo bastante claro. Durante as campanhas publicitárias feitas no começo do ano são divulgados números, números e mais números. Se alguém conseguir somá-los vai ficar surpreso: vai achar que existem tantas vagas nas faculdades que não é mais preciso vestibular...

Mas vamos aos nossos aprovados. Todas as informações — passadas, presentes e futuras — são importantes para quem está no Equipe.

Tivemos, nos exames realizados de dezembro e fevereiro, um total de 2.578 aprovações em todas as áreas. Aí estão incluídas as 143 aprovações de alunos que terminaram o 3.º colegial.

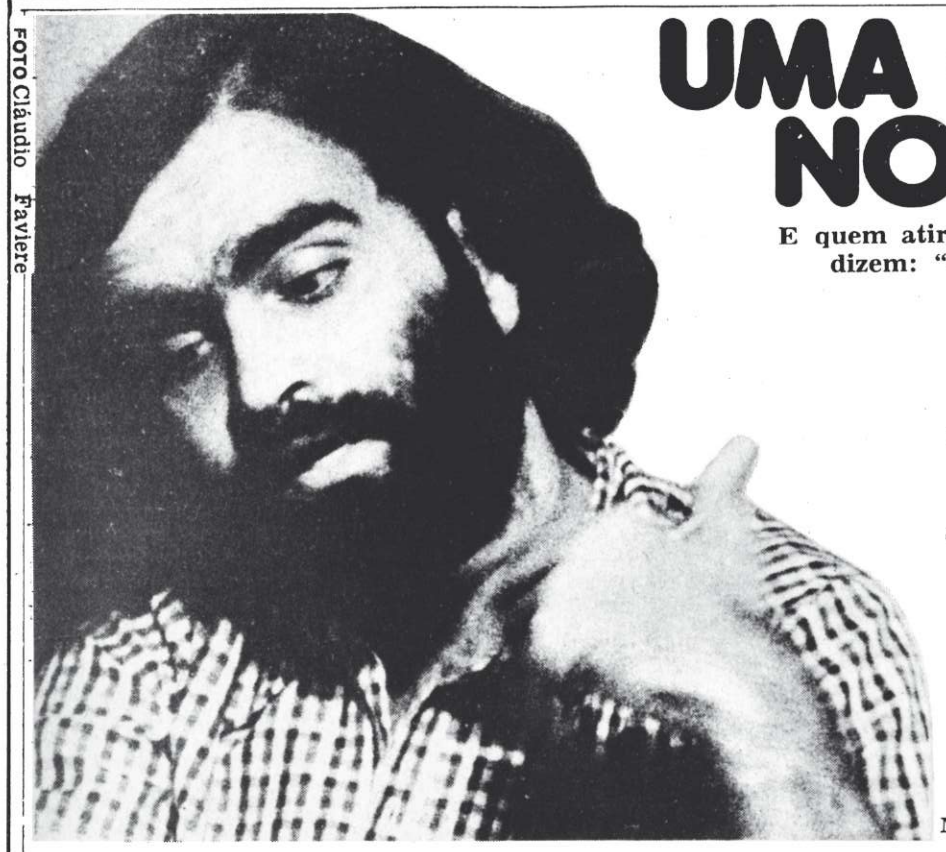
Já que estamos falando em números, para ficar claro, segue uma relação de quantas aprovações os alunos do cursinho obtiveram em cada área:

Biomédicas: 433.
Medicina: 146.
Engenharia/MAPOFEI: 361.
Comunicações: 441.
Economia/Administração: 597.
Ciências Humanas: 603.
Arquitetura: 15.

Dos 176 alunos que concluiram o Colégio Equipe, obteve-se 164 aprovações. Por área a relação é a seguinte:

Cescea: 60.
Puc: 46.
Mapofei: 10.
Cescem: 12.
Mackenzie: 13.
(Fmu, Faap, Getúlio Vargas, etc.): 20.

FOTO Cláudio Faviere

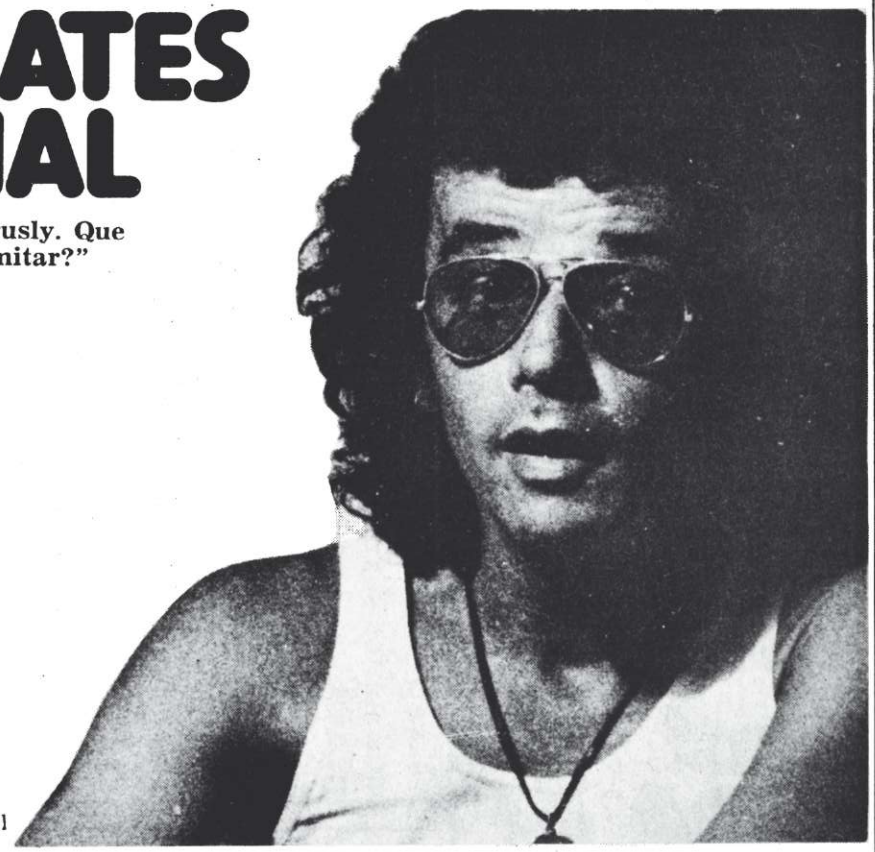


Maurício

UMA CHUVA DE TOMATES NO ROCK NACIONAL

E quem atira tomates? É o Ezequiel ("Zeca") Neves. E o Maurício Kubrusly. Que dizem: "damos um banho de ritmo no mundo. Prá que, prá que imitar?"

O número zero do jornalzinho do Equipe começa a mil por hora entregando para vocês um papo incrível com dois gurus da crítica de música no Brasil, o Ezequiel Neves Pop, e Maurício Kubrusli. Os dois estão em muitos jornais brasileiros, a começar pelo Jornal da Tarde e a revista **Rock** e outras boquinhas por aí. Um papo que começou nos United States, transou violentamente em cima do rock, pop e cia., evoluiu pela grande área e terminou — tudo num casarão velho do Bexiga, com muitas janelas azuis, onde a meninada do Equipe botava os gurus na parede — em cima do pandeiro e da cuíca desta terra do Terceiro Mundo. Começamos assim as gloriosas entrevistas do EQUIPE. Que continuarão no próximo mês com uma jornada pelas selvas, junto com os irmãos Villas-Boas. Como é que estão os nossos irmãos índios? A resposta daqui a um mês.



Ezequiel

Como é que está o rock no Brasil? O que é que você acha?

Ezequiel — O que eu acho? Uma b... tolo, morto e sem graça. Sem razão de ser nenhuma. Só tem um grupo que gosto mas é considerado por todos como o pior: O "Made in Brazil". Gosto porque eles, bem ou mal, tocam rock e me divertem. Os outros todos me chateiam.

Quem são esses outros?

Ezequiel — Não gosto de citar nomes, são todos muito chatos. É uma coisa muito culturalista, copiada do pior rock estrangeiro, esquecendo que estamos aqui no trópico. É morto, cerebral e postiço. Vivemos no centro das coisas, na América Latina, todos estão vindo chupar o que a gente faz e se você vai a um concerto de rock, vê todo mundo copiando. Além do mais, os grupos lutam com uma dificuldade incrível, porque rock é a coisa mais cara do mundo, está sempre colado à tecnologia. Quando os conjuntos daqui compram a aparelhagem, ela pifa quando estão pagando a segunda prestação.

Você não está falando dos mutantes?

Ezequiel — Eu incluo os Mutantes. São ruins, estão num beco sem saída. Se eles lançam um disco igual ao do Yes, mesmo com toda a publicidade da Globo em cima não venderão mais do que os Yes ou o Emerson, Lake and Palmer. Eles são ótimos músicos, têm muita técnica, mas lá fora o rock é sempre melhor. O daqui é ruim por não jogar elementos da gente.

do samba, usar suas raízes"

Ezequiel — Isso do Jim Capaldi não é para a gente se espantar, não. Damos banho em matéria de ritmo no mundo todo, entende? Quando vem gente de fora, eles ficam loucos, desbundados e viram figurinhas fáceis, andam em qualquer lugar. O Jim Capaldi e o Cat Stevens foram ver as escolas de samba e ficaram loucos. Agora, quando vão ver um concerto de rock, como o Erick Clapton foi (eu não vou dizer o nome do concerto, mas ele foi), a coisa vira uma tristeza. Ao acenderem as luzes, ele disse: "Oh! My God!". Ficou penalizado... Todos veem para cá porque lá já está tudo desgastado e falido. Eles chegam para ver se conseguem uma injeção de força.

E como fica o Raul Seixas? As vezes ele espanta e as vezes é um tremendo grosso.

Ezequiel — O Raul é um roqueiro bravo, ele foi criado com o rock, é do tempo do Elvis Presley e todos aqueles. Ele fala muito nisso. Quanto ao Raul compositor, integrado na realidade, o Maurício sabe mais do que eu. Fala Maurício.

Maurício — Como cantor-intérprete de rock e como produtor de disco ele é muito bom; as letras que ele faz são uma brincadeira que funciona. É um coquetel emocional misturando elementos místicos com uma ambiguidade que não diz nada. Isso faz uma legião de pessoas pouco informadas ficarem tomadas como se estivessem diante de um Messias. Ele tem um tino comercial enorme porque descobriu os

bom voce falar nele, é uma pena ter morrido.

E o Bob Dylan, como é que fica hoje?

Ezequiel — Fica mesmo lá na crista porque é bom. É puríssimo, está sabendo das coisas. É um dos poucos que sabe lidar com a palavra.

Houve uma hora em que o pessoal caiu de pau nele, não é?

Maurício — Cairam de pau por causa do problema sionista. Ele estava mandando dinheiro para Israel. Fizeram uma charge violenta dele na MAD. O jornal norte-americano Rolling Stone começou a falar que ele era ruim. Até o Grilo publicou uma historinha onde ele era chamado de Bobe Super Zimmermann. Ele era acusado inclusive de ser casado, ter filhos e gostar da mulher.

Ezequiel — Há tantas coisas absurdas. Aquela história de que ele vendeu o festival de Woodstock, por exemplo. Mas o rock é assim mesmo, tem atrás dele um mundo de fantasia muito grande. Talvez ele seja o maior manancial de fantasia que conheço. Ele está sempre preso ao adolescente e o adolescente está sempre emparedado numa porção de coisas. Então ele põe um disco para tocar e começa a fantasiar em cima. O melhor disco de rock que conheço é todo desenhado, é o Rock Dreams, um livro lindíssimo, só legendas, uma belíssima história, uma grande fantasia.

Maurício — Vejam só! Falamos sobre Bob Dylan, Jimi Hendrix e outros, com uma predo-

tenha conseguido. Ele é ótimo em tudo: ótimo cantor, ótimo letrista e ótimo instrumentista.

E O Jorge Ben?

Maurício — O Jorge Ben é mais para santo do que para para gente. Ele é muito intuitivo. Vem aí um disco dele e do Gil, um álbum duplo muito bonito.

O conteúdo do rock, suas críticas, está nas letras e, aqui no Brasil, esse conteúdo morre porque os caras não sabem inglês. Então fica só o som, que na música de muita gente é importante mas só um componente, não é?

Maurício — Saber só o som leva a uma desgraça. São os brasileiros que mudam de nome e pasticham baladas americanas. Eles cantam baladas que parecem o primeiro exercício da Cultura Inglesa e a Globo toca para as moças ficarem enternecidas. É o caso do Morris Albert, o autor/cantor de "Feelings". É um terror.

Ezequiel — É, tem que saber inglês mesmo. Agora, tem conjuntos que não precisa, não. São os que tem música chamadas assim: The Gates of Delirium — Os Portais do Delírio — que é aquela verborragia. Os caras misturam ópera-rock lisérgica com Castañeda... Só quem está a beira do delírio mesmo.

Maurício — É bem mais simples cruzar "os portais do delírio" do que estar na linha do Bob Dylan, a linha do estamos aqui, agora e vamos pensar sobre isso. É que a linha "do aqui" dá um trabalho louco, você tem que assumir compromissos e é fogo, né?

crítica por que música não vai ter? Tem até crítico de bife, de restaurante...

Maurício — Mas voces acham mesmo que tem muitos críticos? Tenho visto surgirem e desaparecerem muitas revistas, muitos órgãos especializados em música hoje em dia só tem a Rock, por exemplo — mas críticos não tem não. Vocês realmente acham que nós devíamos discutir a função do crítico?

Acontece que na maioria das vezes as pessoas se baseiam no que ouvem a respeito de tal disco do que por ele próprio. O gosto delas se forma em função do que elas leem sobre o assunto.

Maurício — Paulada nesses caras. Eu sempre grito contra isso.

Ezequiel — O papel do crítico é o de ser o esclarecedor. Nesse mundo de pressa, o crítico fala, dá uma orientação. Daí o cara pode falar que o crítico fulano tá ou não tá com nada. Tem uma piada que diz o seguinte: um homem da caverna entrou na caverna do outro e falou: "Olha, eu acho que aquela pedra fica melhor ali". Pronto, começou a crítica.

Está bom, mas como vocês veem o Hermeto?

Ezequiel — Ele é o bruxo do som, está sabendo de tudo. É de nível internacional. Seu último trabalho no Abertura foi fantástico. Anás, não sei porque ele não grava mais.

Maurício — Deve ter vendido pouco, né? Mas o Hermeto, assim como o Gil, leva vantagem em re-

A importância deles é que estão fazendo isso na música popular agora. Mas se você gosta ou não é um outro departamento. As vezes coincide da gente gostar de uma coisa importante. O ideal seria um distanciamento crítico para ir na conversa do crítico, nem de ninguém, e poder saber se é ou não importante, gostando-se ou não.

Dizem que o gosto do homem médio— tende para o óbvio; que em geral se gosta mais da música em que se sabe qual é a nota que virá a seguir. Concorda?

Maurício — É isso mesmo. A gente tem um prazer muito grande na redundância. Somos educados para as coisas prontas, temos pavor do novo. Isso é no nundo inteiro. O princípio da música popular é o princípio da repetição. É como se fosse um grande útero, a sua casa, o seu lugar. É como o seu banheiro: você entra, tranca a porta e tem certeza do que vem. Não existe nada que vá te perturbar. Pura segurança.

Mas fala-se em improvisação na música. Pode ser estabelecido um paralelo: o improviso no jazz, na música pop e no samba??

Maurício — Na música radical, de vanguarda, o ato de improvisar vem sendo retomado, o que é muito bom. Houve uma época em que o compositor escrevia, e fim. Mas agora vem o intérprete e cria em cima. As funções acabaram se confundindo, está havendo a composição do intérprete também. Isto está acontecendo até na música clássica. Tem um

número

Mas isso não é falta de educação musical?

Maurício — No Brasil existe um comportamento infantil, entre os músicos, há uma certa ogeriza em se conhecer música. Isso me lembra um episódio: o Benito de Paula deu uma entrevista na Jovem Pan e lá pelas tantas o repórter perguntou: "Mas Benito, você conhece música? — e ele, aflitíssimo, respondeu: "Eu, não. Eu não".

Maurício, e você? O que é que acha do rock?

Maurício — Concordo com o Ezequiel. O rock brasileiro é pobre, indigente, uma tristeza, por todas essas coisas.

Mas tem gente que ouve o rock estrangeiro e consegue adaptá-lo à uma realidade nacional, o Pessoal do Ceará, por exemplo.

Maurício — Olha, é preciso não confundir uma batidinha de música pop, ou de balada, que se desenvolveu e já se incorporou à música feita em qualquer parte do mundo, com aquela pulsação do rock verdadeiro. Tem muita gente fazendo rock aqui, o Erasmo Carlos é um deles. Eles inclusive chegam e declaram: "Estamos fazendo rock". E é rock! Com letra brasileira.

Não é estranho que precisasse chegar um cara como Jim Capaldi aqui e dizer: "Olha, vocês têm muito ritmo Vocês devem se libertar e criar rock em cima disso, e agora trabalha feito um doido. Faz três LPs ótimos por ano e ao mesmo tempo mantém uma comunidade espiritual com restaurante macrobiótico. A droga pesada mata realmente, e o J. McLaughlin antes de descobrir o seu guru, andava tropeçando nos fios, inchado de heroína. Aí o tal guru apareceu e disse umas coisas para ele, ele acreditou e pronto. O guru é uma outra droga, mas os resultados musicais dessa outra droga são melhores. Tudo é uma questão de ser dependente de alguma coisa. antes era a agulha, agora é a oração.

Jimi Hendrix, não era agulha?

Ezequiel — Era tudo! Mas numa outra transação. Era aquela coisa dele querer experimentar, "saber até onde podia ir continuando vivo". Metia a cara. Foi criar enorme porque descobriu os tolos e saiu com o ouro.

Com relação ao aspecto do misticismo, em que medida é possível trazer o rock de fora com toda uma filosofia escapista?

Ezequiel — Seria um desastre. Lá fora o negócio foi o seguinte: o pessoal começou a ganhar dinheiro e a comprar drogas. De repente estavam todos muito massacrados e o trabalho começou a ir por água a baixo. Mas a Índia estava repleta de gurus à disposição. Quem quizesse ia lá e importava um. O Santana fez

minância dos grandes mitos. Nós acabamos conhecendo muito mais sobre o "country rock" do que sobre a embolada. É essa máquina aí. Não é que seja ruim ou boa, só que ela existe, aqui e agora. Isso "é o exemplo de uma violência que vai botando coisas na cabeça da gente até que acabemos íntimo delas. Sou da quarta geração do rock inglês ou do "heavy metal rock" e cadê o côco, já ouviram o côco?

Maurício, fala sobre as condições que tem um bom músico brasileiro para competir com essa máquina.

Maurício — Imaginem as condições de um pequeno jornal como esse, lá nos States, nos gravadores, no material fotográfico... A diferença não é só na música, mas na história em quadrinho, em tudo. É global.

O Gil tem alguma coisa a ver com o Rock?

Ezequiel — Ele tá por dentro de tudo o que se faz lá fora, ele ouve muito. Está por dentro da jogada do Santana, do Miles Davis. Inclusive o Miles Davis chamou o Gil para trocar no seu grupo e ele não aceitou.

Maurício — O Gil faz rock muito bem e nunca abandonou suas raízes, desenvolvendo cada vez mais sua ligação com os elementos da música negra. Ele conseguiu uma amplitude que talvez nenhum músico brasileiro

— No Brasil tem alguem que pensava claramente e agora está nos "portais do delírio"?

Maurício — Bem, houve a fase da metáfora, né? Daí os caras começaram a acreditar em outras coisas. O papa deles atualmente é o Raul Seixas. Você ouve o disco e não entende nada. Daí chega o cara e diz: "Você não tava ligado, não sacou". E como é que fica? Mas na linha mística também tem o Tim Maia Racional e agora os cursilhistas vão lançar um disco de hinos chamado Decolores.

E o Jorge Mautner, tem alguma coisa a ver com isso?

Maurício — O Mautner é ótimo. É um cara gozador. Não sabe música, não sabe tocar, não sabe cantar. Agora, tem uma canalha enorme que também não sabe fazer nada disso e assume uma postura de artista. O Mautner é um cara bem informado, faz letras engraçadíssimas que não dizem nada e nem ele pretende dizer. Ele é o único que pratica humor na música. Ele é o deboche pelo deboche.

De um tempo para cá surgiu muita gente fazendo crítica. As vezes se pensa que tem mais críticos que músicos...

Ezequiel — Os músicos também dizem isso, mas eles são é preguiçosos (risos). Tem o seguinte: disco vende bem e é muito consumido. Se cinema, literatura tem

lação aos outros porque conhece música. Se derem uma partitura, eles leem. É uma vantagem de qualidade, não de vendagem. Mas a vanguarda, as coisas ousadas, sempre foram de minoria em qualquer época, em qualquer tempo, em qualquer lugar do mundo.

Falando de vanguarda, e o Walter Franco?

Maurício — Existe uma lei da comunicação que diz: o excesso de informação nova gera redundância. O Walter Franco é um radical, quer modificar tudo brutamente, e fica parecendo um chato de galochas. Ele quer destruir a melodia, acabar com aquela coisinha linear de começo, meio e fim, e seu som fica parecendo todo igual. Mas que tem música, tem. O Naná, que tem um disco lindo esquecido nos porões das lojas, fez isso e se saiu muito bem.

Mas um cara quebrando tudo e mantendo uma estética, mesmo agredindo, como o Miles Davi satisfaz, não?

Maurício — A gente confunde sempre as coisas que nos agradam com as coisas que têm importância. O Walter Franco, o Naná e o Hermeto têm discos importantes que quebram e fazem propostas que são aceitas ou não. Inclusive, na música clássica, essas propostas são velhas e estão enterradas.

disco chamado "Strawinski au Future", feito logo depois da morte dele, que é todo assim.

Quando o Miles Davis esteve no Municipal, o Ezequiel gravou tudo com um cassete. É uma coisa de louco, ele não repetiu um concerto. É claro que é fruto da técnica, das pesquisas dele.

Nos sambas este improviso se dá quase esclusivamente em termos ritmicos. E mesmo assim é muito restrito. Existia, antigamente, improviso nos chorões que foi um procedimento parecido com o do jazz. Ainda existe isso nos desafios de violeiros. Nos choros, tinha aquela coisa de derrubar o parceiro. No final de uma sequência, o jogo era fazer uma sequência com final tão difícil para o outro se engasgar e cair fora. Mas esse é uma hábito infelizmente morto. Como milhares de outros na música popular brasileira.

Não seria bom, agora, a gente falar um pouco do Caetano, do Milton Nascimento?

Maurício — Mas nós já falamos bastante. Tem não sei quanto tempo de fita gravada com momentos muito bons e momentos menos bons. Eu sei que essa pergunta sobre o Caetano estava no bolsinho do colete, não é verdade?

É, é verdade sim...

Maurício — Então deixa só o que saiu expontâneamente. É melhor, não é?

Um Herói Brasileiro. E Esfomeado.

Rango é o herói destas tiras. Nasceu de pai brasileiro, como a maioria de nós. Com a leve diferença de que o pai dele pensa com fome.

Edgar Vasques é o pai. Gaúcho, com desenho de traço sujo como seus dedos que apontam para uma realidade idem. Ele tem 25 anos. Arquiteto. Curtido todos os dias na **Folha da Manhã** de Porto Alegre pelo Érico Veríssimo. Em São Paulo, publicado sempre no Ex-. Um livrinho editado. Outros livrinhos por vir. Mas nada disso teria importância se o seu trabalho fosse ruim.

Rango se confessa fã do chapéu de Carmem Miranda, hum, cheinho de comida; elegeu Pelé o protetor das criancinhas abandonadas; acha que só a Lei da Gravidade o segura no planeta.

No próximo número este espaço aí, o dos quadrinhos, será ocupado por alunos do Equipe. Quem já tem alguma coisa pronta entregue ao Gremio. Quem tem idéias, não perca tempo.

A maioria silenciosa precisa ler e pensar. Com a barriga cheia.

(Paula Plank).

O PAPO DA LAURA E DO REGINALDO

Os coordenadores do cursinho entram em cena e começam a falar de uma coisa muito importante — vocês.

O coordenador é a figurinha mais fácil do cursinho. Ele (ou eles) está (ou estão) em todas. Nós falamos assim porque na verdade, são dois os cordenoadores do cursinho — a Laura e o Reginaldo. Ela está no Cescea; ele no Cescem e Mapofei. Bem, a função do coordenador é ligar os professores aos alunos... e ambos ao vestibular. É como se eles fossem os maestros, mesmo.

Como eles desempenham um papel importante, é bom a gente falar mais um pouquinho deles. São eles, por exemplo, que se reunem com os professores, antes da chegada dos alunos, para decidirem quantas aulas serão dadas em cada matéria, em que dias, com qual sequência, coisas assim. Quando os alunos já estão aqui, acompanham o rendimento da turma, discutem o aproveitamento da classe nas provas, solucionam os problemas que inevitavelmente surgem, enfim, estão atentos para que saia tudo bem.

Mas paramos aqui. Agora eles, os coordenadores, é que falarão. Vão contar tintin por tintin como é que será o extensivo nesse ano.

O Equipe é constituído de alunos, professores e funcionários. Mas o aluno não é apenas uma parte integrante do curso e sim o núcleo de todas as atenções. Vamos trabalhar todos juntos para alcançar a mais importante das nossas metas: colocá-los numa boa faculdade. Para conseguirmos isso é preciso alguma coisa a mais, que não se limite à simples familiarização com "macetes" dos exames. Essa "alguma coisa a mais" pode ser vista assim:

— Desenvolver o raciocínio científico e a capacidade de entendimento de cada assunto.

— situar o aluno na realidade do vestibular para que obtenha tranquilidade e contrôle sobre qualquer situação de exame.

— organizar uma dinâmica no curso e no estudo individual, para o aluno conseguir um ritmo de trabalho eficiente.

São esses os nossos objetivos. Para concretizá-los elaboramos um plano que se desenvolverá em 5 fases. Vejamos como será cada uma delas:

A **primeira fase** começou com o curso e irá até fins de maio. A gente poderia chamá-la de fase de homogeinização ou de adaptação do aluno aos métodos do curso.

Ele vai receber uma carga volumosa em cada matéria do curso e tem que ter um alicerce para isso. E é nessa primeira etapa que se forma esse alicerce. Haverá um curso básico de matemática e todas as matérias terão uma preocupação de enfatizar a metodologia, o que é a história, o que é a física, o que é a geografia.

A primeira fase termina com uma prova geral. A gente chama essa prova de "simuladinho" porque é um mini-vestibular, planificado de acordo com a rotina dos exames principais.

O objetivo do "simuladinho" — assim como o objetivo de todas as avaliações do curso — é fazer com que o aluno perceba qual a sua posição com relação ao exame que vai fazer. O "simuladinho", a prova, o "simulado", toda a avaliação que a gente faz, é na realidade um posicionamento, o aluno faz para ver como está se saindo.

O aluno do Equipe sempre tem a perspectiva de que a prova não é um jogo onde se acerta ou erra. Ela é um termômetro daquilo que ele está sabendo e, se o termômetro revelar alguma anomalia, ela deverá ser sanada, com a recuperação, uma coisa assim...

A 2.ª fase dura 6 semanas. Ela se encerra com o "simuladão", no fim do primeiro semestre. Agora, que já existe uma base, os alunos terão um ritmo de trabalho mais intenso, fazendo exercícios das matérias prioritárias.

O encaminhamento todo da 2.ª fase é para o simuladão, mesmo. O "simuladão" é a situação criada com todos os detalhes de um vestibular verdadeiro, para o pessoal ir se acostumando. Depois desse exame e da divulgação dos resultados, o pessoal sai para umas férias de 15 dias.

Agôsto inicia a terceira fase. Neste momento as aulas estarão voltadas especificamente para o treinamento do vestibular, com o que chamamos de "provas comentadas".

"Prova comentada" é o seguinte: são escolhidas questões mais características de vestibulares passados — A Puc tem o seu jeitão de preparar o exame, o Cescea tem outro... — para servirem de modêlo. Através desse modêlo, são discutidas e elaboradas com os alunos, soluções para situações costumeiramente presentes nos vestibulares de cada escola ou área.

Essas situações formam um conjunto que tem peso no exame. Além do aluno ter que saber a matéria, ele tem que estar psicológicamente tranquilo para não ficar tenso, enfrentar uma prova mal elaborada linguisticamente falando, com uma representação gráfica esquisita, cheias de códigos confusos para serem respondidos.

Os meses de outubro e novembro estão reservados para a 4.ª fase. Ela é de importância fundamental porque, ao mesmo tempo, inicia e encerra um ciclo. Ela termina o ciclo das matérias, mas é com esse encerramento que o aluno estará preparado para a próxima etapa.

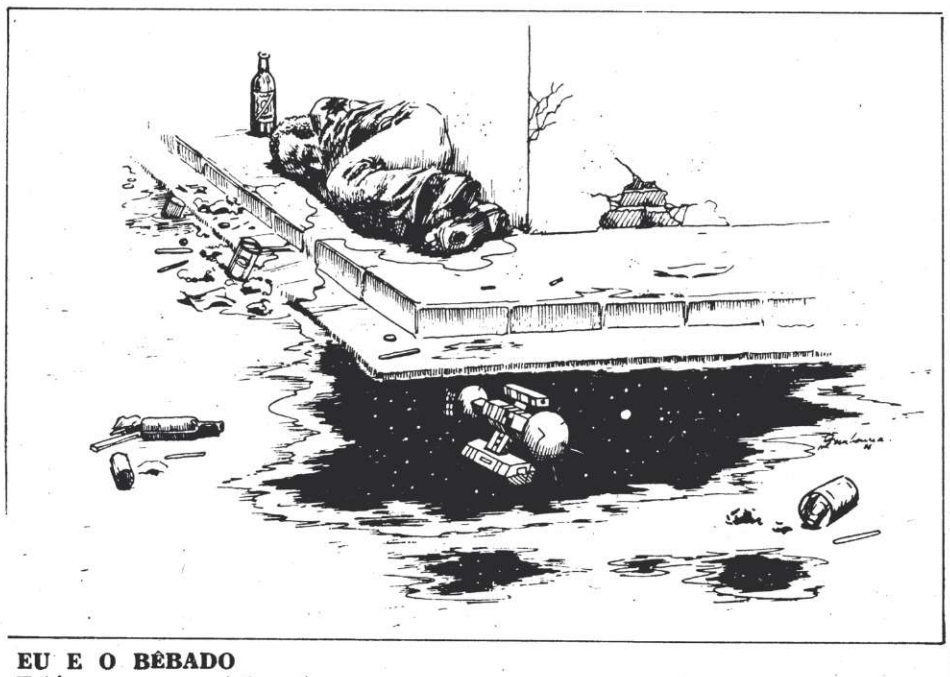
Serão dois meses onde a matéria vai se completando e o programa se concluindo. Ao mesmo tempo o aluno vai entrando na fase seguinte: a revisão.

Sendo a etapa definitiva antes dos exames, a revisão é a fase de maior importância. É nela que o aluno sente a matéria em bloco, panorâmica, encadeada, onde ele tem tudo na frente e sente com condições de manipulação.

A preocupação da revisão é sistematizar o volume de informações que o aluno possui em função das provas que fará.

O mês de dezembro, então, fica organizado dessa maneira: 1.ª semana, visão panorâmica; 2.ª semana, preparação específica para os exames da PUC e MACK (que todos, incluindo os do Cescea/Cescem/Mapofei deverão assistir); as duas últimas semanas para o "plantão de professores". Esse plantão é assim: todos os mestres são convocados se o aluno tem dúvidas ainda, e'e vai até lá, senta com o professor, discute, tem um assessoramento individual, particular, até ficar em dia.

Os Poemas de João e Helinho.



O Hélio e o João Batista não se conhecem, mas com certeza já se cruzaram várias vezes no páteo. O Hélio estuda no terceiro colegial da manhã e o João Batista no Supletivo da tarde. O Hélio gosta de escrever, fazer poesias, as vezes contos, no ano passado ajudou a editar um livro dos alunos do colégio. O João Batista, que chegou no Equipe em março, desenha. Nunca publicou nada, essa é a primeira vez. O Hélio foi procurado para ver se tinha algum material para a gente publicar. O João Batista estava, num intervalo de aulas, no páteo e ficou sabendo — ainda bem que as notícias circulam — do jornal e veio mostrar seus desenhos. Resultado: o Hélio e o João Batista juntos, um no ponto de ônibus, outro na calçada.

EU E O BÊBADO

Estávamos nas notas mais
altas da tristeza.
Os carros parados não nos
faziam sentido.
Talvez em pé, o ônibus chegaria
mais rapidamente ao ponto
frio e escuro
de onde conversávamos.
Ele falava sobre a psicologia
de enfrentar a vida.
Segundo suas palavras
desesperadas, a vida era um
passatempo agradável.
— eu o escutava —
Não havia com o que se
preocupar ou desculpar.
A vida ali estava.
Não tinha filhos nem esposa.
Andava solto pelas calçadas
que ele construiu em
algum mês de solidão.
Mas que não levavam seu nome.
Ao mesmo tempo,
havia uma mãe que
chorava por ele.
Não podia chegar cedo pois,
ouviria os prantos
irritantes da velha gorda e pobre.
Eram duas horas da manhã.
Minha mãe viajava.
Meu pai sumia em sonhos
desvairados em branco e preto.
Minha irmã corria
em busca de seus passos
mágicos e violentos.
E, eu e o bêbado, chorávamos
nas notas mais agudas da tristeza.
Aquela que sempre andou
ao nosos lado
nas madrugadas infamiliares
e nojentas.

MOMENTO FRANZINO E POESIA FRACA

Esquizofrenia ambulante,
estão prontos os viajantes,
enjaulados por suas cabeças,
eles cambaleam de uma
língua à outra.
Não há campo úmido que suporte
tanta chuva.
Enquadramento e acessórios,
uma luta entre águas e águas.
Caminhada desnecessária,
a luta entre a imaginação
e as cordas mentais.
Engradado municipal,
a luta entre o povo e os polvos
de sete armas.
Medalhas oculares,
a luta entre a visão e o olhar.
Metralhamento recalcado,
a luta entre um sino e um caixão.
Corpos cremados,
a luta entre pobres e corsários.
Mercenários gigantescos e infiéis,
a luta entre as bruxas
e suas vassouras.
Esquizofrenia ambulante ou
a caminhada por entre o
desvairismo de certos poetas.

MINHA BREVE ALEGRIA

Não nos iludamos.
Somos poetas.
E somos poetas porque
escrevemos versos.
E somos poetas porque
sentimos versos.
E somos poetas porque
choramos a vida.
Não nos iludamos.
Somos poetas.
Somos poetas porque sorrimos luta.
Somos poetas porque
comemos tristeza.
Somos poetas porque não somos.
Não nos iludamos.
Somos poetas.
Calados.
Angustiados.
Somos poetas.
Pedras.
Pedras e poetas.
Todos corroídos por seus
próprios versos.

O jornal EQUIPE é editado por EX-Editora Ltda, sob a responsabilidade do Grupo Educacional Equipe, r. Martiniano de Carvalho, 156 SP/SP. Composto e impresso no Jornal Paulista Ltda., rua Oscar Cintra Gordinho, 46 SP/SP. Tiragem: 10 mil exemplares. Distribuição gratuita.

Edição fac-similar realizada nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, junho de 2010.